



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
LINGUAGENS E SABERES NA AMAZÔNIA



**JUCIANY DE LIMA SOARES**

**OS TERMOS DA PESCA NA VILA DOS PESCADORES DE AJURUTEUA  
(BRAGANÇA-PA): uma abordagem socioterminológica**

Bragança-PA

2017

JUCIANY DE LIMA SOARES

**OS TERMOS DA PESCA NA VILA DOS PESCADORES DE AJURUTEUA  
(BRAGANÇA-PA): uma abordagem socioterminológica**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, da Universidade Federal do Pará - Campus de Bragança, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carmen Lúcia Reis Rodrigues

Bragança-PA

2017

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**Biblioteca Prof. Armando Bordallo da Silva. Bragança, PA / UFPA**

---

Soares, Juciany de Lima

Os termos da pesca na vila dos pescadores de Ajuruteua (Bragança - PA): Uma abordagem socioterminológica / Juciany de Lima Soares; orientadora, Carmen Lúcia Reis Rodrigues. — Bragança (PA): [s. n.], 2017.

113 f.: il.; 30 cm

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Bragança, Programa de Mestrado Interdisciplinar em Linguagens e Saberes na Amazônia, Bragança (PA), 2017.

1. Pesca - Bragança (PA) - Terminologia. 2. Língua portuguesa – Pará – Vocabulários, glossários. 3. Sociolinguística. I. Rodrigues, Carmen Lúcia, orient. II. Título.

CDD: 22. ed.: 413.0288115

JUCIANY DE LIMA SOARES

**OS TERMOS DA PESCA NA VILA DOS PESCADORES DE  
AJURUTEUA (BRAGANÇA-PA): uma abordagem  
socioterminológica**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, da Universidade Federal do Pará - Campus de Bragança, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

Presidente: \_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Carmen Lúcia Reis Rodrigues (Orientadora) (UFPA/ Campus de  
Castanhal-Pa)

Membro interno: \_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Tabita Fernandes da Silva (UFPA/ Campus de Bragança-Pa)

Membro externo: \_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Elias Maurício da Silva Rodrigues (UFRA/ Campus de  
Capanema-Pa)

Bragança-PA

2017

A Deus. Aos meus queridos pais Paulo Soares  
(in memoriam) e Jucileide Soares e ao meu  
avô, pescador, Luís Soares (in memoriam).

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder o dom da vida e capacidade para conhecer e realizar.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, pela oportunidade.

À professora Dr<sup>a</sup>. Raimunda Benedita Cristina Caldas, pelas valiosas orientações que foram interrompidas por motivo de força maior. Dedico-lhe minhas orações.

À professora Dr<sup>a</sup> Carmem Lúcia dos Reis Rodrigues, pela disponibilidade em me orientar, pelo incentivo e pelas valiosas orientações.

Aos Professores: Profa. Dra. Raimunda Benedita Cristina Caldas, Profa. Dra. Carmen Lucia Reis Rodrigues, Profa. Dra. Tabita Fernandes da Silva, Prof. Dr. José Guilherme dos Santos Fernandes, Prof. Dr. Daniel dos Santos Fernandes, Prof. Dr. Luís Junior Costa Saraiva, Prof. Dr. Salomão Antonio Mufarrej Hage pelas contribuições nas disciplinas ministradas.

Ao Professor Dr. Elias Maurício da Silva Rodrigues, pelas importantes contribuições e pela disponibilidade em me orientar em relação à utilização das ferramentas computacionais utilizadas no tratamento do *corpus*.

Aos pescadores e marreiros da comunidade Vila dos Pescadores de Ajuruteua, pela atenção e respeito com que sempre me receberam.

À minha família: mãe, irmãos, tios, primos, e cunhados por sempre me apoiarem e dedicarem suas orações em prol da realização deste projeto.

Às amigas da pós-graduação: Márcia Saviczki, Andréia Ribeiro, Francisca Galeana e Elizabete Conde pelo apoio dedicado em diferentes situações durante este percurso, ao amigo Josué Leonardo pela atenção dispensada através do compartilhamento de materiais e experiências em relação à pesquisa em Terminologia, ao amigo Wanilson Pereira pela companhia durante a pesquisa de campo.

## RESUMO

Este trabalho consiste no registro, por meio de um glossário eletrônico, da terminologia da pesca artesanal, que expressa saberes tradicionalmente construídos durante o seu desenvolvimento diário na comunidade Vila dos Pescadores de Ajuruteua, na cidade de Bragança, estado do Pará. A pesquisa está ancorada nos procedimentos teórico-metodológicos da Socioterminologia, propostos principalmente por Gaudin (1993) e Faulstich (1995,1998,2001,2006), perspectiva que considera o fator social e o fenômeno da variação linguística no estudo e na descrição de línguas de especialidade e visa analisá-las considerando o seu contexto de uso. Os dados que constituem o *corpus* da pesquisa foram levantados a partir do discurso oral de 11 pescadores (08 homens e 03 mulheres) e 03 marreiros, por meio de entrevistas e conversas informais, que totalizaram aproximadamente 12 horas de gravação. Os termos foram selecionados considerando-se a pertinência temática e pragmática. Foram utilizados os programas computacionais: AntConc 3.4.4.w para auxiliar na seleção das unidades terminológicas e Lexique Pro 3.6 para organizar os verbetes, conforme a macroestrutura e a microestrutura previstas para a obra.

**Palavras Chave:** termo (s) - pesca Ajuruteua (Bragança - PA). Socioterminologia. glossário.

## ABSTRACT

This work consists of a record, produced using an electronic glossary, of the terminology of artisanal fishing, that expresses the knowledge traditionally built during its daily development in Vila dos Pescadores, located in Ajuruteua, Bragança city, state of Pará. The research is based on the theoretical and methodological procedures of Socioterminology, proposed by Gaudin (1993) and Faulstich (1995,1998,2001,2006), perspective that considers the social factor and the phenomenon of linguistic variation in the study and in the description of specialty languages, and aims to analyze them considering their use context. The data that constitute the *corpus* of the research were obtained from the oral discourse of 11 fishermen (8 men and 3 women) and dealers by interviews and informal conversations, that totaled approximately 12 hours of recording. The terms were selected considering the thematic and pragmatic pertinence. Computer programs were used: AntConc 3.4.4.w to assist in the selection of terminological units, and Lexique Pro 3.6 to organize the entries, according to the macrostructure and microstructure planned for the work.

**Keywords:** fishing Ajuruteua (Bragança - PA). Socioterminology. glossary.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 -Tipos de redes de pesca e formas de uso empregadas na Vila dos Pescadores de Ajuruteua. ....	39
Quadro 2 - Etiquetas usadas no software Lexique Pro. ....	65
Quadro 3 - Etiquetas usadas no software Lexique Pro para registrar o termo "pescadeira". ...	69
Tabela 1 - Perfil dos informantes. ....	57
Tabela 2 - Distribuição dos termos no repertório quanto à classe gramatical a que pertencem. ....	73
Mapa 1- Acesso à comunidade Vila dos Pescadores de Ajuruteua. ....	54
Mapa 2 - Localização da comunidade Vila dos Pescadores de Ajuruteua. ....	55
Esquema 1 - Constructo teórico da variação em Terminologia. ....	23
Esquema 2 - Constructo teórico da variação em Terminologia (modelo ampliado). ....	23
Esquema 3 - Árvore de domínio. ....	59
Figura 1 - Ferramenta Word List (lista de palavras ordenada de acordo com a frequência de uso). ....	63
Figura 2 - Ferramenta Word List. (lista de palavras ordenada alfabeticamente). ....	63
Figura 3 - Ferramenta Concordance. ....	63
Figura 4 - Ferramenta Clusters N-Grams ....	64
Figura 5 - Registro dos termos no software Lexique Pro. ....	66
Figura 6 - Visualização do verbete ....	72
Fotografia 1 - Pescador tecendo rede pescadeira. ....	41
Fotografia 2 - Agulhas usadas para tecer redes, entalhá-las e fazer reparos. ....	42
Fotografia 3 - Munzuá. ....	46
Fotografia 4 - Curral de enfia. ....	47
Fotografia 5 - Moirões e varas usados na construção dos currais. ....	48
Fotografia 6 - Despesca no curral de enfia. ....	49
Fotografia 7 - Pescadores transportando pescados capturados no curral. ....	50
Fotografia 8 - Espinhel de grilon. ....	51
Fotografia 9 – Espinhel de náilon. ....	51

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>1 OS ESTUDOS TERMINOLÓGICOS</b> .....	<b>13</b>
<b>1.1 Teoria Geral da Terminologia: perspectiva tradicional</b> .....	<b>13</b>
<b>1.2 Socioterminologia: perspectiva atual</b> .....	<b>15</b>
1.2.1 Objeto de estudo: o termo.....	18
1.2.1.1 <i>O termo como expressão de saberes tradicionais</i> .....	20
1.2.2 O fenômeno da variação em línguas de especialidade .....	20
1.2.3 A elaboração de repertórios terminológicos à luz dos pressupostos socioterminológicos.....	27
<b>1.3 A inter-relação entre a Terminologia e a Tradução na produção de obras terminográficas</b> .....	<b>29</b>
<b>2 A ATIVIDADE PESQUEIRA</b> .....	<b>34</b>
<b>2.1 A pesca artesanal</b> .....	<b>36</b>
<b>2.2 Pesca artesanal: um saber tradicional</b> .....	<b>37</b>
<b>2.3 A pesca na Vila dos Pescadores de Ajuruteua</b> .....	<b>38</b>
2.3.1 Pesca com redes.....	39
2.3.1.1 <i>Rabiadeira</i> .....	42
2.3.1.2 <i>Serreira</i> .....	43
2.3.1.3 <i>Sardineira</i> .....	43
2.3.1.4 <i>Camaroeira</i> .....	43
2.3.1.5 <i>Tainheira</i> .....	44
2.3.1.6 <i>Caiqueira</i> .....	44
2.3.1.7 <i>Gozeira</i> .....	44
2.3.1.8 <i>Pescadeira</i> .....	45
2.3.1.9 <i>Tarrafa</i> .....	45
2.3.1.10 <i>Puçá</i> .....	45
2.3.2 Pesca com armadilhas.....	46
2.3.2.1 <i>Pesca com munzuá</i> .....	46
2.3.2.2 <i>Pesca de curral</i> .....	47
2.3.3 Pesca com linha .....	50
2.3.3.1 <i>Linha de espera</i> .....	50
2.3.3.2 <i>Pesca de espinhel</i> .....	51
2.3.4 A comercialização do pescado .....	52
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	<b>53</b>
<b>3.1 O desenvolvimento da pesquisa de campo</b> .....	<b>53</b>
3.1.1 A área da pesquisa .....	53
3.1.2 Objetivos da pesquisa .....	56
3.1.3 Público a que se destina a obra .....	56
3.1.4 Perfil dos Informantes .....	57
3.1.5 Conhecimento da área e árvore de domínio .....	58
3.1.6 O levantamento dos dados e a constituição do corpus .....	59
<b>3.2 Tratamento dos dados</b> .....	<b>61</b>
3.2.1 Transcrição das entrevistas e seleção dos termos.....	61
3.2.2 O Registro dos termos .....	64
<b>3.3 Organização e constituição do repertório</b> .....	<b>66</b>
3.3.1 A macroestrutura da obra .....	67
3.3.2 A seleção da nomenclatura .....	67
3.3.3 Organização dos termos na macroestrutura.....	68
3.3.4 Organização da microestrutura .....	68

<b>4 GLOSSÁRIO DA PESCA NA VILA DOS PESCADORES DE AJURUTEUA (BRAGANÇA-PA).....</b>	<b>73</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>109</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>111</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>114</b>
<b>APÊNDICE A – DADOS DOS INFORMANTES .....</b>	<b>115</b>
<b>APÊNDICE B – ENTREVISTA - PESCADORES. ....</b>	<b>116</b>
<b>APÊNDICE C – ENTREVISTA - MARRETEIROS .....</b>	<b>117</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>118</b>
<b>ANEXO A - NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO <i>CORPUS</i>.....</b>	<b>119</b>

## INTRODUÇÃO

A língua é utilizada conforme a necessidade de seus usuários para interagir em sociedade, a sua principal função é, portanto, a comunicação, desse modo não há como concebê-la dissociada do seu contexto de realização. Assim, para descrevê-la é necessário considerar os seus usos, pois ela é tanto um produto da cultura como também é o meio que possibilita a sua veiculação, tanto à atual quanto às futuras gerações.

Os aspectos socioculturais impressos na língua podem ser notados, especialmente, por meio do léxico, pois é por meio dele que cada comunidade representa a realidade, de acordo com a percepção que possui desta, conforme a sua própria cultura e interesses, que são específicos em cada comunidade, conforme observa Lévi-Strauss (1997).

O léxico é, dessa forma, “o lugar do conhecimento, sob o rótulo sintético das palavras - os signos linguísticos”, conforme ressalta Biderman (1996, p. 27), sendo um importante meio para que se possa compreender uma determinada cultura. Nesse sentido, pode-se considerar o léxico especializado, objeto deste estudo, como o lugar dos conhecimentos especializados, que são expressos por meio de signos, que ao adquirirem significados dentro das áreas especializadas passam a ter *status* terminológico.

Neste trabalho, realizou-se um estudo descritivo acerca do léxico especializado da pesca, atividade que apresenta considerável relevância cultural e socioeconômica para a cidade de Bragança-PA, onde se localiza a comunidade Vila dos Pescadores de Ajuruteua, local em que se realizou esta pesquisa. Ressalta-se que, até o início da mesma, não se teve conhecimento de outros trabalhos desta natureza realizados na referida comunidade, percebe-se também a carência de estudos acerca da terminologia desta área. Tomou-se conhecimento, apenas, de outras duas pesquisas que foram desenvolvidas no estado do Pará acerca da terminologia da atividade pesqueira, a saber: Glossário Semi-sistemático da Terminologia do Pescado em Santarém, realizada por Carvalho (2006), e O Léxico da Pesca em Soure - Ilha do Marajó, realizada por Velasco (2003).

A comunidade Vila dos Pescadores de Ajuruteua é eminentemente pesqueira, seus moradores são, em grande maioria, pescadores e têm a pesca como sua principal fonte de renda. Nessa localidade, a atividade pesqueira é realizada a partir de saberes, construídos de maneira tradicional, que são repassados dos mais experientes aos iniciantes, por meio da oralidade, na convivência diária.

Esta pesquisa centra-se, assim, na realização de um estudo em torno do léxico especializado que traduz esses conhecimentos tradicionais. Assim, tem por objetivo registrar,

em um glossário eletrônico, a terminologia da pesca proveniente do discurso oral dos pescadores residentes na Vila dos Pescadores de Ajuruteua, em Bragança-Pa. Para tanto, pretende-se também: (1) identificar, a partir do discurso de pescadores e marreteiros, os termos que expressam os saberes da pesca desenvolvida na Vila dos Pescadores de Ajuruteua; (2) descrever a terminologia da área de especialidade, considerando o fenômeno da variação, identificando a ocorrência de variantes no interior dos discursos dos profissionais; e (3) organizar um glossário da pesca artesanal desenvolvida na comunidade pesquisada.

O percurso metodológico adotado para a concretização desta pesquisa pautou-se em: observações, realizadas considerando-se o ponto de vista etnográfico, entrevistas semiestruturadas e conversas informais. Constituímos, assim, um *corpus* a partir do discurso oral dos pescadores e marreteiros, e, a partir do mesmo, procedemos à identificação e ao registro dos termos, etapas em que utilizamos os programas computacionais AntConc 3.4.4.w e Lexique Pro 3.6.

Os termos foram registrados conforme são empregados pelos socioprofissionais no contexto sociocultural em que estão inseridos e os textos definicionais foram formulados de acordo com a definição dada por aqueles. Assim, realizou-se uma tradução de tais conhecimentos, objetivando torná-los acessíveis ao público alvo a que se destina o repertório.

Respaldou-se, para a realização desta pesquisa, nos referenciais teóricos e metodológicos da socioterminologia, disciplina voltada à análise e à descrição do léxico especializado, que o situa em seu contexto de uso, considerando, assim, o fator social nas investigações linguísticas. Essa perspectiva de estudo chama a atenção para a possibilidade da ocorrência do fenômeno da variação terminológica e defende o registro das variantes. Reportamo-nos também aos estudos da tradução, de forma breve, tendo em vista que ao se descrever uma terminologia realiza-se uma atividade tradutória.

Considerando o exposto, desenvolvemos este trabalho apresentado e estruturado em capítulos, descritos abaixo.

O primeiro capítulo trata sobre os estudos terminológicos, onde se demonstra o surgimento da disciplina Terminologia a partir do desenvolvimento da Teoria Geral da Terminologia e seus postulados, propostos por Engen Wüster. Em seguida, abordam-se os principais aspectos que conduziram a uma nova forma de pensar os estudos terminológicos: a Socioterminologia, a qual surgiu a partir de críticas feitas à Terminologia Tradicional, tanto em sua forma de conceber a unidade terminológica quanto em seus procedimentos metodológicos. Tais posicionamentos conduziram ao desenvolvimento da Teoria da Variação em Terminologia, que considera o processo de variação em línguas de especialidade. Adotou-

se, assim, o ponto de vista socioterminológico e a perspectiva da variação na descrição da terminologia da pesca por se acreditar que não há como fazer uma descrição linguística, em um determinado contexto sociocultural, sem considerar e registrar as variantes linguísticas, tendo em vista a dinamicidade da língua.

O segundo capítulo aborda a atividade pesqueira como uma prática desenvolvida desde a Antiguidade, que atualmente constitui-se como uma profissão devidamente regulamentada. Apresenta também como se dá a realização dessa atividade na Vila dos Pescadores de Ajuruteua, em Bragança-PA, descrevendo as artes de pesca utilizadas na referida comunidade, além de retratar como esses saberes são transmitidos às próximas gerações.

O terceiro capítulo demonstra o percurso metodológico percorrido para a realização da pesquisa, descreve como ocorreu a coleta dos dados na comunidade e quais os procedimentos adotados para a construção da obra terminográfica.

O quarto capítulo constitui-se do próprio glossário, composto por 236 termos, descritos conforme são usados pelos socioprofissionais na Vila dos Pescadores de Ajuruteua, que expressam os saberes referentes à atividade pesqueira nessa comunidade.

A terminologia descrita apresenta, assim, aspectos socioculturais referentes à atividade pesqueira na Vila dos Pescadores de Ajuruteua e possibilita que os saberes em torno dessa atividade tradicional sejam conhecidos também fora do contexto em que são empregados, devido ao registro escrito de uma amostra dos termos em uso, atualmente, por socioprofissionais na referida comunidade.

## 1 OS ESTUDOS TERMINOLÓGICOS

O termo *terminologia* é polissêmico, pode referir-se tanto a um conjunto de unidades lexicais específicas de uma área de conhecimento quanto ao campo de estudos que possui dimensões teórica e prática, segundo Krieger e Finatto (2004).

A Terminologia, enquanto campo do conhecimento, apresenta, conforme as autoras, uma dupla face: uma que contempla a teoria, embasada por um conjunto de premissas, e outra prática, a terminografia, que se caracteriza pelas aplicações terminológicas e origina produtos como: glossários, dicionários técnico-científicos, bancos de dados terminológicos e sistemas de reconhecimento automático de terminologias.

A disciplina possui objetos delimitados, dos quais o principal é o termo técnico-científico, unidade lexical que adquire *status* terminológico quando é empregada em uma área especializada; a fraseologia especializada e a definição terminológica também são de seu interesse. Conforme Krieger e Finatto (2004, p. 22), “a Terminologia é um campo de conhecimento que vem intensificando os estudos sobre a constituição e o comportamento dos termos, compreendendo desde a sua gênese até o exame das suas relações nas mais distintas áreas do conhecimento científico e técnico”.

A Terminologia dialoga com outras áreas do conhecimento, tais como: informática, lógica, ontologia, e as ciências da documentação, o que confere à disciplina caráter inter e transdisciplinar, conforme Krieger e Finatto (2004).

O uso das linguagens de especialidade<sup>1</sup> remonta à Antiguidade, no entanto o interesse pelo estudo das mesmas e a sistematização de teorias em torno delas, com o objetivo de respaldar as análises, descrições e aplicações, são relativamente recentes, observa Barros (2004), datando da primeira metade do século XX, período em que foram lançadas as bases da Teoria Geral da Terminologia, que posteriormente sofreu diversas críticas, as quais conduziram ao desenvolvimento de outras teorias, entre elas a Socioterminologia, que considera o fator social no estudo e na descrição das terminologias.

### 1.1 Teoria Geral da Terminologia: perspectiva tradicional

Eugen Wüster (1898-1977), engenheiro industrial e professor, lançou as bases para a consolidação da disciplina Terminologia em 1931, ano em que publicou a obra *Die internationale Sprachnormung in der Technik, besonders in der Elektoni*, baseada na sua tese

---

<sup>1</sup> Linguagens empregadas nos contextos de comunicação das áreas especializadas.

de doutorado, de acordo com Faulstich (1995). Os estudos de Wüster deram origem à Teoria Geral da Terminologia (TGT), que está registrada em obra póstuma intitulada *Introdução à Teoria Geral da Terminologia*, publicada na Alemanha, em 1979, por Helmut Felber, segundo Krieger e Finatto (2004).

As proposições acerca das linguagens de especialidades elaboradas por Wüster na TGT foram motivadas pelo propósito de se alcançar a eficiência nas comunicações técnicas e científicas no âmbito internacional. Esse objetivo o conduziu ao estabelecimento de princípios metodológicos para sistematizar o léxico especializado, primando, essencialmente, pela padronização terminológica, com o intuito de eliminar a possibilidade de ocorrência de ambiguidades nos discursos especializados, de acordo com Krieger e Finatto (2004).

Para Wüster deveria haver um único conceito para um único termo, a fim de se garantir a univocidade na comunicação especializada. Termos polissêmicos, sinônimos ou homônimos não poderiam existir nas terminologias (BARROS, 2004).

Mesmo reconhecendo a existência da polissemia dos termos, o teórico enfatizava que estes deveriam ser monovalentes no interior das terminologias, a fim de eliminar qualquer possibilidade de variação através da normalização, o que se constituiu, posteriormente, no principal ponto de reflexão para o desenvolvimento da socioterminologia, que aceita o fenômeno da variação como um processo natural nas línguas naturais, às quais pertencem as terminologias, criticando, assim, a postura normalizadora e prescritiva da TGT (FAULSTICH, 2001).

Segundo a TGT, os termos são compreendidos como “designações de conhecimentos científicos”, pois “expressam conceitos e não significados” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 33). Tal concepção está vinculada ao fato de que para a vertente clássica o componente conceitual detém prioridade em relação ao linguístico. Além disso, o conceito e a designação são considerados como entidades distintas e independentes, visão que se distancia da perspectiva atual dos estudos terminológicos, que aborda os termos como signos linguísticos, unidades compostas de expressão e conteúdo de forma indissociável, conforme definiu Saussure (BARROS, 2004).

De acordo com a TGT, só poderiam ser registrados termos considerados aprovados para o uso por profissionais das áreas técnicas e científicas, pois se buscava normatizá-los. Atualmente, tem-se uma visão oposta, pois se considera que o uso deve preceder o registro, segundo Faulstich (2001). Ainda conforme a autora, em virtude dessa postura prescritiva, adotada pelos terminólogos clássicos, apenas a modalidade escrita da língua era privilegiada,



hoje, porém, a perspectiva socioterminológica já considera a necessidade de investigar o léxico em sua forma oral, o que nos propomos a fazer nesta pesquisa.

A TGT é, assim, reconhecida pela contribuição para a consolidação da disciplina Terminologia como um campo de conhecimento com identidade própria dentre as ciências do léxico, de acordo com Krieger e Finatto (2004), no entanto, seus pressupostos teóricos e metodológicos receberam diversas críticas, especialmente por desconsiderarem o caráter social na análise e descrição das terminologias. Tais críticas conduziram a realização de novas releituras acerca das línguas de especialidade. A socioterminologia surge, dessa forma, com a proposição de se pensar o termo sob nova perspectiva, considerando os aspectos pragmáticos concernentes ao seu uso, assim, apresenta novos postulados teóricos e metodológicos, os quais serão abordados no item seguinte.

## **1.2 Socioterminologia: perspectiva atual**

A denominação socioterminologia foi utilizada pela primeira vez por Jean-Claude Boulanger, em 1981, em um artigo publicado em Quebec nos números 7-8 do Terminogramme do OLF, segundo Faulstich (1995). O autor expressa em seu artigo intitulado *Une lecture sócio-culturelle de la terminologie* que a nova perspectiva dos estudos terminológicos “vem atenuar os efeitos prescritivos exagerados de algumas proposições normativas” (BOULANGER, 1991, p.25 apud FAUSTICH, 2006, p.29).

Na década de 1990, a teoria clássica passou por uma revisão, realizada por linguistas que a consideravam reducionista em virtude do seu teor prescritivo e normalizador. Das críticas surgiram novas concepções sobre as linguagens de especialidade, além de metodologias de trabalho consideradas mais adequadas para lidar com as mesmas. O principal aspecto abordado pela perspectiva socioterminológica refere-se à consideração do aspecto social nos estudos do léxico especializado. Considerando esse princípio, diversas pesquisas contribuíram para alterar o foco da normalização, que passou, de acordo com Faulstich (2006, p. 27), a ter a função de “harmonizar”.

Em 1993, François Gaudin, em sua tese de doutorado intitulada *Pour une socioterminologie – des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles* “discute com maior propriedade a pertinência da terminologia voltada para o social”, segundo Faulstich (1995, n.p.), ressaltando a importância do contexto social no tratamento das línguas de especialidade, pois, para Gaudin (1993, p. 212, apud BARROS, 2004, p. 69), a “prática

terminológica é inseparável tanto do conhecimento do espaço da ação onde ela se dá, quanto das práticas de linguagem que visa modificar ou assegurar”.

O caráter prescritivo da visão clássica e o seu ideal normalizador são, desse modo, substituídos pelo exame do contexto no qual os termos são utilizados, como consequência o fenômeno da variação terminológica passa a ser reconhecido e estudado. Assim, Gaudin “postula a variação como o eixo central para o desenvolvimento da socioterminologia”, conforme Krieger e Finatto, 2004, p. 35. Desse modo, o fenômeno da variação, que para Wüster (1931, apud FAULSTICH, 2006) era considerado como “perturbação da unidade linguística”, passa a ser o ponto de partida para o desenvolvimento da disciplina socioterminologia.

A socioterminologia é definida por Faulstich (1995, n.p.) como: “a disciplina que se ocupa da identificação e da categorização das variantes linguísticas dos termos em diferentes tipos de situação de uso da língua”. A autora considera a variação terminológica como um fenômeno decorrente dos usos linguísticos que uma comunidade faz das línguas de especialidade, dedicando-se tanto à compreensão quanto à categorização dessas variantes.

As línguas de especialidade estão sujeitas a sofrer variações e mudanças devido ao processo de interação social, pois uma língua só se realiza se houver uma comunidade de usuários e a comunicação entre os mesmos pode gerar diferentes termos para um mesmo conceito e diferentes conceitos para um mesmo termo, observa Faulstich (1995). O ponto de vista defendido pela autora reforça, assim, a perspectiva atual para as pesquisas terminológicas “de que a terminologia está voltada para a observação do uso do termo em contextos de língua oral e de língua escrita, atitude que implica a possibilidade de identificação de variantes dentro de um mesmo contexto ou em diferentes contextos em que o termo é usado” (FAULSTICH, 2006, p. 30).

A disciplina socioterminologia ocupa-se, dessa forma, da descrição e da sistematização das variantes terminológicas. Mas, para se descrever uma terminologia é necessário observá-la em seu funcionamento, uma vez que os termos desempenham funções no meio em que são utilizados, já que são criados para suprir necessidades em relação à comunicação e transmitir conceitos, informações referentes a um discurso especializado.

A disciplina objetiva, portanto, proceder à descrição dos termos tal qual funcionam no meio linguístico e social onde são empregados, considerando a área especializada, e observando a possível ocorrência de variação. Por essa razão, privilegia o funcionalismo linguístico como a abordagem adequada para que se possa compreender os fenômenos linguísticos observados. Sendo assim, Faulstich (2006, p.29) ressalta que:

Para que se estabeleçam padrões socioterminológicos existentes na funcionalidade da terminologia das linguagens de especialidade, é preciso, antes de tudo, reconhecer que o estudo da terminologia está em relação direta com o estudo da língua na qual os termos são usados. O funcionalismo lingüístico é a abordagem adequada, porque orienta a interpretação dos fenômenos lingüísticos para si próprios. Essa perspectiva tem como objeto científico descrever e explicar os próprios fenômenos lingüísticos, trabalho a ser feito pelo pesquisador variacionista.

O funcionalismo lingüístico considera a língua como um instrumento de interação social, cujo principal papel é a comunicação entre os membros da comunidade lingüística que dela se apropriam. Busca compreender como se processa a comunicação observando o seu funcionamento sob vários aspectos, tanto internos (semânticos, sintáticos, fonológicos) quanto externos, que envolvem o contexto de produção do discurso. A comunicação não se restringe, portanto, à recepção e transmissão das informações factuais, mas é um processo interativo e dinâmico, realizado por meio de atividades através das quais os usuários realizam determinadas mudanças na informação pragmática (NEVES, 2004).

A socioterminologia propõe-se, desse modo, a analisar as terminologias “*in vivo*”, ou seja, em uso pelas comunidades sociais, ao invés de estudá-las “*in vitro*” procedimento adotado pela TGT, que primando pela normatização desconsiderava a relação existente entre língua e sociedade, a qual passa a ser considerada como um importante fator para a compreensão de unidades lexicais especializadas, tendo em vista que “para a socioterminologia, é fundamental levar em consideração o uso dos termos e situar a comunicação especializada em seu lugar social” (BARROS, 2004, p. 69).

A socioterminologia deve ser compreendida, de acordo com Faulstich (1995), sob dois enfoques: enquanto disciplina, fornece o aporte teórico necessário, apoiando-se na lingüística, considerando a interação social enquanto um fator essencial em suas análises; e enquanto prática de trabalho terminológico, dedica-se à análise das condições de utilização do termo em funcionamento em um dado contexto.

A autora destaca também que os princípios da sociolingüística e da etnografia auxiliam a pesquisa socioterminológica. Os princípios sociolingüísticos referentes às variações lingüísticas e à perspectiva da mudança são utilizados pela socioterminologia, mas esta não pode ser confundida com aquela, pois dedica-se, como já mencionamos, ao estudo do léxico especializado. Em relação aos princípios etnográficos estes servem à pesquisa, pois considera-se que só há variação porque há interação entre os membros da comunidade e, assim, podem surgir termos diferentes para um mesmo conceito ou conceitos diferentes para um mesmo termo. Para Faulstich (2006, p. 30):

[...] a pesquisa socioterminológica deverá considerar que os termos, no meio lingüístico e social, são entidades passíveis de variação e de mudança e que as comunicações entre membros da sociedade são capazes de gerar conceitos interacionais para um mesmo termo ou de gerar termos diferentes para um mesmo conceito.

A socioterminologia busca, desse modo, nos usos que a sociedade faz das terminologias, atentar para os conceitos e termos que circulam nos ambientes interacionais. Fazer isso, implica, portanto, considerar os contextos em que esses usos ocorrem, a fim de se fazer uma descrição que seja condizente com as características reais do termo, pois as línguas de especialidade resultam de uma construção social e realizam-se em consequência dos interesses e das necessidades dos usuários, estando, por isso, sujeitas às mesmas condições de uso que a língua geral, podendo sofrer variação assim como esta.

Apoiando-se nessa abordagem, a socioterminologia dedica-se à descrição do uso concreto das unidades terminológicas, considerando as características linguísticas próprias da comunidade em que são realizadas, de acordo com Faulstich (1995). Nesse sentido, nesta pesquisa, procurou-se conhecer os termos da pesca como são utilizados pelos profissionais envolvidos nessa atividade na comunidade selecionada.

### 1.2.1 Objeto de estudo: o termo

O termo, também denominado de unidade terminológica, é uma unidade lexical que apresenta enquanto significado um conteúdo específico de uma área de especialidade; é o signo linguístico das línguas de especialidade, objeto de estudo da socioterminologia.

Faulstich (2006, p. 28), tendo em vista a percepção acerca da variação em línguas de especialidade, no intuito de compreender como se dá esse fenômeno, apresenta os termos sob uma releitura. Nesse sentido define-os como:

- a) signos que encontram sua funcionalidade nas linguagens de especialidade, de acordo com a dinâmica das línguas;
- b) entidades variantes, porque fazem parte de situações comunicativas distintas;
- c) itens do léxico especializado que passam por evoluções, por isso devem ser analisados no plano sincrônico e no plano diacrônico das línguas;

O termo é concebido, portanto, como um signo linguístico que se torna funcional no interior das comunicações especializadas, pois assume uma função específica de determinado valor de acordo com o contexto em que é utilizado. O nome *rede*, por exemplo, no léxico

geral da língua é um substantivo comum que pode remeter a vários significados, mas no domínio da pesca artesanal apresenta um conceito específico, é um instrumento utilizado para capturar peixes, cujas malhas variam de tamanho conforme a espécie que se deseja capturar.

Considerando que os termos são passíveis de sofrer variação, são considerados variantes um do outro os termos que possuem o mesmo significado referencial e as mesmas condições de uso, de acordo com Faulstich (2006). No domínio da pesca artesanal, por exemplo, temos os termos *rabiadeira* e *ponta de rede*, que se referem à rede de pesca em que uma extremidade é fixada no fundo do mar enquanto a outra fica livre, movimentando-se de acordo com a dinâmica das marés capturando os peixes que passam por ela.

Cabré (2005) também compreende que o termo é uma palavra que é ativada através do uso, considerando-se o contexto comunicativo no qual é empregada, através do processo de terminologização, pois “uma unidade lexical não é em si terminológica ou geral, mas é uma unidade geral que adquire valor especializado ou terminológico quando seu significado especializado é ativado pelas condições pragmáticas do discurso”<sup>2</sup> (CABRÉ, 2005, n.p.).

Assim, para a autora “toda unidade lexical seria, portanto, potencialmente uma unidade terminológica, mesmo que esse valor nunca tenha sido ativado. Esta possibilidade permite explicar os processos de terminologização e desteminologização”<sup>3</sup>. Pode-se depreender, portanto, que as unidades lexicais adquirem *status* terminológico quando são empregadas em textos de especialidade, orais ou escritos, e passam a veicular conceitos que estão atrelados às áreas do conhecimento, tornando-se compreensíveis em situações de uso (CABRÉ, 2005, n.p.).

Quanto à constituição lexical genérica os termos podem ser classificados, de acordo com Barros (2004), em: unidades simples, quando são formadas apenas por uma unidade lexical como, por exemplo, o termo *espinhel*; e unidades complexas, que também podem ser chamadas de sintagmas terminológicos, como, por exemplo, o termo *curral de enfia*, formado por mais de uma unidade lexical.

Barros (2004) afirma que os termos são, ao mesmo tempo, componentes linguísticos e elementos constitutivos da produção do saber. Entre os saberes, figuram os que exprimem aspectos da tradição e da cultura de um povo.

---

<sup>2</sup> “una unidad léxica no es en si terminológica o general, sino que por defecto es una unidad general y adquire valor especializado o terminológico cuando por las características pragmáticas del discurso se activa su significado especializado”. (CABRÉ, 2005, n.p.)

<sup>3</sup> “toda unidad léxica sería pues potencialmente una unidad terminológica, aunque nunca hubiera activado este valor. Esta posibilidad permite explicar los procesos de terminologización y desteminologización”. (CABRÉ, 2005, n.p.)

### *1.2.1.1 O termo como expressão de saberes tradicionais*

Os termos expressam os saberes específicos das diversas áreas do conhecimento, dentre os quais os construídos de modo tradicional a partir das experiências vivenciadas pelo indivíduo em um determinado lugar, através da relação estabelecida entre ele e o meio em que está inserido.

As terminologias refletem, portanto, os conhecimentos, valores, costumes, crenças e as tradições do contexto sociocultural onde são utilizadas, pois cada comunidade possui uma cultura própria e relaciona-se de uma forma específica com a realidade. Nesse sentido, Barros (2004, p. 78) afirma que:

Cada povo recorta a realidade objetiva de modo diferente e procede a delimitações conceptuais, que são expressas por palavras. Os elementos e fenômenos da natureza e suas representações sociais, os instrumentos de trabalho, utensílios domésticos, armas para defesa pessoal e caça, instrumentos de pesca, instituições sociais, fontes de energia, sentimentos, crenças, religião e todos os elementos do mundo em que vivem são designados por unidades lexicais que, consideradas como signos linguísticos de domínios específicos da atividade da comunidade sociocultural em questão, podem ser consideradas como unidades terminológicas.

Os termos de especialidade expressam, assim, os saberes construídos ao longo do tempo pelas comunidades tradicionais, e, ao mesmo tempo, possibilitam que esses mesmos saberes sejam apresentados às novas gerações, que irão atuar sobre estes e ressignificá-los em um processo contínuo que caracteriza o movimento de todas as práticas culturais humanas. É exemplo de saber tradicional a pesca artesanal realizada na Vila dos Pescadores de Bragança-Pa, local onde desenvolvemos esta pesquisa.

### *1.2.2 O fenômeno da variação em línguas de especialidade*

Enquanto a perspectiva clássica da TGT rejeita a ideia da variação linguística, para a Socioterminologia, como mencionamos acima, este fenômeno constitui-se o ponto central da sua abordagem, pois esta compreende que as unidades terminológicas estão sujeitas à variação tanto quanto as demais unidades lexicais da língua geral. Assim, como afirma Faulstich (1995, n.p.), “o princípio subjacente da pesquisa socioterminológica é o registro de variante(s)”, as quais resultam “dos diferentes usos que a comunidade, em sua diversidade social, linguística e geográfica faz do termo”. Desse modo, para proceder ao registro de uma

dada terminologia é necessário atentar para os aspectos: social, situacional, espacial e linguístico em que são utilizadas.

Nas línguas de especialidade tanto a forma quanto o conteúdo dos termos podem variar, pois a língua não é homogênea e nem permanece estática. Cada estágio da língua está sujeito à variação e tende a apresentar, de acordo com Faulstich (2006, p. 28): “i. variação como processo, ii. as variantes como protocolos naturais da evolução, iii. a mudança como um produto da alteração nos esquemas comunicativos”.

O processo de variação em linguagens de especialidade é compreendido como um algo natural. Ocorre devido aos usos linguísticos, que podem ser motivados por interesses diversos resultando em variantes, as quais podem evoluir e mudar como resultado de atitudes linguísticas.

Os termos podem ser analisados no discurso a partir de dois percursos temporais: através da sincronia, no qual as formas variantes apresentam o mesmo significado referencial; e através da diacronia, o qual possibilita a sistematização de variantes e conceitos de outras épocas, válidos ou não na atualidade. Assim, “a Socioterminologia é a disciplina que abriga o movimento do termo nas linguagens de especialidade” (FAUSTICH, 1998, p. 3).

Do processo de variação linguística resultam as variantes, que são cada uma das formas usadas para o mesmo conceito, as mesmas funcionam nas línguas de especialidade suprimindo necessidades comunicacionais dos usuários em diversos tipos de situação. Faustich (2006, p.29) afirma que “as variantes decorrem do uso em contextos de diferentes níveis, do movimento da língua no percurso histórico, de empréstimos, de usos regionais, entre outras categorias, desde que mantenham o significado implicado”. Conforme a situação comunicativa pode-se abrir mão do uso de uma ou outra variante, pois ambas possuem o mesmo significado referencial, ainda que tenham formas total ou parcialmente diferentes (*op. cit.*). A autora propôs, em 1995, a primeira classificação tipológica das variantes terminológicas, as distribuiu em: variante gráfica, variante lexical, variante morfossintática, variante socioprofissional, variante topoletal. Posteriormente, revisou essa classificação extinguindo a variante socioprofissional por compreender que todo termo já está inserido nessa esfera, tendo em vista que pertence às linguagens de especialidade (FAULSTICH, 2001).

Em 1996, a autora organizou as variantes em dois grandes grupos, considerando o fator provocador das alterações, assim as classificou em: variantes terminológicas linguísticas e variantes terminológicas de registro. Ao primeiro grupo pertencem aquelas em que o fenômeno propriamente linguístico é o fator determinante no processo de variação; já ao

segundo pertencem aquelas cujo ambiente de ocorrência determina a variação, seja no plano horizontal, vertical ou temporal em que os usos se realizam (FAULSTICH, 2001).

À categoria das variantes terminológicas linguísticas foram incluídas inicialmente as variantes: morfossintática, lexical e gráfica. Essa tipologia, no entanto, foi modificada posteriormente. Foi adicionada a variante fonológica, já a variante morfossintática foi desmembrada em: variante morfológica e variante sintática, conforme veremos adiante. As variantes terminológicas de registro incluem as variantes: geográfica, discursiva e temporal (FAULSTICH, 2001).

Para Faustich (2006, p.28), “uma unidade terminológica pode ter ou assumir diferentes valores, de acordo com a função que uma dada variável desempenha nos contextos de ocorrência”. Essa compreensão é importante para a construção dos cinco postulados, que Faustich (2001, p.25) apresenta sobre o fenômeno da variação em terminologia, que têm por objetivo servir de base para a sustentação da teoria da variação em terminologia, a saber:

- a) Dissociação entre estrutura terminológica e homogeneidade ou univocidade ou monorreferencialidade;
- b) Abandono do isomorfismo categórico entre termo-conceito-significado;
- c) Aceitação de que, sendo a terminologia um fato de língua, ela acomoda elementos variáveis e organiza uma gramática;
- d) Aceitação de que a terminologia varia e de que essa variação pode indicar uma mudança em curso;
- e) Análise da terminologia em co-textos linguísticos e em co-textos discursivos da língua escrita e da língua oral;

Esses postulados são fundamentais para que se possa compreender o fenômeno da variação em línguas de especialidades e constituem-se a base da disciplina socioterminologia. A partir dos mesmos, a autora propõe um esquema básico representativo do fenômeno da variação que ocorre “dentro de um constructo teórico em que variáveis produzem variantes que funcionam nas línguas de acordo com as lacunas que elas venham preencher” (FAULSTICH, 2001).



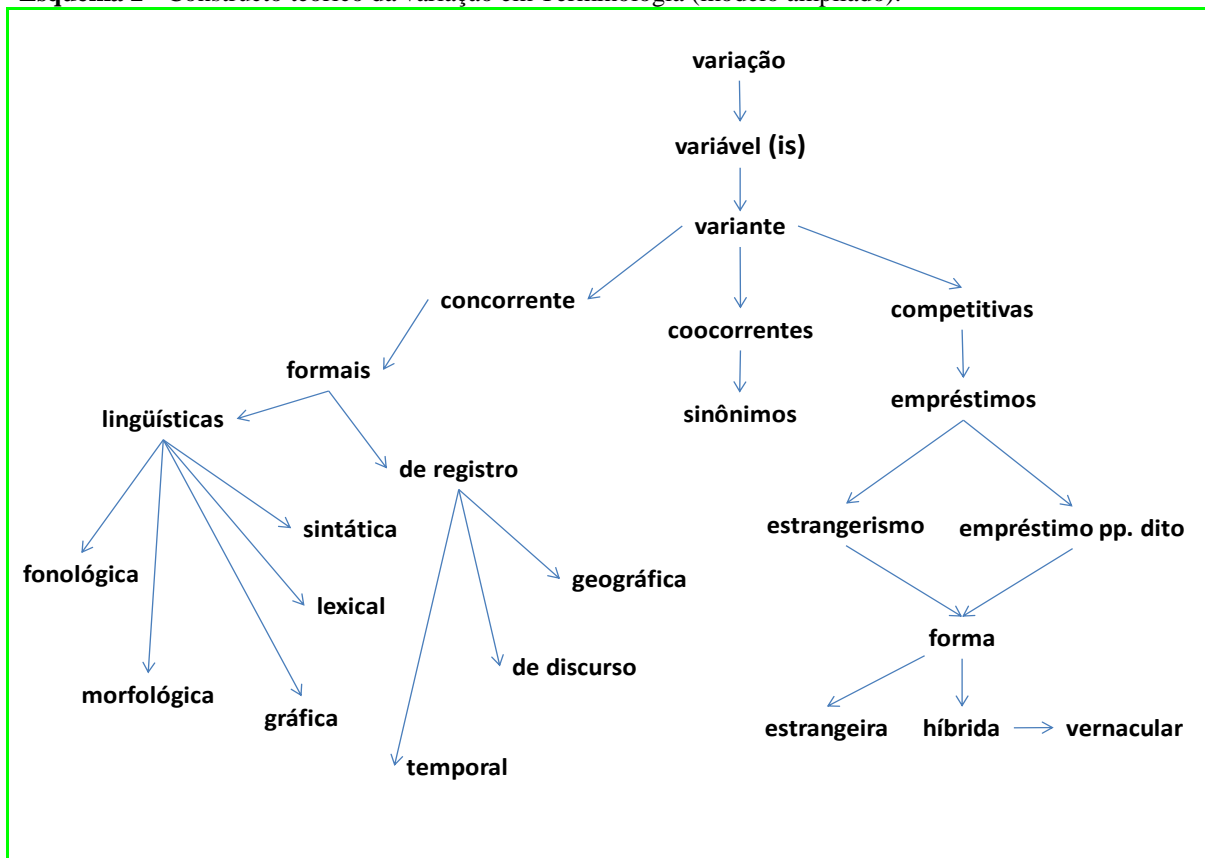
**Esquema 1** - Constructo teórico da variação em Terminologia.



**Fonte:** Faulstich (2001, p. 26).

Conforme se pode observar no constructo apresentado por Faulstich (2001), as variantes estão organizadas em categorias: concorrentes, coocorrentes e competitivas; e subcategorias: variante formal, sinônimo e empréstimo, demonstradas no esquema que representa o constructo teórico da variação em terminologia. À subcategoria de variantes formais pertencem as variantes: fonológica, morfológica, gráfica, lexical e sintática. À subcategoria empréstimo estão atreladas as variantes: estrangeirismo e empréstimo propriamente dito, conforme se pode observar no esquema a seguir.

**Esquema 2** - Constructo teórico da variação em Terminologia (modelo ampliado).



Fonte: Faulstich (2001, p. 38)

As variantes concorrentes são aquelas que podem concorrer entre si, permanecendo como estão, ou podem concorrer para a mudança. Quando uma variante concorre com outra estas não ocupam o mesmo espaço ao mesmo tempo, por isso quando uma variante está presente no plano discursivo outra não é utilizada, o que faz com que se organizem em distribuição complementar. Essa divisão, no entanto, não exclui a possibilidade de que os tipos de variantes cruzem entre si. Tais variantes são formais. Uma variante formal é uma forma linguística, ou uma forma exclusiva de registro, uma possibilidade de denominação para o mesmo referente possível de ser utilizada em um contexto (FAULTICH, 2001).

As variantes concorrentes formais estão organizadas de acordo com os tipos de variantes que contemplam, conforme a natureza do processo que as originou. São classificadas em variantes terminológicas linguísticas aquelas que são determinadas pelo fenômeno propriamente linguístico; e em variantes terminológicas de registro, aquelas em que o ambiente de ocorrência é o responsável pelo fenômeno da variação. Essa divisão, no

entanto, não exclui a possibilidade de existirem variantes que se enquadrem simultaneamente nas duas categorias (FAULSTICH, 2001).

Para classificar as variantes terminológicas linguísticas, Faulstich (2001, p. 27) destaca a necessidade de se adotar os seguintes princípios:

- a) a interpretação semântica é a base para a interpretação do termo;
- b) as unidades terminológicas complexas (UTC's) são analisadas sob o ponto de vista funcional;
- c) os subsistemas da língua portuguesa constituem o fundo linguístico de análise;
- d) os usos escrito e oral do termo são levados em conta;

Considerando tais princípios a autora define as variantes terminológicas linguísticas em:

1. **variante terminológica fonológica** - é aquela em que o registro pode surgir a partir de formas decalcadas da fala, como em: *moirão ~ morão*.
2. **variante terminológica morfológica** - é aquela que apresenta alternância de estrutura de ordem morfológica na constituição do termo, sem que ocorra alteração conceitual. No domínio da pesca artesanal identificamos esta variação nos termos: *malha ~ malheiro, pesca ~ pescaria*.
3. **variante terminológica sintática** - ocorre quando há alternância entre construções sintagmáticas que funcionam como predicação de uma UTC. Essa alternância de elementos, no entanto, não prejudica o significado e a compreensão porque a base preserva o conceito inerente ao termo naquele contexto.
4. **variante terminológica lexical** - em que algum item de uma Unidade Terminológica Complexa (UTC) sofre apagamento ou movimento de posição. Percebemos esse tipo de variação nos termos: *vara de cinta ~ cinta*, em que há o apagamento do segmento *vara de*, mas não há comprometimento do conceito, que permanece compreensível no contexto de uso.
5. **variante gráfica** - apresenta-se de forma diversificada levando-se em consideração as convenções da língua. Esse tipo de variação decorre da forma escrita somente.

As variantes terminológicas de registro, por sua vez, são classificadas, de acordo com Faulstich (2001, p.19), a partir da adoção dos seguintes princípios:

- a) os termos são recolhidos no discurso real da linguagem de especialidade;
- b) os termos pertencem à variedade socioprofissional;

- c) os termos são recolhidos de textos, de procedência diversificada, que tratam do mesmo assunto;
- d) os termos são recolhidos de discursos com maior ou com menor grau de formalismo, que tratam do mesmo assunto;
- e) os textos são recolhidos de textos redigidos em épocas diferentes, que tratam do mesmo assunto;
- f) os usos escrito e oral são levados em conta;

Considerando tais princípios a autora classifica as variantes terminológicas de registro em:

1. **variante geográfica** - ocorre no plano horizontal de diferentes regiões onde se fala a mesma língua. Pode decorrer por polarização de comunidades linguísticas limitadas geograficamente por fatores políticos, econômicos e culturais, ou das influências sofridas por cada região em sua formação.
2. **variante discursiva** - decorre da sintonia comunicativa que se estabelece entre elaborador e usuários de textos, que podem ser mais ou menos formais.
3. **variante temporal** - a que se torna mais usual no processo de variação e mudança. Duas formas (X e Y) concorrem durante um tempo até que uma destas se torne a preferida.

As variantes coocorrentes são aquelas que têm duas ou mais denominações para o mesmo referente. Estas variantes têm a função de fazer progredir o discurso e organizar a coesão textual na mensagem. Entre essas variantes há compatibilidade semântica, pois elas se equivalem no plano do conteúdo. Elas se formalizam através da sinonímia terminológica, que ocorre quando termos com significados idênticos ocorrem no mesmo contexto, sem haver alteração no conteúdo. No domínio da pesca artesanal temos, por exemplo, as variantes: *tainheira* e *zero trinta*, ambas significando: rede de pesca utilizada para capturar tainha.

A categoria das variantes competitivas é composta por aquelas que relacionam significados entre itens lexicais de línguas diferentes, ou seja, itens lexicais de uma língua A preenchem lacunas comunicacionais de uma língua B. Realizam-se por meio de pares formados por empréstimos linguísticos e formas vernaculares. Os empréstimos são itens lexicais que têm origem em uma língua estrangeira, mas quando se adaptam à nova realidade social e linguística proporcionam o surgimento de uma nova forma vernacular equivalente, ou seja, uma variante. Faulstich (2001, p. 34), observa que “a variação se ativa por meio do empréstimo que, segundo a interpretação variacionista, tem a característica de motivar o surgimento de competição na língua vernacular que o recebe, por exemplo entre stress e estresse”.

Compreender como o fenômeno da variação se dá em línguas de especialidade é fundamental para se realizar um projeto de elaboração de um repertório terminológico, pois sob a perspectiva social da terminologia é necessário descrever termos e variantes, conforme foi exposto nos tópicos acima.

### 1.2.3 A elaboração de repertórios terminológicos à luz dos pressupostos socioterminológicos

A Socioterminologia apresenta tanto caráter teórico quanto prático, segundo Faulstich (1995). Assim, propõe-se a contribuir para o desenvolvimento de pesquisas teórico-práticas que contemplem os termos e as variantes.

A teoria apresenta um conjunto de premissas que respaldam a disciplina, enquanto a prática propõe métodos para lidar com os termos especializados, debruçando-se sobre a aplicação terminológica como a elaboração de obras de referência, que apresentam grande utilidade social por contribuir para a divulgação dos conhecimentos das áreas especializadas e favorecer a comunicação nos contextos em que se necessita recorrer aos mesmos.

Há vários tipos de repertórios terminológicos, a tipologia dos mesmos, conforme Faulstich (1995, n.p.), “depende do conteúdo da matéria que se queira metodicamente descrever e do usuário que vai utilizá-lo”. Cada obra apresenta características específicas que a individualiza. Entre alguns tipos de obras que o terminólogo pode elaborar, a autora apresenta os seguintes: dicionários, vocabulários, léxicos, glossários, nomenclaturas e bancos terminológicos.

O glossário, tipologia em que se enquadra o repertório produzido através desta pesquisa, reúne termos de áreas do conhecimento especializado, organizados em ordem alfabética ou sistemática, apresenta, ou não, um sistema remissivo e contém definições, informações gramaticais e contextos de ocorrência, conforme a proposta delineada pelo pesquisador, considerando, sobretudo, a finalidade e o público-alvo da obra.

Atualmente, além dos conhecimentos das áreas técnicas e científicas, já disponibilizados na modalidade escrita, os de base tradicional, provenientes da linguagem oral, também têm sido contemplados nas descrições terminológicas com o propósito de resguardá-los e difundi-los, primeiramente, para grupos de profissionais que lidam de alguma forma com populações tradicionais e necessitam compreender determinados saberes e para toda a sociedade.

Ser consciente acerca da natureza da área que será descrita, assim como da tipologia da obra é importante, pois antes de se iniciar a elaboração de um repertório o pesquisador

necessita ter claras as suas características particulares, assim como as atitudes que necessitará adotar para construí-lo. À luz dos pressupostos socioterminológicos, Faulstich (1995) propõe algumas ações para auxiliar os profissionais na elaboração de repertórios terminológicos, são elas:

- 1. Identificar o usuário da terminologia a ser descrita** - a seleção do público a que se destina corrobora decisões acerca da elaboração do repertório, tendo em vista que este precisa atender o usuário em suas necessidades.
- 2. Adotar atitude descritiva** - refere-se à postura que o pesquisador deve adotar diante do registro dos termos, considerando que esse precisa refletir os aspectos reais de uso dos mesmos.
- 3. Consultar especialista da área** - convém elaborar a obra em parceria com os especialistas que fazem uso, em seu cotidiano, da terminologia a ser descrita.
- 4. Delimitar o *corpus*** - é uma necessidade para que o pesquisador consiga descrever a terminologia exaustivamente. Assim, a delimitação da macroárea, das áreas intermediárias e a subárea do conhecimento nas quais a terminologia está circunscrita favorece o melhor desenvolvimento do trabalho.
- 5. Selecionar documentação bibliográfica pertinente ou discursos orais de profissionais da área** - pode-se selecionar material bibliográfico referente à área de especialidade e/ou pode-se obter o discurso oral a partir do registro da fala de profissionais.
- 6. Precisar as condições de produção e de recepção do texto** - Propor critérios que favoreçam o trabalho descritivo, definindo “quem escreve; para quem escreve; com que finalidade; em que situação de fala e de escrita o texto foi produzido”, segundo Faustich (1995, p. 4).
- 7. Conceder, na análise do funcionamento dos termos, estatuto principal à sintaxe e à semântica** - Ao identificar um termo com mais de uma unidade, o especialista em terminologia pode recorrer a dois princípios adaptados da linguística funcional: a) atribuir à UTC papel de predicador semântico; b) ao delimitar uma UTC adotar o critério de predicação sintático-semântica.
- 8. Registrar o termo e a(s) variante(s) do termo** – Para fazer o registro do termo e das variantes se usa uma ficha terminológica. O especialista precisa observar: as dimensões, oral e escrita, em que os termos estão inseridos; as suas ocorrências na estratificação horizontal e vertical da língua; a interação entre os usuários das

terminologias e a dimensão discursiva em que os termos e as variantes estão presentes.

9. **Redigir repertórios terminológicos** – os repertórios, informatizados ou não, são instrumentos de referência para consulta. É necessário, no entanto, definir que tipo de repertório pretende-se elaborar antes do início do projeto, a fim de que este atenda aos propósitos para os quais foi criado.

A elaboração de repertórios terminológicos precisa, portanto, ser desenvolvida a partir de um projeto que leve em conta os propósitos da obra, o público a que será destinada, a fonte dos dados e a área a ser descrita. Assim, o terminólogo irá adequar a sua conduta para que possa descrever a terminologia escolhida, o que acaba por ser uma tarefa tradutória. Nesse sentido cabe uma reflexão, que propomos, a seguir, acerca da relação entre a tradução e a terminologia na produção de obras terminográficas.

### **1.3 A inter-relação entre a Terminologia e a Tradução na produção de obras terminográficas**

As reflexões sobre a tradução apresentam larga tradição, mas recentemente tem-se buscado compreendê-la de forma mais profunda em seus diversos aspectos, componentes e perspectivas, considerando a sua relação com outras disciplinas. (KRIEGER; FINATTO, 2004).

Burke (2009) destaca que, desde o final dos anos 1970, o movimento dos Estudos da Tradução dedicou-se a dar à tradução uma posição de destaque na academia, enfatizando, especialmente, o intercâmbio entre culturas, presente nos processos tradutórios, o que motivou a utilização do termo “tradução cultural” que, conforme Burke (2009, p. 14), “foi originalmente cunhada por antropólogos do círculo de Edward Evans-Pritchard, para descrever o que ocorre em encontros culturais quando cada lado tenta compreender as ações do outro”.

A tradução, a partir dessa perspectiva, não é um simples processo de transferência de informações, mas é a interpretação de uma realidade cultural para que outro grupo cultural possa compreendê-la. Essa interpretação pode ocorrer dentro de uma mesma língua, entre línguas diferentes ou entre uma língua e outro sistema de símbolos. Considerando tais formas de interpretação, Jakobson (2010) distingue três tipos de tradução: a intralingual, ou reformulação, que consiste na interpretação de signos verbais por outros signos que pertencem à mesma língua; a interlingual, que consiste na interpretação dos signos verbais através de

uma outra língua; e a intersemiótica, ou transmutação, que consiste na interpretação de signos verbais através de sistemas de signos não verbais.

A tradução intralingual, ou reformulação, ocorre quando um texto, oral ou escrito, é reformulado na mesma língua de origem a partir do entendimento que se adquire do mesmo. Burke (2009, p. 15) ressalta que “o entendimento em si é uma espécie de tradução, convertendo os conceitos e as experiências de outras pessoas em seus equivalentes no nosso próprio “vocabulário””. Assim, ao recontarmos um fato ocorrido em nosso cotidiano, por exemplo, ou ao fazermos uma leitura de um texto complexo explicando-o conforme a nossa percepção estamos realizando traduções.

Nesse sentido, Burke (2009, p. 14) observa que “até mesmo o mais monoglota dos historiadores é um tradutor” porque se propõe a contar a história preocupando-se em ser fiel aos fatos ocorridos, e, ao mesmo tempo, dedicando-se na tarefa de torná-los compreensíveis aos leitores.

Paz (1971) aborda o processo tradutório dentro de uma mesma língua a partir da experiência da criança, para quem são realizadas diversas traduções, ou seja, leituras, conforme o seu desenvolvimento, objetivando que ela obtenha o entendimento necessário para suprir sua necessidade. Nesse sentido, para o autor:

Aprender a falar é aprender a traduzir; quando a criança pergunta à mãe sobre o significado desta ou daquela palavra, ela realmente pede é que traduza para sua linguagem o termo desconhecido. A tradução dentro de uma língua não é, nesse sentido, essencialmente diferente da tradução entre duas línguas, e a história de todos os povos repete a experiência infantil<sup>4</sup>. (PAZ, 1971, p. 7)

Assim, no contexto da tradução intralingual, traduzir significa interpretar algo para nós mesmos, apenas, ou para outrem. É uma experiência que se realiza cotidianamente, e que, na grande maioria das vezes, não se percebe. É a experiência vivenciada, por exemplo, pelos pescadores da comunidade Vila dos Pescadores de Ajuruteua, que ao ensinarem seus filhos as artes de pesca comportam-se como tradutores, o que possibilita a continuidade desta atividade tradicional quando os mais experientes vão, aos poucos, aposentando-se.

Burke (2009) observa que quanto maior for a distância entre as línguas e as culturas maiores serão as dificuldades com a tradução, pois, cada cultura compreende a realidade de

---

<sup>4</sup> Aprender a hablar es aprender a traducir; cuando el niño pregunta a su madre por el significado de esta o aquella palabra, lo que realmente pide es que traduzca a su lenguaje el término desconocido. La traducción dentro de una lengua no es, en este sentido, esencialmente distinta a la traducción entre dos lenguas, y la historia de todos los pueblos repite la experiencia infantil. (PAZ, 1971, p. 7)



uma determinada maneira, e, assim, o que faz sentido para determinado grupo cultural pode não fazer para outro.

A tradução não ocorre somente por meio de signos linguísticos, utilizam-se, também, sistemas de signos não verbais para expressar o que fora expresso, anteriormente, através de signos verbais. Assim, esse tipo de tradução ocorre, por exemplo, quando um livro é adaptado para o cinema.

A tradução não é uma solução definitiva, ressalta Burke (2009, p.15), mas um intercâmbio de ideias, o que envolve uma espécie de “negociação” em que há perdas e renúncias e sempre deixa o caminho livre para uma “renegociação”. Assim, pode-se compreendê-la como um processo dinâmico, em que os conhecimentos de uma cultura passam a ser conhecidos e ressignificados em outra cultura, ou mesmo de uma geração para outra como ocorre com os saberes tradicionais.

Segundo Krieger e Finato (2004), Tradução e Terminologia são campos de conhecimento que não se confundem, possuem identidades e objetivos próprios, cada um apresenta as suas especificidades, mas mantém uma inter-relação. Entre o fazer tradutório e o terminológico, segundo as autoras, há uma parceria, pois, os conhecimentos de cada área são, em determinados momentos, necessários à outra. Em relação às contribuições da terminologia aos tradutores as autoras ressaltam que “a maior colaboração que a disciplina terminológica pode oferecer aos tradutores é a de auxiliá-los a compreender a natureza, o estatuto, a constituição e o funcionamento dos termos técnicos-científicos” (KRIEGER; FINATTO, p. 70, 2004).

O tradutor necessita, assim, do aporte terminológico para auxiliá-lo na compreensão dos textos técnicos que precisa traduzir. O terminólogo, por sua vez, necessita compreender o complexo processo tradutório, pois atua como tradutor quando se propõe a elaborar obras de referência como: dicionários e glossários, tanto monolíngues, traduzindo determinadas realidades em uma mesma língua, quanto bilíngues e multilíngues, quando realiza a tradução para uma ou mais línguas distintas da língua do texto original.

Assim, à medida que o terminólogo propõe-se a realizar uma leitura de uma determinada realidade para descrevê-la ele está traduzindo-a para torná-la compreensível para um determinado público. O glossário proposto, enquanto resultado desta pesquisa, por exemplo, traduz os conhecimentos acerca da pesca na comunidade Vila dos Pescadores de Ajuruteua para atender as necessidades de técnicos que atuam na área e de estudantes dos cursos: Técnico em Pesca e Graduação em Engenharia de Pesca.

A tradução na obra elaborada nesta pesquisa se dá através das definições, elaboradas com base no discurso oral dos profissionais da pesca, assim como por meio de imagens, fotografias e pequenos filmes, da atividade pesqueira na comunidade, possibilitando a realização de uma leitura também visual de alguns termos, o que favorece a interpretação dos mesmos pelo consulente.

Os termos repertoriados estão relacionados à realidade da pesca nesta comunidade, traduzem as suas particularidades em relação ao seu modo de realização e à forma como é percebida pelos socioprofissionais que a desenvolvem. Se voltarmos nosso olhar para outra comunidade pesqueira artesanal, no entanto, observaremos que, mesmo tratando-se da mesma atividade, a realidade é diferente, e, por isso, pode ser ou não expressa pelos mesmos termos, ou pode apresentar os mesmos termos, mas com significados diferentes. Para exemplificar, nos reportaremos a determinados termos identificados na pesquisa desenvolvida por Velasco (2003), intitulada “O léxico da pesca em Soure: Ilha do Marajó”, que retrata a realidade da pesca em comunidades pesqueiras deste município paraense, assim como a alguns termos que foram levantados em nossa pesquisa, com o intuito, apenas, de demonstrar como a realidade é representada nestes dois contextos distintos.

Nas comunidades pesqueiras de Soure, utiliza-se o termo *agulha*, de acordo com Velasco (2003, p.165), para referir-se ao instrumento utilizado para confeccionar redes de pesca. Na Vila dos Pescadores de Ajuruteua, utiliza-se o termo para referir-se ao objeto que se usa tanto para tecer como para entralhar e fazer reparos nas malhas conforme verifica-se, respectivamente, nos verbetes, a seguir:

**Agulha.** s.f instrumento manual, de madeira ou de plástico, utilizado na confecção da rede. - *a gente faz uma <agulha>... tira a bitola do malheiro (...)* (inf.3)

**Agulha** sf. instrumento, de madeira ou de plástico, utilizado para tecer telas e redes, entralhar e fazer reparos nas malhas.. L2: *tem uma <<agulha>> que a gente bota o nylon dentro da agulha... que prega esse fio que chama de incala que a gente faz.* (I06PESC.SAB)

Observa-se, assim, que a denominação utilizada é a mesma. Já para referir-se ao período de maré que ocorre na lua cheia e na lua nova, são utilizados termos distintos. Em Ajuruteua usam-se os termos: *nas águas, maré das águas e lançante*; em Soure, de acordo com Velasco (2003, p.168), usa-se o termo *lanço*, conforme abaixo:

**Lanço.** s.m Denominação para as marés que acontecem durante a lua cheia e a lua nova. - *e que diz assim olha esse <<lanço>> é do luar esse é do escuro.* (inf.1)

*Nas águas stf.* período de maré em que a correnteza fica intensa, ocorre durante a lua cheia e a lua nova. *Variante:* maré das águas, lançante. Cf. maré. *L2:* assim <<nas águas>> a maré corre muito lá aí vai a vara tá quebrada o morão quebrado muita força a água lá é muito forte. (I08PESC.MAR)

Considerando os exemplos acima, pode-se perceber que a forma como uma comunidade atribui significados a sua realidade é específico, está relacionado às suas características culturais, ao modo como compreende o mundo à sua volta. Assim, realizar uma tradução de aspectos linguísticos e/ou culturais de uma sociedade requer a busca de um conhecimento da realidade a ser descrita a partir do ponto de vista daqueles que a integram.

Nesse sentido, o terminólogo, sob a perspectiva socioterminológica, que considera o contexto sociocultural na descrição terminológica, é também um tradutor cultural, pois, ao descrever a língua leva em conta os aspectos socioculturais que a influenciam.

## 2 A ATIVIDADE PESQUEIRA

A pesca refere-se à atividade que visa a captura de pescados do meio natural em que vivem. É realizada com o auxílio de artes de pesca, desenvolvidas de acordo com o ambiente em que será praticada e com as espécies que se deseja capturar, sendo exercida com finalidades comerciais, de subsistência ou esportivas.

É considerada uma das mais antigas atividades praticadas pelo homem, realizada desde a pré-história como um importante meio de subsistência. Dias (2007, p.1), destaca que “há vestígios da existência de pesca em lugares arqueológicos do período do Paleolítico, há cerca de 50 mil anos atrás sendo a pesca, juntamente com a caça, uma das primeiras profissões do homem.”.

Durante a Idade Média, o consumo de pescados favoreceu o aumento da atividade pesqueira fazendo-a ganhar um espaço maior na sociedade, assim, a atividade, que antes era praticada no interior dos feudos, expandiu-se adquirindo importância econômica. Diegues (1983, p.13-14), ao retratar a história da pesca, faz uma comparação entre a sua realização nos períodos da idade antiga e média. Conforme o autor:

[...] pouco se sabe sobre a pesca nas sociedades primitivas. O homem primitivo era um coletor de moluscos. [...] Ao que parece, nesse período a pesca era principalmente lacustre e fluvial.[...] A atividade pesqueira conheceu um grande avanço na Idade Média, quando podemos identificar dois momentos. No primeiro momento, a pesca se realizava no interior das propriedades feudais, constituindo-se em uma atividade ligada à agricultura e praticada, sobretudo nos lagos, lagunas e zonas costeiras [...]. A pesca e a fabricação de rede também foram atividades econômicas incentivadas pelos monges, possivelmente para atender o consumo crescente dos cristãos. [...] No segundo momento, a pesca passou a ser uma atividade exercida, sobretudo, pelas cidades medievais.

No Brasil, a pesca já era praticada pelos índios desde antes da chegada dos europeus; peixes, moluscos e crustáceos eram uma importante parte da dieta alimentar dos povos indígenas, de acordo com Diegues (1999). Em sítios arqueológicos no litoral, foram encontrados instrumentos de pesca utilizados por tribos que aqui habitaram, as quais possuíam sua maneira própria de pescar, como se pode notar no relato do colonizador francês Jean de Léry (p.148-149 apud DIEGUES, 1999) em uma descrição da atividade pesqueira ao longo do litoral do território brasileiro no século XVI:

Terminando, direi, ainda, a respeito do modo de pescar dos tupinambás, que além das flechas usam também espinhas à feição de anzóis, presas a linhas feitas de uma planta chamada tucom. Também penetram no mar e nos rios tem jangadas, a que chamam piperis: são feitas de cinco ou seis paus redondos. Quando o tempo está

bom e os selvagens pescam separadamente, parecem de longe, tão pequenos se vêem, macacos ou melhor rãs, aquecendo-se ao sol em achas de lenha soltas na água.

Atualmente, o Ministério de Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA) é o órgão que desenvolve políticas públicas para a atividade, que é regulamentada pela lei nº 11.959 de 29 de junho de 2009, que dispõe sobre a política nacional de desenvolvimento sustentável da aquicultura e da pesca.

De acordo com o Art. 4º da referida lei, “a atividade pesqueira compreende todos os processos de pesca, exploração e exploração, cultivo, conservação, processamento, transporte, comercialização e pesquisa dos recursos pesqueiros”. Em seu Art. 8º, a lei classifica a pesca em: comercial e não comercial. Na primeira categoria, enquadram-se as modalidades artesanal e industrial, na segunda categoria a pesca com fins de subsistência, para o lazer e com propósitos científicos. A modalidade industrial é definida como “aquela praticada por pessoa física ou jurídica que envolve pescadores profissionais, empregados ou em regime de parceria por cotas-partes, utilizando embarcações de pequeno, médio ou grande porte, com finalidade comercial”; e a artesanal como a “praticada diretamente por pescador profissional, de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou mediante contrato de parceria, desembarcado, podendo utilizar embarcações de pequeno porte”.

O exercício da atividade pesqueira é autorizado no Brasil através do Registro Geral de Atividade Pesqueira (RGP), instrumento do poder executivo que legaliza o seu exercício através do credenciamento de pessoas físicas e jurídicas, que a praticam profissionalmente, e de embarcações utilizadas para esse fim. Conforme a lei nº 11.959 de 29 de junho de 2009, em seu art. 24, “toda pessoa, física ou jurídica, que exerça atividade pesqueira bem como a embarcação de pesca devem ser previamente inscritas no Registro Geral da Atividade Pesqueira - RGP, bem como no Cadastro Técnico Federal - CTF na forma da legislação específica”.

A pesca apresenta relevante importância socioeconômica para o país. Muitas famílias brasileiras têm na pesca sua principal fonte de renda. De acordo o 1º Anuário de Pesca e Aquicultura (BRASIL, 2014, p. 13), “a atividade pesqueira brasileira gera um PIB nacional de R\$ 5 bilhões, mobiliza 800 mil profissionais e proporciona 3,5 milhões de empregos diretos e indiretos”.

O estado do Pará, de acordo com dados do último Boletim Estatístico de Pesca e Aquicultura, publicado em 2011, ocupa posição de destaque em relação à produção de pescados no âmbito nacional, é o segundo maior produtor, sendo a maior parte da produção

proveniente da pesca extrativa marinha. Conforme Santos (2005), a atividade pesqueira no Pará “assume papel fundamental na economia estadual dada a sua relevância na ocupação de mão-de-obra e produção de alimento”.

O município de Bragança, localizado no nordeste do estado do Pará, apresenta relevante capacidade produtiva, de acordo com Espírito Santo e Isaac (2012, p.32). Conforme as autoras, “a captura e comercialização de pescado são de grande importância para a economia regional no município de Bragança-PA”, que se destaca no desenvolvimento da pesca artesanal, atividade praticada em diversas comunidades bragantinas, entre elas a Vila dos Pescadores de Ajuruteua.

## **2.1 A pesca artesanal**

A pesca artesanal é desenvolvida de forma tradicional em comunidades litorâneas e ribeirinhas por profissionais autônomos, que trabalham individualmente ou em pequenos grupos, formados, geralmente, por pessoas da família e/ou moradores locais. A finalidade desta atividade é capturar pescados para a comercialização em pequena escala e para o consumo familiar.

A atividade pesqueira artesanal compreende todas as etapas e procedimentos necessários à sua realização, desde a confecção e manutenção dos instrumentos à venda dos pescados. Conforme a lei nº 11.959 de 29 de junho de 2009, em seu Art. 4º, parágrafo único, “os trabalhos de confecção e de reparos de artes e petrechos de pesca, os reparos realizados em embarcações de pequeno porte e o processamento do produto da pesca artesanal” são atividades pesqueiras artesanais.

Os pescadores artesanais utilizam, em determinadas pescarias, pequenas embarcações, motorizadas ou movidas a remos, usadas também para o transporte da família quando necessário.

As técnicas empregadas variam de acordo com o ambiente em que a pesca será realizada e as espécies que se pretende capturar. A partir de seu conhecimento acerca do meio onde vivem e de suas potencialidades, os pescadores artesanais utilizam artes de pesca que consideram mais apropriadas e eficientes, a fim de se obter resultados satisfatórios a partir dos recursos que têm disponíveis. Tais técnicas são apreendidas e ressignificadas a partir das experiências diárias, partilhadas de maneira tradicional no dia a dia na comunidade.

## 2.2 Pesca artesanal: um saber tradicional

Os saberes tradicionais são constituídos de práticas, crenças e costumes, construídos no meio natural e social no qual o indivíduo está inserido, são transmitidos, de uma geração para a outra, através da observação, da experimentação e da oralidade, de acordo com Moraes (2011).

A pesca artesanal é um dos saberes que se pauta pela tradição, pois é por meio das experiências cotidianas vivenciadas em comunidade que as gerações mais novas apreendem e aplicam os conhecimentos transmitidos pelas mais experientes.

Os pescadores artesanais aprendem a profissão desde jovens, geralmente desde a pré-adolescência, com os pais ou pessoas próximas na comunidade, e reproduzem esse comportamento na educação dos filhos, ensinando-os as técnicas de pesca que praticam cotidianamente, conforme se pode observar na fala do Sr. LAZ, 58, que relata ter aprendido a pescar com o pai e hoje pesca juntamente com os filhos, os quais ensinou a pescar:

eu comecei na/ na... na atividadí di pesca desdi os quatorze anos cum meu pai... geralmente eu pescu cum meus filhos nu períodu di férias quandu elis não estão estudandu...ou final de semana qui elis/ qui elis/ ou sábadu ou domingu ou algum feriado né... geralmente vai um quandu eu vou colocá as rabiadêras ou... despescá elas aí vai dois porque são muitas pontas di redi são trinta e seis pontas di redi aí a gen chega lá a genti se dividi... dois sai prum ladu e eu saio pra otro. (Informação verbal)<sup>5</sup>

As populações tradicionais possuem uma cultura íntima à natureza e uma percepção apurada acerca dos fenômenos naturais, utilizando esse conhecimento em benefício próprio, como observa Lima (2009). A partir da interação com o meio natural, os pescadores apreendem saberes importantes para o exercício da pesca, como: ciclo de vida das espécies de pescado, época reprodutiva, locais favoráveis à concentração dos cardumes, hábitos alimentares das espécies de pescado, o fluxo das marés, etc.

Os pescadores compreendem o seu meio de forma empírica e sabem o momento oportuno para cada tipo de pescaria. A partir da observação da natureza, agem de forma criativa para viver com o que ela pode lhes fornecer; constroem e acumulam conhecimentos, os quais são compartilhados pela comunidade e transmitidos geração após geração.

Os saberes sobre a pesca, acumulados ao longo de gerações, contribuem para o seu desenvolvimento, mas estão sendo constantemente ressignificados a partir das experiências entre o pescador e o seu contexto. O pescador MOI, 62, revela que a construção de um curral

---

<sup>5</sup> Informação fornecida pelo pescador LAZ, 58 anos, em entrevista realizada na comunidade Vila dos Pescadores de Ajuruteua.

costumava ser demorada e trabalhosa, pois era totalmente manual, atualmente, no entanto, tem-se a possibilidade de adquirir alguns itens prontos, além disso, o motor-bomba poupa esforço e tempo na perfuração para fincar os moirões.

Olha eu lembro qui antis pra genti fazê um curral/ pra aprontá u curral... era assim uns dois mesis pra gente aprontá um curral três pessoas trabalhandu assim quase dois meses hoji numa semana tu faz um curral...uma semana porque olha as tela du curral eram feitas di bambu sabi u bambu? a gente lascava elis todus lascadus bem lascadinhu alimpava a tala aí ia tecê cum cipó né (...) a genti faz aquelas paredis assim cum uma malha di dois dedu assim paredi alta né bem uns dois mesis hoji tu compra a tela pronta... i essi aqui é o motô de bomba né esse motô aqui numa hora eli trabalha por cem pessoas eli fura o chão né... nu qui eli fura o chão ai tu finca cum u moirão/ us moirão são dessa grossura aqui () são dessa grossura aquelis qui tão amontoadu aqui ôh um vai só furando aqui cum u canu né? aí tu chega cum moirão i só vai metendu aqui. (Informação verbal)<sup>6</sup>

O fato de se ter as telas prontas e o motor para facilitar e agilizar a construção dos currais não dispensa, no entanto, o saber tradicional, necessário para construí-los adequadamente, mas mostra que as práticas culturais não são estáticas, antes são constantemente ressignificadas a partir da experiência no local, das observações e dos conhecimentos construídos. Os saberes referentes à pesca artesanal são, portanto, uma confluência entre os conhecimentos de gerações passadas e atuais.

A partir dos saberes que possuem acerca do meio natural onde vivem e de suas potencialidades, os pescadores da Vila dos Pescadores realizam a pesca da forma como consideram mais apropriada e eficiente, de acordo com os recursos que têm disponíveis.

### 2.3 A pesca na Vila dos Pescadores de Ajuruteua

Na comunidade Vila dos Pescadores de Ajuruteua a pesca é realizada de forma artesanal, pautada pelos saberes tradicionais, pela maioria dos moradores locais, que trabalham de forma autônoma. Estes possuem um estilo de vida intimamente relacionado ao contexto natural e ao desenvolvimento da atividade pesqueira. Nessa comunidade, a pesca é considerada um importante meio gerador de recursos financeiros para prover as necessidades da família, assim como um meio para se obter alimentação saudável, conforme se pode perceber através dos relatos dos pescadores: “*a importância da pesca é/ é u qui gera recursu pra sobrevivência da família*” (LAZ, 57 anos); “*a genti não tem impregu u impregu é essi*”

---

<sup>6</sup> Informação fornecida pelo pescador MOI, 62 anos, em entrevista realizada na comunidade Vila dos Pescadores de Ajuruteua.



(MAR, 56); “*a genti tem aquela pexi natural pra comê intão issu é uma coisa muito importante pra genti né?*” (MOI, 62 anos). (informações verbais)<sup>7</sup>

As artes de pesca utilizadas pelos pescadores da Vila dos Pescadores de Ajuruteua são produzidas, total ou parcialmente, pelos mesmos, que também as reformam quando necessário. Os materiais utilizados em sua construção são adquiridos no meio natural, como: talas de bambu para confeccionar o munzuá, madeiras do mangue para construir os currais; e no comércio local, como: panagens para redes, anzóis, linhas para confeccionar espinheis, cordas sintéticas, entre outros. As artes utilizadas na comunidade pertencem às categorias: rede, armadilha e linha.

### 2.3.1 Pesca com redes

As primeiras redes usadas pelo homem para pescar surgiram, de acordo com Dias (2007), a partir do aperfeiçoamento das barragens mais complexas que eram feitas com entrançado de elementos e fibras vegetais, posteriormente passou-se a utilizar fios de sizal e algodão o que as tornou mais resistentes, atualmente são usados fios sintéticos. Conforme o autor, “as redes devem ter evoluído de simples barragens para redes de emalhar. As redes fixas dão origem mais tarde a redes móveis arrastando para a margem o peixe existente na zona percorrida por elas” (DIAS, 2007, p.3).

As redes, de acordo com os pescadores da comunidade Vila dos Pescadores de Ajuruteua, podem ser de plástico ou náilon e os entalhos podem ser feitos com corda sintética ou grilon; possuem variadas espessuras de fio e abertura da malha, dependendo da espécie-alvo da pescaria, e são utilizadas de formas diferentes, conforme a descrição apresentada no quadro a seguir.

**Quadro 1** - Tipos de redes de pesca e formas de uso empregadas na Vila dos Pescadores de Ajuruteua.

REDE	CARACTERÍSTICAS		ESPÉCIES-ALVO	MODO DE USO
	ESPESSURA DO FIO	DIÂMETRO DA MALHA		
Rabiadeira	0,50mm	50mm	Corvina, Bandeirado, Serra, Pescada	Uma extremidade fixa e a outra movimentada-se conforme a correnteza.
Serreira	0,50mm	50 a 80mm	Serra	À deriva
Sardineira	0,30mm	18 a 20mm	Sardina	À deriva

<sup>7</sup> Informações fornecidas pelos pescadores: LAZ, 58 anos, MAR, 56 anos, e MOI, 62 anos, em entrevistas realizadas na comunidade Vila dos Pescadores de Ajuruteua.

continua

REDE	CARACTERÍSTICAS		ESPÉCIES-ALVO	MODO DE USO
	ESPESSURA DO FIO	DIÂMETRO DA MALHA		
Camaroeira	0,25mm	25mm	Camarão	Arrastão
Tainheira	0,30mm	30mm	Tainha	Na estacada
Caiqueira	0,25mm	18 a 22mm	Caíca, Sardina	Lanceando/ Na estacada
Gozeira	0,40mm	35 a 45mm	Gó	À deriva
Pescadeira	0,36mm	malha graúda	Pescada	À deriva / Na estacada
Tarrafa	Varia		Bagre, Pacamão	Jogando na água/ Colocando a rede sobre emburateuas.
Puçá	malha pequena		Camarão	Arrasto/ Muruada

**Fonte:** elaborado pela autora.

Com exceção da tarrafa e da puçá, que possuem formatos diferenciados, as redes possuem dois entralhos: o superior e o inferior. O entralho superior é composto por cortiças, boias de isopor que fazem a rede flutuar, e o inferior por chumbos que tem a finalidade de aprofundar a rede na água. Para entralhá-las usa-se fio de náilon de seda com o qual se faz as encalas, tipo de amarração que serve para ligar a rede aos entralhos.

Para preparar as redes os pescadores utilizam panagens, compradas prontas em lojas especializadas; algumas redes, no entanto, como a puçá, a tarrafa e a pescadeira, são tecidas, manualmente, pelos próprios pescadores ou por profissionais da região sob encomenda. Quando as redes rasgam são costuradas com agulha apropriada, o que faz com que elas sejam utilizadas por um período maior de tempo, poupando recursos financeiros.

**Fotografia 1** - Pescador tecendo rede pescadeira.



**Fonte:** Registrada pela autora (abril/2016).

Para tecer as redes os pescadores utilizam agulhas específicas, que são de madeira ou material plástico, e uma bitola, pedaço de madeira ou outro material com o qual se mede o tamanho da malha da rede no momento de tecê-la. As agulhas também são utilizadas para entralhar as redes e fazer reparos quando elas rasgam, têm tamanho proporcional ao tamanho da malha que se deseja tecer ou reparar.

**Fotografia 2** - Agulhas usadas para tecer redes, entralhá-las e fazer reparos.



**Fonte:** Registrada pela autora (julho/2016)

Cada rede de pesca destina-se à captura de determinada espécie de pescado, embora capture outras também, daí provém a motivação para a denominação da maioria delas. A seguir, descreveremos as redes de pesca, utilizadas pelos pescadores da comunidade Vila dos Pescadores de Ajuruteua, e as formas de uso para cada uma, de acordo com o objetivo das pescarias.

### *2.3.1.1 Rabiadeira*

A rabiadeira ou ponta de rede mede seis braças e meia de comprimento e é feita com panagem de malha 0,50mm (espessura do fio) x 50mm (abertura da malha). No entralho superior são dispostas boias distantes meia braça<sup>8</sup> uma da outra, as das extremidades são maiores do que as demais. No entralho inferior, além dos chumbos, para mantê-la no fundo e ajudar a manter a rede aberta é amarrada uma pedra na extremidade que ficará livre.

Para pescar com a rabiadeira, inicialmente, seleciona-se um local na croa para fixá-la. Com auxílio de um motor com jato d'água, cavam-se, aproximadamente, dois metros de profundidade para enterrar o cambito, pedra na qual é amarrada uma corda deixando-se duas

---

<sup>8</sup> A medida de uma braça corresponde ao comprimento de dois braços abertos. Meia braça corresponde ao comprimento de um braço aberto até a metade do peito, conforme os pescadores locais.

pontas compridas o suficiente para amarrar aos guarda-mãos da rabiadeira, que são a continuação das cordas dos entralhos, dessa forma ela fica fixa em um ponto. Enquanto um dos lados da rede fica preso ao cambito o outro fica solto movimentando-se conforme as correntes da maré, a fim de malhar os peixes que passam pelo local.

A rabiadeira captura diversas espécies de pescado, entre elas: Corvina, Bandeirado, Serra, Pescada. A despesca, ação de colher o pescado capturado, é feita a cada doze horas, quando a maré está seca. A pesca com a rabiadeira é realizada durante uma semana, após esse período ela é recolhida e recolocada quando o pescador acha apropriado.

#### *2.3.1.2 Serreira*

A rede Serreira possui 50mm de abertura de malha e fio com 0,50mm de espessura. É utilizada para capturar Serra. Pesca à deriva. É utilizada também para fazer rabiadeiras. Com uma panagem de cem metros de comprimento faz-se quatro rabiadeiras, cada uma com vinte e cinco metros.

#### *2.3.1.3 Sardineira*

A rede sardineira é utilizada para capturar Sardina. A abertura da malha é pequena, 20mm, mas há pescadores que usam redes com 15mm e até 12mm, a espessura do fio é de 0,30mm. A sardineira pesca à deriva. Quando a água está suja ela fica a um metro de profundidade, quando a água está limpa é necessário aprofundá-la mais. Há pescadores que utilizam pedras para fazer a rede atingir uma profundidade maior e poder capturar as Sardinas que estão na parte mais funda.

#### *2.3.1.4 Camaroeira*

A rede camaroeira é utilizada no arrastão com objetivo de capturar camarão, embora capture outras espécies também como Tainha de tamanho médio. Apresenta 25mm de abertura de malha e fio com 0,25mm de espessura.

Essa pesca é praticada por dois ou mais pescadores. Enquanto um fica segurando uma das pontas da rede na praia, o outro nada, até onde puder, para fazer um semicírculo, em seguida ambos a puxam em direção à praia capturando os camarões que estiverem na área

cercada. Segundo os entrevistados, a pescaria de arrasto costuma ser praticada em família, com a participação das mulheres e dos adolescentes.

#### *2.3.1.5 Tainheira*

A rede tainheira apresenta 30mm de abertura de malha e o fio possui 0,30mm de espessura, por essa razão é também denominada de rede zero trinta. É utilizada para capturar tainha, mas captura outras espécies, como: Gó, de tamanho médio, Bandeirado, Corvina, Bagre.

É entalhada com grilon, pois, de acordo com os pescadores, esse tipo de material fica menos visível na água facilitando a captura do peixe, especialmente a tainha, considerada pelos mesmos o peixe mais difícil de ser capturado. Os pescadores fixam as redes em estacas, que são dispostas em fileiras, nos igarapés, atravessando-os, depois retornam para corrigi-las, ou seja, arrumar a posição das redes, e despescá-las. A distância entre as redes é de cerca de duzentos metros em média.

#### *2.3.1.6 Caiqueira*

A rede caiqueira possui entre 18mm e 20mm de abertura de malha e fio com 0,25mm de espessura. É entalhada com grilon a fim de dificultar a visualização da rede pelos peixes. É utilizada para capturar Caíca ou outras espécies pequenas que se malhem nela.

A pesca com a caiqueira ocorre de duas formas: lanceando ou na estacada. O primeiro tipo é realizado por três pescadores, enquanto um fica em um ponto, o outro faz o cerco com a rede até unir as duas extremidades, em seguida, o terceiro, o bulheiro, no interior do círculo, bate na água com um calão para assustar os peixes e fazer com estes se malhem mais rapidamente. Após um período de tempo, estipulado pelos pescadores, é realizada a despesca. Quando optam por pescar na estacada, as redes são dispostas em estacas durante a maré seca e despescadas quando a maré está novamente seca.

#### *2.3.1.7 Gozeira*

A rede gozeira é utilizada para pescar Gó. A abertura da malha pode variar entre 35mm ou 40 mm e a espessura do fio é de 0,40mm. O entalho é feito com corda sintética. Na pesca com a gozeira a rede fica à deriva, uma extremidade fica presa à canoa enquanto a

outra se movimenta conforme a correnteza, usa-se uma bandeira para sinalizá-la. O pescador espera em torno de duas ou três horas e inicia o processo de despesca.

#### *2.3.1.8 Pescadeira*

A rede pescadeira ou malhadeira é tecida com fio de náilon de 0,36mm pelos próprios pescadores ou moradores locais. A malha é grande, é utilizada para capturar pescada. É posta na água para pescar à deriva ou é posicionada na estacada.

#### *2.3.1.9 Tarrafa*

A tarrafa é uma rede de emalhar que possui formato circular e um chicote na parte superior que serve para puxar a rede da água para despescá-la. Possui apenas um entralho, no qual há chumbos que servem para submergi-la, e bolsos que servem para prender os peixes, evitando que escapem quando se puxa a rede para a superfície.

É utilizada de duas maneiras: pode ser lançada ao mar ou colocada em emburateuas, locais onde tem muitos paus no fundo, considerados bastante piscosos. Para lançá-la o pescador posiciona a rede nos braços e realiza o arremesso, ficando apenas com o chicote nas mãos, a rede precisa abrir-se rapidamente antes de afundar, em seguida é puxada para a superfície. Para posicioná-la sobre emburateuas, os pescadores mergulham e, cuidadosamente, ajeitam a rede sobre o local verificando se não há brechas por onde o peixe possa escapar, em seguida, mexem nos paus para que os peixes se movimentem e fiquem presos na rede, removida em seguida, retirando-se primeiro as partes que possam estar engatadas nos paus para que não rasgue.

#### *2.3.1.10 Puçá*

A puçá possui formato cônico. A malha é pequena e diminui gradativamente da boca para o interior da rede. Para tecê-la, os pescadores da Vila dos Pescadores improvisam uma agulha com as chaves que vêm em latas de carne em conserva. A pesca com a puçá é realizada por dois pescadores na beira da praia. Na boca são amarrados dois paus, um de cada lado. Segurando a rede na posição horizontal, eles caminham arrastando-a rente ao fundo do mar em direção à praia. É utilizada para pescar Camarão, embora capture outras espécies pequenas como: Uricica, que é utilizada para iscar espinhéis e munzuás.

Outra forma de se pescar com a puçá é posicionando-a entre moirões, que permanecem fixos em um ponto, perfazendo uma fileira. A altura das redes é ajustada à medida que a maré vaza ou enche. A despesca é realizada a cada doze horas, durante a vazante da maré. Essa pescaria denomina-se muruada, puçá de muruada ou muruada de camarão.

### 2.3.2 Pesca com armadilhas

Na Vila dos Pescadores em Ajuruteua são utilizadas duas categorias de armadilhas: móveis (munzuá) e fixas (currais).

#### 2.3.2.1 Pesca com munzuá

O munzuá consiste em uma estrutura cilíndrica em cujas extremidades há aberturas, as quais são denominadas de sangras, por onde os peixes entram, e, em cima, possui uma abertura utilizada para retirar os pescados capturados denominada de boca. As sangras possuem o formato afunilado, a parte interna é composta por pontas afiadas e irregulares, a sua estrutura possibilita a entrada do peixe, mas impede seu escape. Possui aproximadamente um metro e meio de comprimento. É confeccionado com talas de bambu pelos próprios pescadores

**Fotografia 3** - Munzuá.



Fonte: Registrada pela autora (março/ 2015)



São utilizadas iscas para atrair os peixes. Elas são colocadas dentro de um peneiro que é amarrado no interior da armadilha. Os munzuás são usados para capturar bagre, por isso são posicionados em emburateuas, locais onde este peixe é normalmente encontrado.

### 2.3.2.2 Pesca de curral

Os currais são armadilhas fixas de pesca instaladas no mar, as quais funcionam conforme a dinâmica das marés. São construídos com a finalidade de interceptar os peixes, que ao tentar escapar são direcionados para o seu interior. Há vários de tipos de curral, mas na comunidade Vila dos Pescadores de Ajuruteua os pescadores utilizam apenas o curral de enfia, pois, segundo eles, captura uma quantidade maior de pescados por estar exposto a um volume maior de água.

**Fotografia 4** - Curral de enfia.

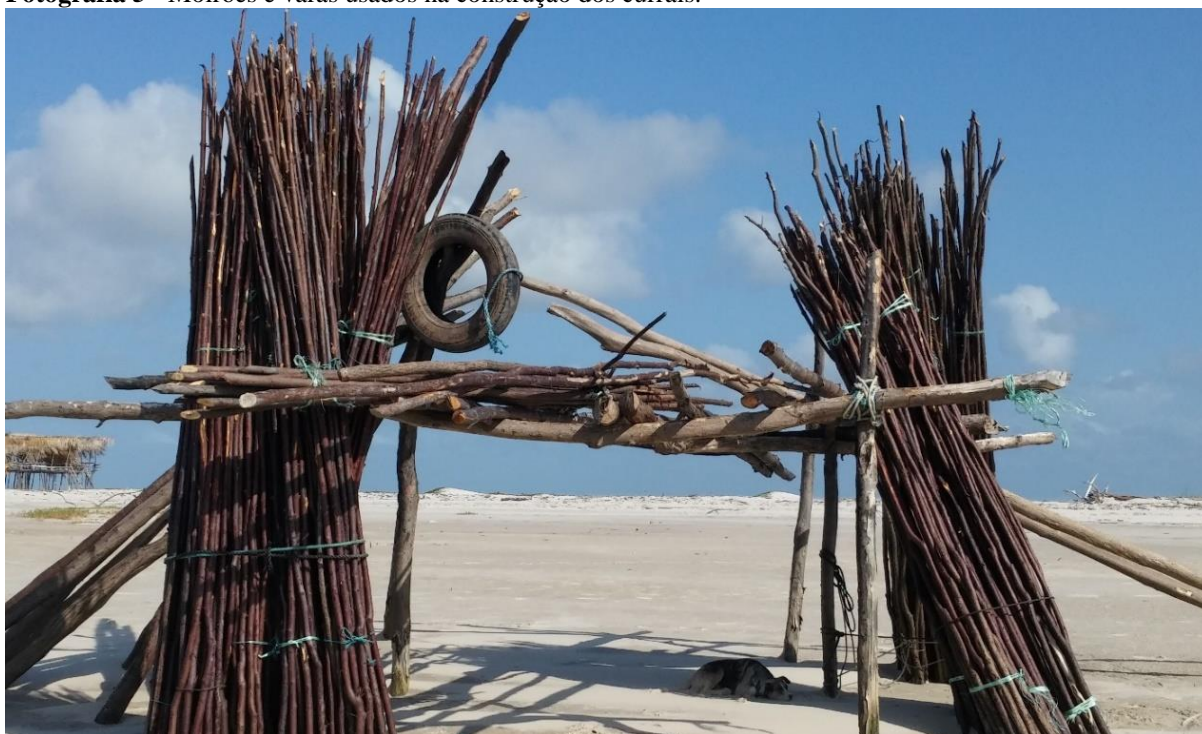


**Fonte:** Registrada pela autora. (Maio/ 2016)

Os currais de enfia possuem uma abertura em formato de V, formada por duas espias, que medem em média setenta braças de comprimento e conduzem à boca do curral, passagem por onde os peixes entram para o chiqueiro, que é um compartimento revestido de tela onde eles permanecem presos até a despesca. Esse tipo de curral pesca durante a vazante.

Os materiais utilizados para construir os currais de enfia são: madeira do mangue (*Rhizophora manglae*, *Avicennia sp*), pregos, rede ou tela feita de corda sintética e uma corda resistente, que é amarrada no topo de chiqueiro e em um toco de madeira fincado no chão, denominada de bimbarra, que serve para dar resistência ao chiqueiro contra a correnteza.

**Fotografia 5** - Moirões e varas usados na construção dos currais.



**Fonte:** registrado pela autora. (Maio/2016)

Inicialmente, os pescadores escolhem o local para fixar a armadilha e marcam a sua disposição em relação às correntes; para isso, fincam, durante a maré baixa, alguns moirões altos, que funcionam como balizas, pontos de referência, e durante a maré alta retornam para observá-los e determinar como o curral será disposto. Fonteles-Filho e Espindola (2001 *apud* FIDELIS, 2013) ressaltam que a eficiência dos currais se deve à sua localização e disposição em relação às correntes da maré, uma vez que estes não oferecem nenhum tipo de atração especial que conduza o peixe para o chiqueiro.

Dependendo do tipo de curral que se pretende construir, a disposição com relação às correntes varia. O curral de enfia deve ser posicionado de modo que, durante a vazante da maré, a água corra na direção da boca.

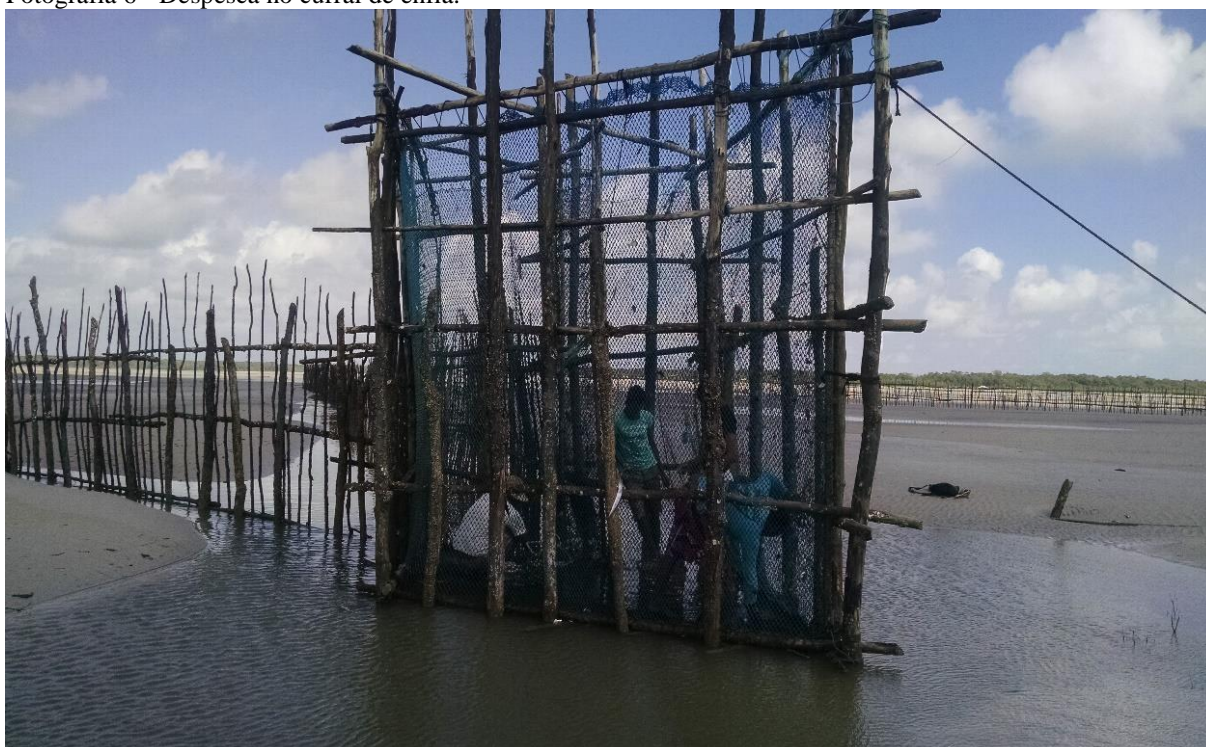
O processo de construção desta armadilha já foi bem mais trabalhoso e demorado, conforme relataram os pescadores, pois os moirões, madeiras grossas que são fixadas na posição vertical, eram fincados manualmente, sendo necessário fazer um grande esforço

braçal. Atualmente, utiliza-se um motor para perfurar o chão e, posteriormente, fincá-los, distantes uma braça um do outro para dar sustentação ao curral. Essa ação é denominada pelos pescadores de muruar, é a primeira etapa da construção. Em seguida, são fixadas as varas de cinta, madeiras que são pregadas nos moirões em posição horizontal, e nestas são pregadas as varinhas ou varas da espia, madeiras finas, que são fixadas na posição vertical preenchendo as lacunas entre um moirão e outro, dificultando o escape dos peixes.

As telas do curral são feitas de corda sintética (cabo de perna), tecidas à mão pelos pescadores da comunidade. Para tecê-las utilizam uma bitola. Mesmo já tendo disponíveis as peças prontas para a compra no comércio, os pescadores da comunidade preferem confeccioná-las, pois, segundo os mesmos, o custo é reduzido quase pela metade, além de ficarem mais resistentes e, conseqüentemente, durarem mais. Eles relembram que antes de se utilizar esse material sintético utilizavam-se talas de bambu, as quais precisavam ser bem limpas e lascadas.

A despesca nos currais de enfia é realizada a cada doze horas, durante a maré baixa, e somente nas águas, período em que a maré cresce muito, possibilitando a entrada dos pescados na armadilha, e vaza completamente, permitindo acesso ao chiqueiro para retirá-los.

Fotografia 6 - Despesca no curral de enfia.



Fonte: Registrada pela autora. (Maio/2016)

Com as mãos ou com o auxílio de uma raquete, os pescadores retiram os pescados capturados colocando-os no cerão, cesto redondo feito de talas de bambu, que possui duas alças, o qual depois é pendurado em um calão, pedaço de pau que mede em média dois metros, para ser transportado nos ombros até às casas dos pescadores; há alguns, no entanto, que utilizam paneiros ou basquetas e carroças para transportar os peixes.

**Fotografia 7** - Pescadores transportando pescados capturados no curral.



**Fonte:** Registrada pela autora.

A maioria dos pescadores mantém os currais em funcionamento durante todo o ano, mesmo não tendo uma produtividade grande no período fora da safra, a fim de garantir a alimentação da família. Por essa razão, a manutenção das estruturas das armadilhas é uma tarefa contínua realizada pelos mesmos.

### 3.3.3 Pesca com linha

Desde a antiguidade o homem utiliza linhas como método para capturar peixes. De acordo com Dias (2007), a pesca à linha de mão era realizada, inicialmente, sem anzóis, depois, passou-se a utilizar anzóis curvos feitos de: pedra, ossos, madeira e metal.

#### 2.3.3.1 Linha de espera

A pesca com a linha de espera é realizada com uma linha na qual é amarrado um ou dois anzóis na extremidade, neles são colocadas iscas para atrair os peixes. Os pescadores

dirigem-se a lugares onde não tem correnteza, colocam a linha com o anzol já iscado na água e aguardam o peixe ser fisgado. Esse tipo de pesca é realizado para subsistência da família e costuma ser praticado pelas mulheres da comunidade.

### 2.3.3.2 Pesca de espinhel

O espinhel consiste em uma linha principal, disposta na horizontal, denominada de tiradeira na qual são amarradas outras linhas secundárias, dispostas na vertical, denominadas de estrovos, onde são pendurados anzóis. A ação de amarrar os anzóis no estrovo denomina-se estrovar.

Fotografia 8 - Espinhel de grilon.



**Fonte:** registrada pela autora.

Fotografia 9 - Espinhel de náilon.



**Fonte:** registrada pela autora.

O comprimento da tiradeira, a distância entre os estrovos, o tamanho dos anzóis e o tipo de material utilizado para montar os espinhéis são aspectos que dependem da pesca que se pretende realizar. Para capturar bagres os pescadores utilizam espinhel feito com fio de náilon e anzóis de número onze. O instrumento é amarrado em tocos de madeira no mangue, de maneira que fique bem esticado, e deixado no local por um período de tempo suficiente para que os peixes sejam fisgados. Para pescar no mar o espinhel feito com linha grilon é o mais adequado, pois por ser um material transparente não é visualizado pelos peixes, que são fisgados mais facilmente, além de ser mais resistente. O anzol utilizado é o de número seis, apropriado para peixes maiores. O pescador finca um ferro com uma boia em um determinado

ponto e prende neste a ponta do espinhel e à medida que vai colocando as iscas nos anzóis vai soltando a linha no mar.

Os espinhéis são recolhidos manualmente após um período de tempo determinado pelos pescadores. Após a pesca, os peixes que se ferrarem são retirados e os anzóis que estiverem em bom estado são novamente estrovados.

#### 2.3.4 A comercialização do pescado

A comercialização do pescado ocorre entre pescadores e marreteiros na própria comunidade. Os marreteiros, também chamados de atravessadores, são os profissionais que compram os pescados diretamente dos pescadores e os revendem, posteriormente, para terceiros, que, então, realizam a venda para o consumidor final. Alguns pescadores são financiados pelos marreteiros, que compram o material necessário para a realização da pesca e cobram o valor devido em pescados; na comunidade, os marreteiros que realizam essa negociação são chamados de patrões.

O pescado é comercializado na beira do mar ou nos ranchos, locais equipados com caixas com gelo, para conservar o pescado, e balanças. Os preços são estabelecidos conforme a espécie do pescado e podem variar no decorrer do ano considerando-se o período da safra.

### 3 METODOLOGIA

Apresentamos, neste capítulo, os procedimentos adotados para a realização da pesquisa de campo e para a construção da obra terminográfica.

#### 3.1 O desenvolvimento da pesquisa de campo

Para descrever a terminologia da pesca foi necessário conhecer o contexto no qual ela é realizada, o que foi possível através da pesquisa *in loco*. Esse tipo de conhecimento é fundamental para a prática do trabalho socioterminológico, pois este se fundamenta na análise das condições de uso das unidades terminológicas no interior do contexto social, conforme Faulstich (1995). Antes, no entanto, foi feita a pesquisa e a consulta às referências teóricas que respaldam nosso trabalho. Imbuídos do referencial teórico necessário, o que, conforme Marconi e Lakatos (2003), é o primeiro passo para a realização de uma pesquisa, fomos a campo no período de março de 2015 a agosto de 2016.

Inicialmente, fizemos duas visitas à Vila dos pescadores, nos meses de março e junho de 2015, com o intuito de estabelecer os primeiros contatos com os profissionais da pesca e conhecer melhor a comunidade. Nessas oportunidades, contatamos um pescador, que é uma referência na comunidade, e este ajudou-nos a aproximarmos dos demais profissionais com os quais desenvolvemos esta pesquisa. Esses contatos foram importantes, pois favoreceram a nossa aproximação aos informantes.

Essas conversas iniciais que tivemos com os profissionais, assim como as leituras prévias que realizamos sobre a pesca na região, possibilitaram familiarizarmos com a área de domínio, o que, segundo Barros (2004), é um dos primeiros passos quando se propõe a pesquisar um campo específico do saber.

##### 3.1.1 A área da pesquisa

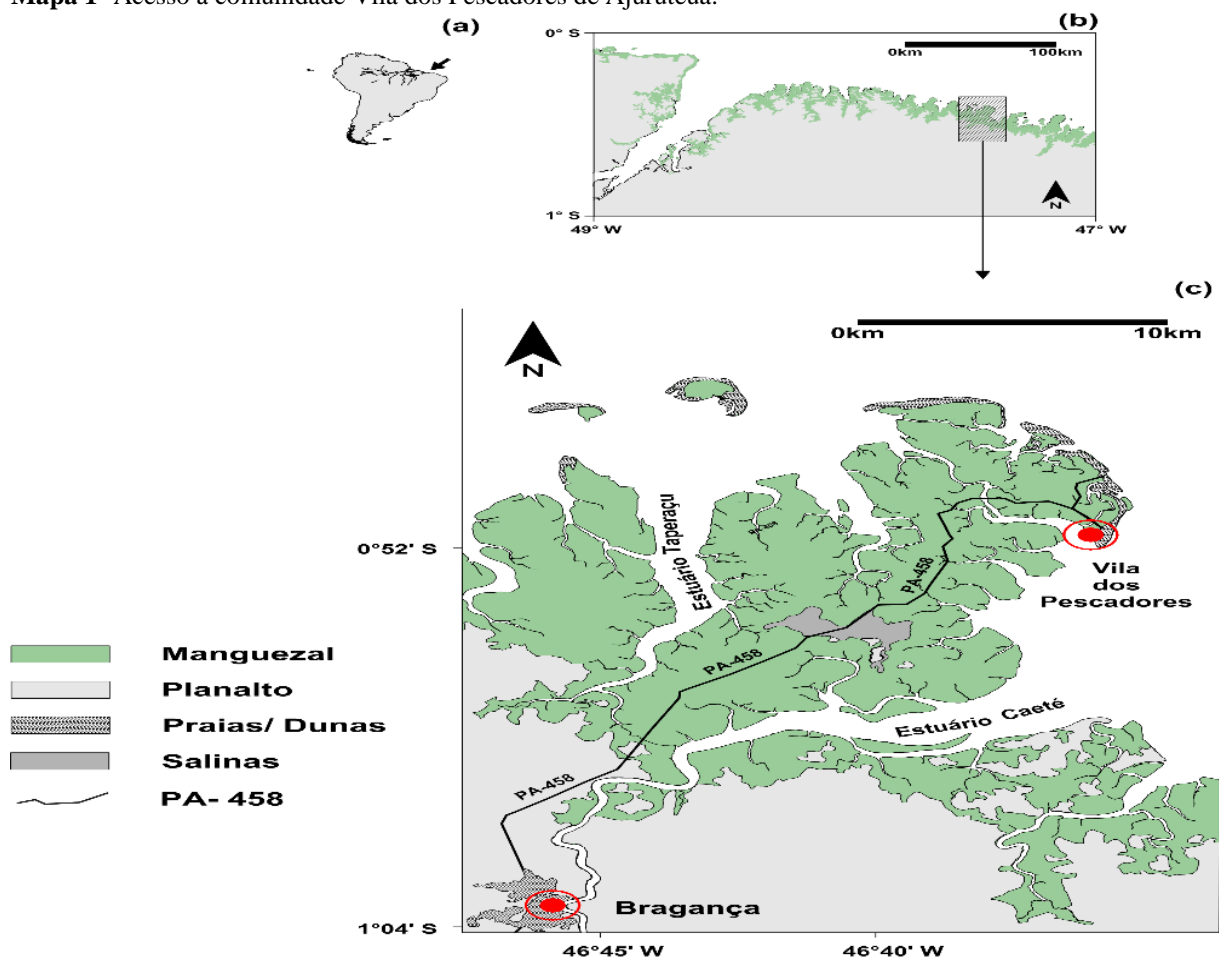
A comunidade Vila dos Pescadores de Ajuruteua localiza-se em Bragança, município também conhecido como a “Pérola do Caeté” em virtude da sua localização à margem esquerda do rio Caeté, o qual pertence à microrregião bragantina e à mesorregião nordeste do estado do Pará, região norte do Brasil.

Bragança é um dos municípios com maior potencial para a exploração pesqueira da costa norte brasileira, conforme Krause e Glaser (2003, apud PEREIRA, 2006), e ,segundo

Espirito-Santo e Isaac (2012), é da pesca artesanal que provém mais de 90% do volume total de pescado desembarcado na cidade, apresentando, assim, significativa importância para a região.

A Vila dos Pescadores de Ajuruteua é um dos portos pesqueiros do estuário do rio Caeté. A comunidade está situada a 36 km do centro da cidade de Bragança, o acesso se faz via marítima ou pela rodovia estadual PA-458, a qual foi concluída em 1983, de acordo com Pereira et al. (2006). Decidimos realizar a pesquisa na comunidade Vila dos Pescadores em virtude de a mesma ser eminentemente pesqueira e pela facilidade de acesso ao local.

**Mapa 1-** Acesso à comunidade Vila dos Pescadores de Ajuruteua.

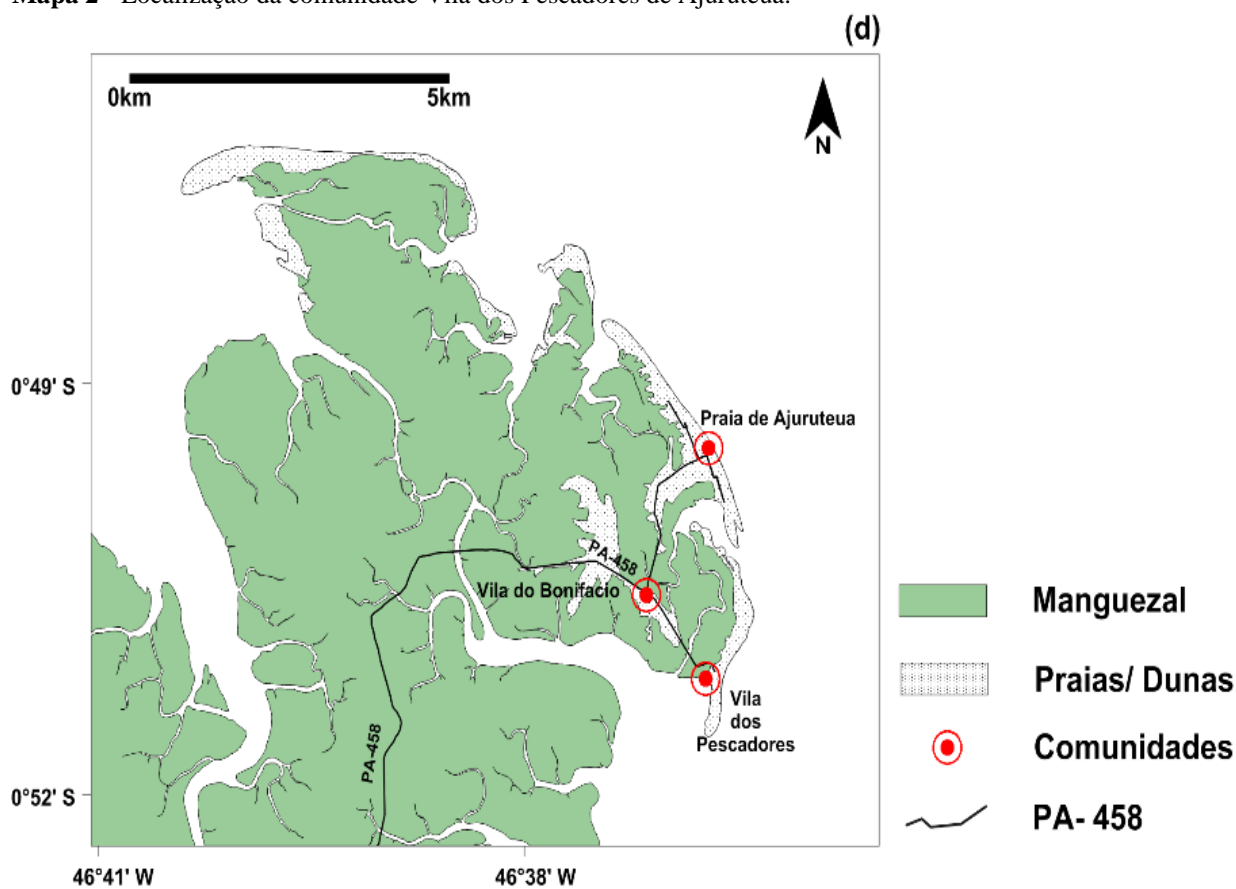


Fonte: elaborado por Vando.

A comunidade pesqueira faz parte de Ajuruteua, que é formada por três seções, separadas espacialmente por hidrodinâmicas próprias, a saber: praia de Ajuruteua, Vila Bonifácio e Vila dos Pescadores de Ajuruteua, conforme Barboza (2006).



**Mapa 2** - Localização da comunidade Vila dos Pescadores de Ajuruteua.



Fonte: Elaborado por Vando.

A comunidade está situada na Planície Costeira Bragantina, que abrange uma área que vai desde a Ponta do Maiaú até a foz do Caeté, cerca de quarenta quilômetros, de acordo com Sousa Filho (2001 apud BARBOZA, 2006).

O clima da região é equatorial, quente e úmido, caracteriza-se por apresentar um período chuvoso, nos meses de janeiro a maio, e um período seco nos demais meses do ano; a pluviosidade média anual é 2.500 mm, de acordo com Pereira et al. (2006).

O litoral paraense, onde está situada a Vila dos pescadores de Ajuruteua, é considerado como uma região muito produtiva por ser rica em ambientes estuarinos em cujas margens predominam as florestas de manguezais, onde há um constante fluxo de nutrientes provenientes de materiais em decomposição que são transportados pela dinâmica das marés, possibilitando a estruturação de uma complexa teia alimentar, o que contribui para a produtividade e influencia de forma positiva as atividades pesqueiras, de acordo com Espírito-Santo e Isaac (2012).

A principal fonte de renda da população local advém da captura e da comercialização do pescado. Na comunidade não há roça, o acesso a produtos como arroz, feijão, farinha se dá

através da compra em pequenos pontos comerciais na própria comunidade, na Vila do Bonifácio, comunidade localizada próximo à Vila dos Pescadores de Ajuruteua, ou no centro de Bragança. Há poucas árvores frutíferas e pequenos jirais onde são feitas hortas, além de criações de galinhas nos quintais de algumas casas, que não são, em sua maioria, delimitados por cercas.

A comunidade começou a formar-se em 1913, quando os primeiros imigrantes chegaram à localidade. Originários de Sobral, estado do Ceará, estavam fugindo da seca. De acordo com os atuais moradores, netos daqueles, a comunidade iniciou-se com cinco pessoas, sendo dois casais e um homem, dentre estes o Sr. Francisco Domingos de Melo e a Sra. Maria Sousa de Melo, pais de Domingos de Sousa Melo, que dá nome à escola da Vila do Bonifácio, e quem, segundo os informantes, construiu a primeira escola na localidade. Residem atualmente na comunidade 128 famílias, totalizando 381 moradores, segundo dados do posto de saúde, administrado pela Secretaria de Saúde do município de Bragança, localizado na comunidade Vila do Bonifácio.

A Vila dos Pescadores passou a ser assim denominada após a construção da rodovia PA 458, que liga a cidade de Bragança à comunidade. Anteriormente, segundo os relatos dos informantes, era chamada de Praia de Ajuruteua, pois o local que atualmente é assim denominado era conhecido como Campo do Meio e abrigava criações de gado dos primeiros moradores da comunidade.

### 3.1.2 Objetivos da pesquisa

#### **Objetivo geral**

Registrar em um glossário eletrônico a terminologia, proveniente do discurso oral, da pesca desenvolvida na comunidade Vila dos Pescadores de Ajuruteua, em Bragança-Pa.

#### **Objetivos específicos**

- Identificar, a partir do discurso de pescadores e marreteiros, os termos que expressam os saberes da pesca desenvolvida na comunidade Vila dos Pescadores de Ajuruteua.
- Descrever a terminologia da área de especialidade, considerando o fenômeno da variação, identificando a ocorrência de variantes no interior dos discursos dos profissionais.
- Organizar um glossário da pesca artesanal desenvolvida na comunidade pesquisada.

### 3.1.3 Público a que se destina a obra

Definir o público-alvo de um glossário é importante porque implica decisões a respeito do mesmo, tendo em vista que “as características essenciais de uma obra terminográfica dependem fundamentalmente de seus objetivos e do público que se deseja atingir” de acordo com Barros (2004, p. 191). Considerando o público a que se destina a obra, é necessário decidir a linguagem e a estratégia discursiva que serão utilizadas, assim como os tipos de dados que serão veiculados pelos verbetes. A obra terminográfica, produto final desta pesquisa, pretende ser um instrumento de consulta para profissionais técnicos e especialistas de órgãos públicos e empresas privadas, que lidam com questões relacionadas ao desenvolvimento da pesca, e para os estudantes dos cursos voltados à área da pesca como: Técnico em Pesca, e Graduação em Engenharia de Pesca, assim como àqueles que tenham interesse em conhecer a terminologia da referida área de especialidade.

### 3.1.4 Perfil dos Informantes

Selecionamos, como informantes, homens e mulheres que trabalham com a pesca artesanal na comunidade Vila dos pescadores de Ajuruteua, em Bragança-PA, tanto na captura quanto na comercialização de pescados. A seguir, apresentamos o perfil dos socioprofissionais que participaram desta pesquisa, traçado a partir de formulário específico (apêndice A) preenchido durante as pesquisas. Foram considerados os seguintes aspectos: faixa-etária, naturalidade, escolaridade, tempo de profissão e o exercício de outra profissão além da pesca.

Tabela 1 - Perfil dos informantes.

Informantes	Faixa Etária			Naturalidade		Escolaridade				Tempo de Profissão		Exerce outra profissão além da pesca?	
	18-40	41-55	56-70	Vila dos Pescadores	Outros	NA	ALF	EFI	EFC	Até 40 anos	Mais de 40 anos	Sim	Não
Pescadores	1	3	4	6	2	1	2	5	-	3	5	2	6
Pescadoras	1	-	2	2	1	-	-	3	-	1	2	2	1
Marreteiros	-	1	2	-	3	-	-	2	1	3	-	-	3
<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>4</b>	<b>8</b>	<b>8</b>	<b>6</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>10</b>	<b>1</b>	<b>7</b>	<b>7</b>	<b>4</b>	<b>10</b>

Fonte: Elaborada pela autora.

Entrevistamos 14 profissionais, dos quais 3 são marreteiros e 11 são pescadores (8 homens e 3 mulheres), com faixa etária entre 38 e 66 anos. A maioria nasceu e reside na comunidade, com exceção de um marreteiro que reside em Bragança e desloca-se diariamente

até a comunidade para comprar o pescado para revendê-lo. A maioria dos pescadores possui o ensino fundamental incompleto e têm a pesca como sua principal fonte de renda.

Os pescadores trabalham desde a adolescência, a maioria iniciou na atividade pesqueira aos catorze anos de idade. Aprenderam a profissão com os pais e/ou com pessoas próximas, através da convivência e da experiência. Possuem, portanto, conhecimento empírico acerca da área.

Percebemos nas primeiras visitas à comunidade que os pescadores se sentiam mais à vontade para falar sobre os tipos de pesca que desenvolvem com maior frequência, ainda que conheçam outros. Dessa forma, selecionamos para participar da pesquisa 4 pescadores (3 homens e 1 mulher) que trabalham em currais diariamente, além de utilizarem outras artes de pesca, e 7 (5 homens e 2 mulheres) que pescam com redes variadas e outros instrumentos como o munzuá e o espinhel. Durante as entrevistas, conversamos mais a respeito da pesca praticada pelo profissional com o qual estávamos interagindo, reportando-nos aos outros tipos quando possível. Essa postura contribuiu para que pudéssemos ter informações mais detalhadas acerca das artes de pesca.

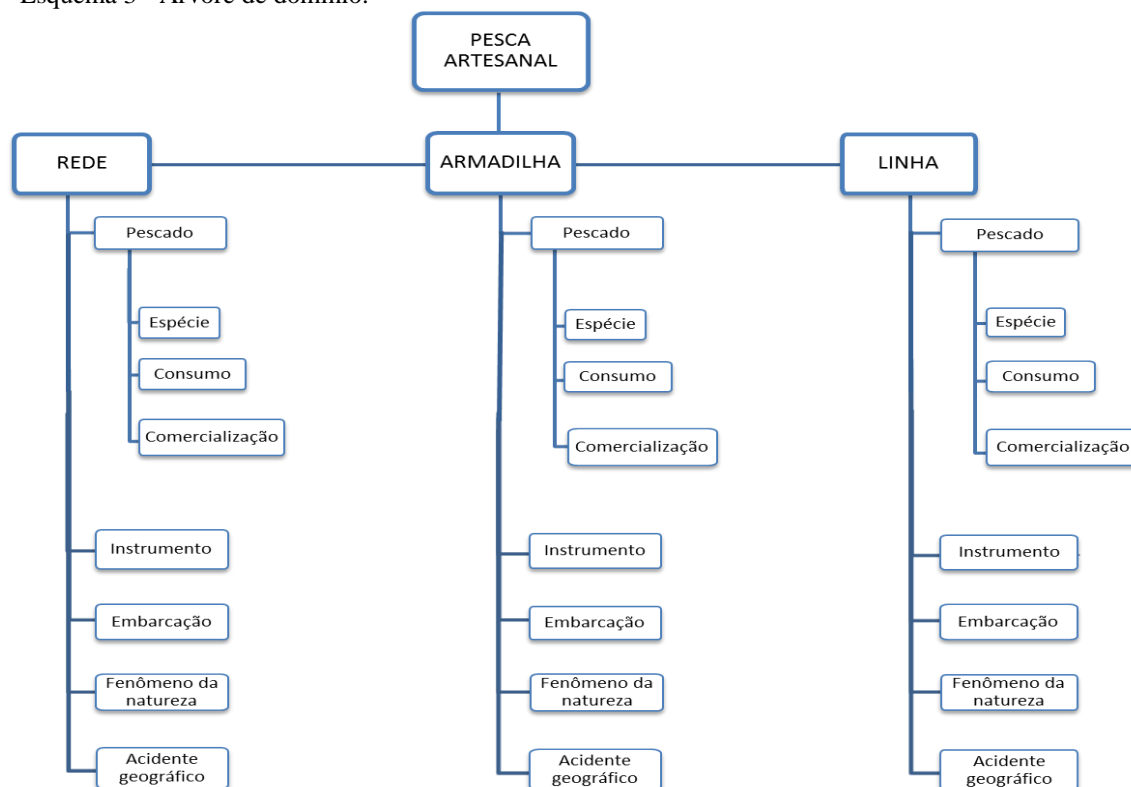
### 3.1.5 Conhecimento da área e árvore de domínio

A árvore de domínio é um esquema, organizado de forma hierárquica, de uma área de especialidade, onde são dispostos os campos conceituais referentes a esta. A sua utilização é recomendada, conforme Krieger e Finatto (2004), por permitir uma aproximação maior ao domínio especializado, sendo por isso a sua elaboração essencial para o trabalho terminográfico, pois favorece ao pesquisador o conhecimento da área que pretende descrever, possibilitando a delimitação da pesquisa, contribuindo, assim, para o trabalho de reconhecimento dos termos.

Faulstich (1995) enfatiza que a delimitação do *corpus* é essencial para que se possa descrever exaustivamente a terminologia em questão. Desse modo, para que o pesquisador consiga mensurar a área de domínio a ser descrita é preciso “delimitar a macroárea, as áreas intermediárias e a subárea de conhecimento nas quais se circunscrevem a terminologia”.

Através dos primeiros contatos que mantivemos com os profissionais e das leituras sobre a pesca na região, traçamos a árvore de domínio da referida atividade, a qual, ao longo da pesquisa, passou por modificações em decorrência dos dados coletados. Dessa forma, propomos a árvore de domínio da pesca, apresentada a seguir, delimitando os campos conceituais aos quais pertencem os termos apresentados no glossário.

Esquema 3 - Árvore de domínio.



Fonte: elaborado pela autora.

### 3.1.6 O levantamento dos dados e a constituição do corpus

O levantamento dos dados que compõem o *corpus* desta pesquisa foi realizado a partir do método de observação direta intensiva que, de acordo com Marconi e Lakatos (2003), consiste na utilização das técnicas: observação, a qual realizamos considerando o ponto de vista etnográfico, e entrevistas.

De acordo com Faulstich (1995), os princípios básicos da etnografia são necessários para o bom desenvolvimento da pesquisa socioterminológica, pois é necessário que o pesquisador adentre o universo da atividade especializada para que possa apreendê-la, estando atento aos aspectos que dizem respeito a sua realização no dia a dia. Para isso, é preciso que tenha contato com as pessoas que dela participam e observe a interação entre elas no contexto sociocultural em que estão inseridas. Para a autora:

a base dessa nova interpretação (socioterminologia) encontra respaldo na etnografia, cuja linha de conduta deriva de um postulado fundamental, que é a existência de uma ordem: o engajamento entre as pessoas, a interação de uns com os outros. Assim, as atitudes interacionais precisam ser observadas e analisadas nos mais diferentes espaços e em diferentes níveis. (FAUSTICH, 1995, n.p.)

Conforme a autora, esta conduta é necessária porque é preciso observar os termos em seu contexto natural de uso, considerando os aspectos sociais e culturais em que estão inseridos. Dessa forma, ressalta com relação à coleta de dados que “as situações naturais devem ser a fonte primária” (FAUSTICH, 1995, n.p.).

Assim, torna-se necessário, de acordo com Hammersley e Atkinson (1994 apud FAUSTICH, 1995), que o pesquisador participe do cotidiano das pessoas, de forma aberta e velada, por um período de tempo relativamente longo, durante o qual as observe, as ouça, e lhes faça perguntas, a fim de que possa obter esclarecimentos sobre o tema que está investigando; no caso da socioterminologia, a investigação diz respeito aos termos da área especializada que se pretende descrever, e, no caso desta pesquisa, diz respeito à terminologia da pesca. Essa postura possibilita ao pesquisador ter acesso aos significados que orientam os comportamentos das pessoas, permitindo, assim, a compreensão das práticas socioculturais.

Nesse sentido, a observação constitui-se em uma tarefa que vai além de simplesmente ver ou ouvir, consiste em fazer um cuidadoso exame do objeto. Marconi e Lakatos (2003, p.190) ressaltam que “a observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar.”.

Realizamos a observação não-participante. Neste tipo de procedimento “o pesquisador toma contato com a comunidade, grupo ou realidade estudada, mas sem integrar-se a ela: permanece de fora. Presencia o fato, mas não participa dele [...] faz mais o papel de espectador”, de acordo com Marconi e Lakatos (2003, p. 193). Durante a pesquisa de campo, observamos o desenvolvimento de atividades por pescadores e marreteiros, como: a despesca do curral, a confecção e a manutenção das redes de pesca, a confecção do munzuá, a venda do pescado aos marreteiros, o transporte de pescados e a preparação para o consumo na residência dos pescadores. Também visitamos alguns ranchos onde se vende o pescado e alguns depósitos onde são guardados os materiais de pesca, e, nestes momentos, conversamos informalmente com os socioprofissionais. Essa postura nos auxiliou para que compreendêssemos o desenvolvimento da pesca na comunidade e contribuiu para a descrição e delimitação conceitual das unidades terminológicas. A observação constituiu-se, portanto, em uma prática fundamental tanto para o reconhecimento do *locus* da pesquisa como para a coleta dos dados.

O discurso oral é a fonte do *corpus* desta pesquisa, para constituí-lo adotamos os seguintes procedimentos: entrevistas semiestruturadas, realizadas na residência dos pescadores e nos ranchos, e conversas informais.

Oliveira (2006, p.22) ressalta que através da entrevista “o pesquisador pode obter informações não alcançáveis pela estrita observação”, assim, o autor define o ato de entrevistar como uma forma especial de ouvir e enfatiza a importância de se saber ouvir. Durante as entrevistas nos dedicamos a ouvir mais, atentando para aspectos relevantes que necessitavam ser mais bem esclarecidos. As questões feitas durante este momento (apêndices B e C) foram elaboradas com base em leituras prévias a respeito do assunto e em observações feitas nas primeiras visitas à comunidade e complementadas com outras durante a interação. Tentamos deixar os profissionais à vontade para que, assim, pudéssemos apreender a terminologia utilizada em seu cotidiano como pescador, possibilitando-nos descrevê-la conforme as características linguísticas próprias do local. Durante as entrevistas, solicitamos aos pescadores que nos mostrassem os seus instrumentos de trabalho e explicassem como se dá a confecção dos mesmos, descrevendo as partes constitutivas de cada um, a finalidade destas e as especificações quanto ao uso.

Para o registro dos dados utilizamos um gravador digital de áudio, câmera de vídeo e fotográfica. Com esses instrumentos pudemos registrar as entrevistas, as conversas informais, que totalizaram aproximadamente 12 horas de gravação, e as imagens das artes de pesca e da localidade.

### **3.2 Tratamento dos dados**

Após a realização do levantamento dos dados, procedemos ao tratamento dos mesmos, que se deu através da transcrição dos áudios, gravados durante a pesquisa de campo, e da seleção e registro dos termos referentes ao domínio da pesca.

#### **3.2.1 Transcrição das entrevistas e seleção dos termos**

Realizamos a transcrição grafemática das entrevistas e de duas conversas informais, que ocorreram durante a despesca do curral e durante a visita à embarcação de um dos informantes, pois nestas oportunidades surgiram termos novos que não foram mencionados nas entrevistas. Compreendemos que este tipo de transcrição atende aos propósitos desta

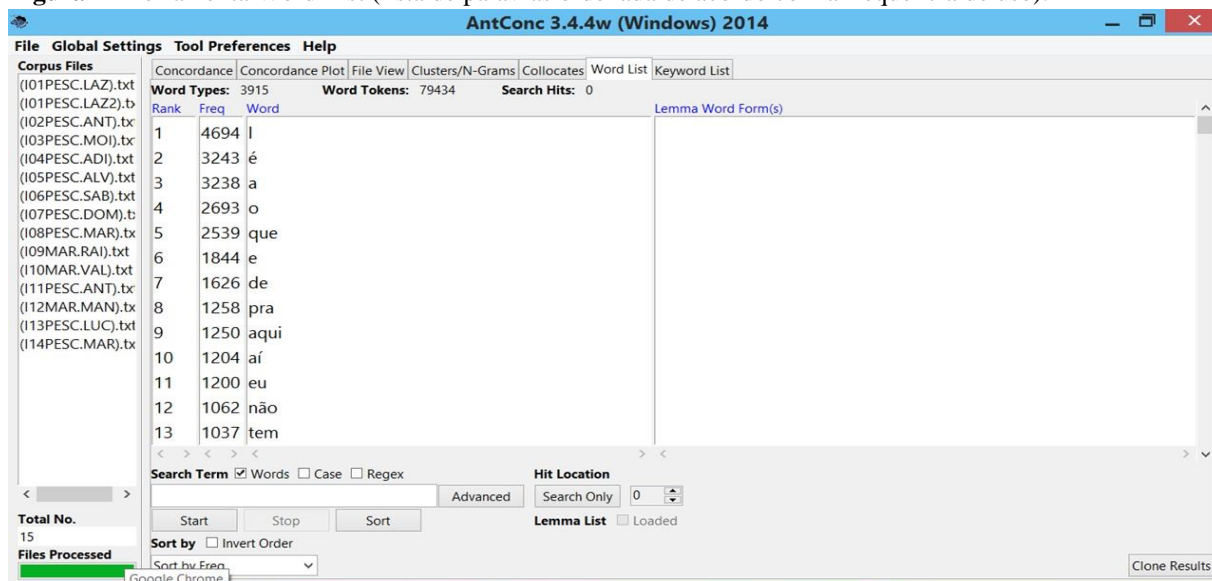
pesquisa, assim, adotamos as normas (anexo A) extraídas de Castilho e Preti (1986, apud FÁVERO et al., 2000) para a transcrição de textos orais.

Após realizarmos a transcrição, os arquivos foram salvos em formato TXT para que pudessem ser lidos pelo software AntConc 3.4.4 w, que utilizamos para auxiliar no processo de seleção dos termos. De acordo com Kader e Richter (2013, p. 21), “o AntConc é um programa que analisa automaticamente textos, caracterizando-se como uma ferramenta que facilita a coleta e a análise de dados.”. O programa, desenvolvido por Laurence Anthony, da Faculty of Science and Engineering - Waseda University Japan, está disponível, gratuitamente, para download no endereço eletrônico: <http://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>.

O *software* possibilitou a seleção semiautomática das unidades terminológicas, através das ferramentas que disponibiliza para proceder à análise de *corpora* textuais, dentre as quais utilizamos três, a saber: *Word List*, *Concordance* e *Clusters/N-Grams*.

A ferramenta *Word List* fornece listas completas com todas as palavras presentes no *corpus*, a partir de cada uma delas o pesquisador realiza a análise. Entre as opções disponibilizadas pelo programa, pode-se, por exemplo, ver as palavras ordenadas conforme a frequência em que são empregadas no discurso ou alfabeticamente. Para vê-las listadas conforme a frequência de uso é necessário selecionar a opção *sort by freq*, assim, o programa fornece uma lista em que a palavra mais frequente no *corpus* aparece primeiro e a menos frequente aparece por último. A frequência de uso da palavra é apontada na coluna à esquerda através do *rank*. Na figura, a seguir, pode-se observar a ferramenta ativada.

**Figura 1** - Ferramenta Word List (lista de palavras ordenada de acordo com a frequência de uso).

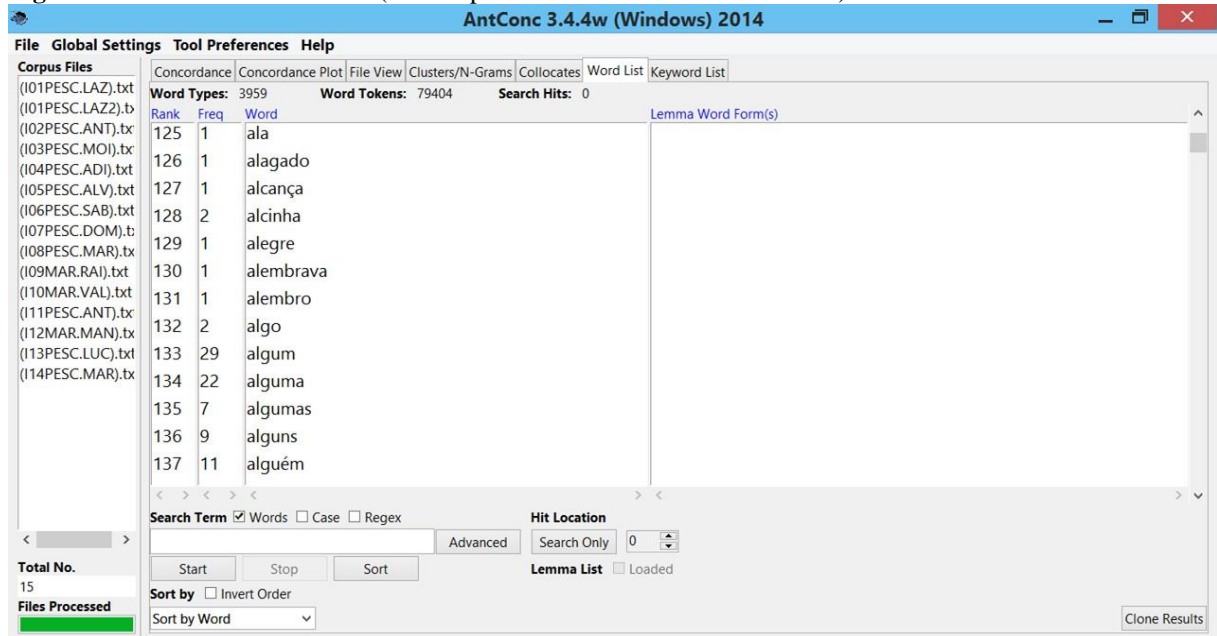


Fonte: elaborada pela autora.



Para ver as palavras listadas em ordem alfabética é necessário que a opção *sort by word* seja selecionada.

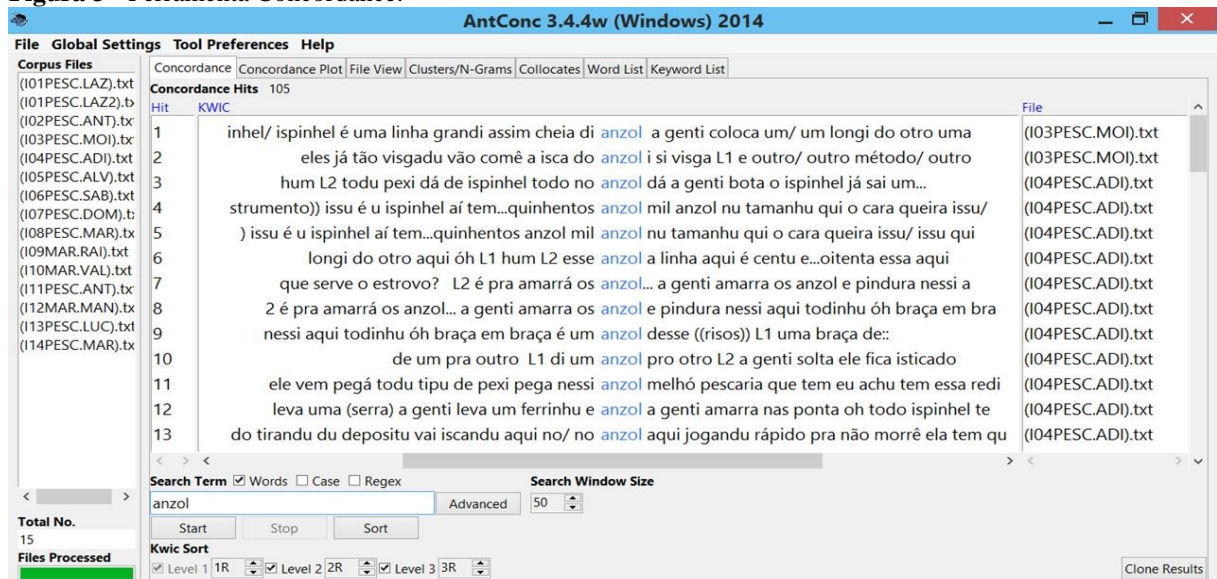
**Figura 2** - Ferramenta Word List. (lista de palavras ordenada alfabeticamente).



Fonte: elaborada pela autora.

Ao clicar sobre cada palavra listada, podem-se observar todos os contextos em que foi utilizada, por meio da ferramenta *concordance*, o que facilitou a análise dos mesmos e o trabalho de identificação dos termos pertinentes ao domínio da pesca, assegurando maior confiabilidade aos resultados.

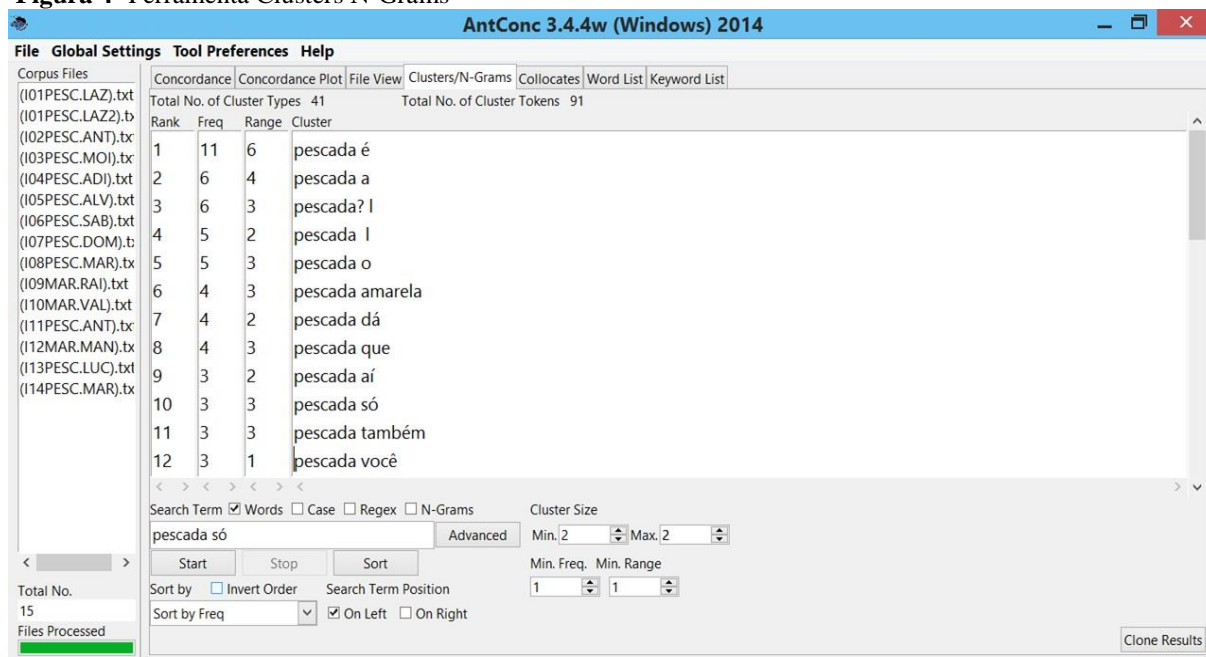
**Figura 3** - Ferramenta Concordance.



Fonte: elaborada pela autora.

Foi utilizada também a ferramenta *Clusters/N-Grams*, que possibilita visualizar as palavras que estão próximas à palavra investigada, auxiliando, assim, na delimitação dos termos complexos.

**Figura 4-** Ferramenta Clusters N-Grams



**Fonte:** elaborada pela autora.

### 3.2.2 O Registro dos termos

Os termos levantados foram registrados com o auxílio do *software* Lexique Pro, que é indicado para se construir repertórios lexicais e terminológicos, por possibilitar a organização da macroestrutura e da microestrutura da obra e a criação de um banco de dados, de acordo com Lima e Martins (2014). O programa pode ser baixado, gratuitamente, no endereço eletrônico: [www.lexiquepro.com.br](http://www.lexiquepro.com.br).

Por meio deste programa construímos as fichas terminológicas que, segundo Faulstich (1995), funcionam como uma “certidão de nascimento” do termo, e, segundo Krieger e Finatto (2004, p. 136) são consideradas como “um registro completo e organizado de informações referentes a um dado termo”. Sobre a realização deste procedimento Rodrigues (2015, p.123) enfatiza que “o preenchimento da ficha terminológica é uma necessidade para que o pesquisador terminólogo não se perca na tarefa de organização das informações referentes aos termos selecionados”.

Desse modo, considerando a importância do preenchimento das fichas terminológicas para registrar as informações referentes aos termos levantados e o objetivo proposto para este trabalho, optamos em utilizar o software Lexique Pro, por possuir uma interface que possibilita a inserção dos dados através de etiquetas pré-definidas, que correspondem aos componentes de uma ficha terminológica e podem ser editadas conforme a microestrutura prevista para os verbetes.

No programa, as etiquetas funcionam como códigos, assim, para cada informação referente ao termo levantado utiliza-se uma, de modo que os componentes: entrada, categoria gramatical, definição, variante, remissiva, contexto, campo semântico, imagem, entre outros, têm etiquetas próprias. No quadro, a seguir, demonstramos as que utilizamos e os componentes que lhes são correspondentes.

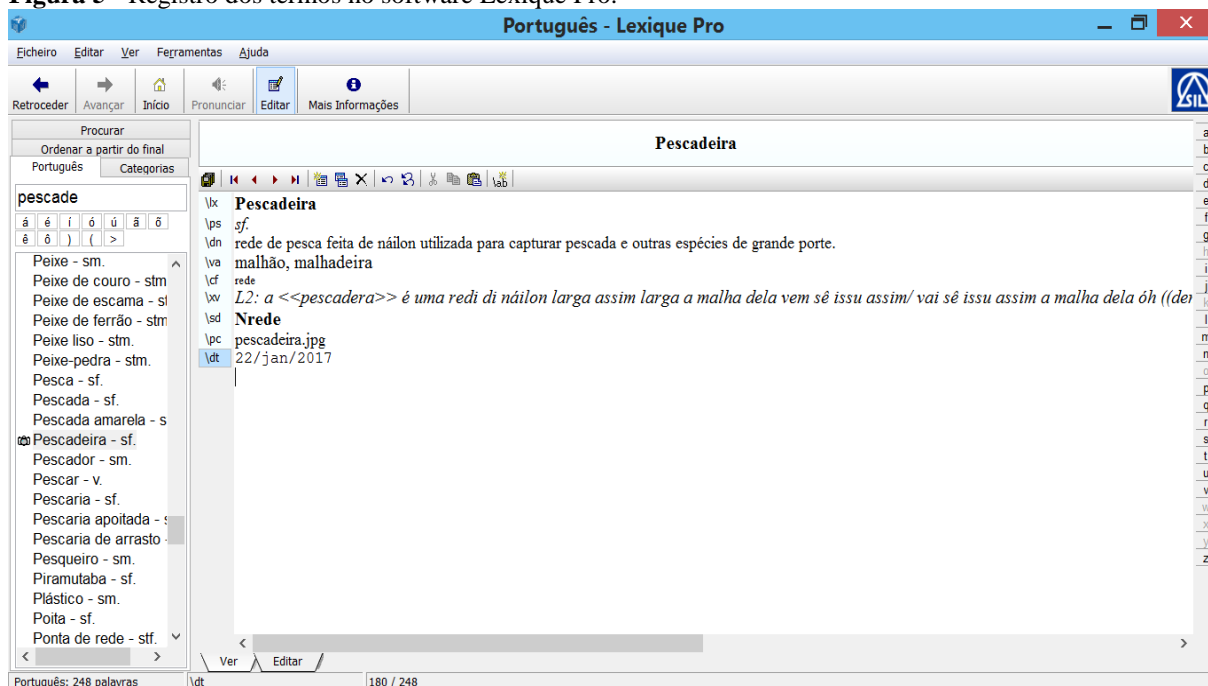
**Quadro 2** - Etiquetas usadas no software Lexique Pro.

<b>ETIQUETA</b>	<b>COMPONENTE</b>
\lx	Entrada
\ps	Categoria gramatical
\dn	Definição
\va	Variante
\cf	Remissiva
\xv	Contexto
\sd	Campo semântico
\pc	Imagem
\ff	Vídeo

**Fonte:** elaborado pela autora.

As informações sobre os termos foram sendo inseridas, gradativamente, através do menu *editar*. Assim, o banco de dados foi sendo atualizado de acordo com o desenvolvimento da pesquisa. O programa possibilita também acesso rápido às unidades terminológicas já registradas através da busca ou clicando-se sobre elas na lista à direita, o que favorece o processo de edição e revisão da obra. A imagem a seguir demonstra o registro de um termo da pesquisa com o auxílio do programa Lexique Pro.

**Figura 5** - Registro dos termos no software Lexique Pro.



**Fonte:** elaborada pela autora.

Além dos dados linguísticos relativos aos verbetes, podem ser inseridos outros itens como: imagens, nos formatos JPG, PNG, GIF, BMP, vídeos e áudios, nos formatos WAVE e MP3, de acordo com Lima e Martins (2014). O glossário da pesca que elaboramos apresenta imagens do desenvolvimento desta atividade na comunidade onde a pesquisa foi desenvolvida.

O *software* facilitou, assim, o processo de registro dos termos e favoreceu o controle das informações já que estas “são inseridas à medida que são encontradas, de modo que, num determinado momento, quando as informações já são suficientes para formular uma definição, os verbetes são construídos a partir da própria ficha no prompt do programa”, o que proporcionou agilidade e praticidade durante o processo de elaboração do glossário eletrônico da pesca artesanal (LIMA; MARTINS, 2014, p. 261).

### 3.3 Organização e constituição do repertório

A utilização do programa Lexique Pro possibilitou, além do armazenamento das informações inerentes aos termos, a estruturação dos verbetes<sup>9</sup> e a formatação final do glossário, conforme as decisões tomadas em relação à apresentação da obra, no que se refere às configurações da microestrutura e da macroestrutura, descritas a seguir.

<sup>9</sup> “O texto de uma palavra-entrada de um dicionário, inclusive ela própria” (BIDERMAN, 1984, p.144)

### 3.3.1 A macroestrutura da obra

A macroestrutura refere-se à organização interna da obra, à sua estruturação em relação à apresentação da nomenclatura<sup>10</sup>, que é composta pelas unidades terminológicas descritas nas entradas dos verbetes (BARROS, 2004).

### 3.3.2 A seleção da nomenclatura

A nomenclatura do glossário, produto desta pesquisa, é composta por termos simples e complexos (sintagmas terminológicos), selecionados a partir do *corpus*, constituído por meio dos discursos orais, transcritos grafematicamente, de pescadores e marreiros.

A seleção dos termos que compõem o repertório foi realizada a partir da análise dos discursos dos socioprofissionais. Para tanto, foram adotados os seguintes critérios: pertinência temática e pertinência pragmática (KRIEGER; FINATTO, 2004).

A pertinência temática refere-se à “propriedade de um termo pertencer a uma terminologia *stricto sensu* pelo fato de vincular-se a um conceito que faz parte do campo cognitivo do domínio inventariado”. Por meio desse critério, os termos são vinculados à área temática considerando-se o seu significado em relação à mesma, em virtude de apresentar traços característicos da área de especialidade (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 138).

A pertinência pragmática refere-se à funcionalidade dos termos no contexto social. Assim, para serem incluídos na nomenclatura observa-se o seu uso efetivo no processo de interação, considerando a função informativa dos mesmos e a sua importância para a compreensão de conceitos da área especializada que se está descrevendo. Conforme Krieger e Finatto (2004, p.139), esta “é a qualidade que permite que um termo “aparentemente alheio” a uma certa subárea faça parte de uma terminologia *lato sensu*”. Por esse critério justifica-se a inclusão de unidades terminológicas de áreas conexas, que são aquelas que contribuem para a compreensão dos conceitos do domínio inventariado, mesmo que não estejam vinculadas a este através do significado.

A nomenclatura do glossário da pesca, resultante desta pesquisa, é composta por termos que estão relacionados às categorias de pesca praticadas na comunidade pesquisada, são elas: rede, armadilha e linha. Considerando cada categoria, foram selecionados, para compor o repertório, termos que fazem referência: às artes de pesca; às ações que envolvem a

---

<sup>10</sup> “A sequência dos itens lexicais (as entradas do dicionário), ordenados geralmente em ordem alfabética.” (BIDERMAN, 1984, p.141)

construção e o manuseio das mesmas; às embarcações usadas pelos pescadores; aos locais onde se costuma realizar as pescarias e aos fenômenos naturais que as influenciam; aos pescados capturados na comunidade ao consumo e à comercialização dos mesmos.

### 3.3.3 Organização dos termos na macroestrutura

As entradas, como são denominadas cada unidade terminológica constante na obra, foram organizadas automaticamente, com o auxílio do programa Lexique Pro, em ordem alfabética contínua, que, de acordo com Barros (2004), não considera espaços em branco, caracteres não alfabéticos ou sinais diacríticos. Para Pontes (2009), esse tipo de apresentação facilita a leitura, assim, acreditamos ser esta a melhor opção para o glossário proposto, por ser mais acessível ao consulente, mesmo àqueles não habituados a realizar consultas a repertórios. Ressalte-se que a grafia dos termos segue as normas ortográficas vigentes da língua portuguesa, no entanto, alguns termos variantes não a seguem para que se possa evidenciar a variação entre os termos do repertório, é o caso do termo *morão*, que é variante de *moirão*.

As variantes terminológicas registradas na pesquisa foram dispostas na macroestrutura em entradas independentes, com a indicação de remissivas. Os termos polissêmicos e os homônimos também são apresentados em entradas independentes, numeradas em ordem crescente.

### 3.3.4 Organização da microestrutura

A microestrutura refere-se às informações, devidamente organizadas, no interior dos verbetes. De acordo com Pontes (2009, p. 95), “consiste em um conjunto de paradigmas (ou informações) ordenados e estruturados, dispostos horizontalmente, ou seja, linearmente após a entrada, dentro de cada verbete”. Os tipos de informações inseridas na microestrutura podem variar, ressalta o autor, dessa forma, nem todas as obras apresentam os mesmos paradigmas, a inserção destes decorre de decisões em relação a aspectos que dizem respeito à natureza da obra, à finalidade da mesma, ao público-alvo, entre outras coisas. Neste repertório, a microestrutura seguiu o padrão<sup>11</sup> apresentado a seguir:


---

<sup>11</sup> O sinal (+) significa que a informação deve ser incluída obrigatoriamente no corpo do verbete, e o sinal (±) significa que a informação pode ser ou não inserida dependendo do termo descrito.

**ENTRADA+ CATEGORIA GRAMATICAL + DEFINIÇÃO ± VARIANTE ±  
REMISSIVAS + CONTEXTO + CAMPO SEMÂNTICO ± IMAGEM ± VÍDEO**

A microestrutura foi organizada de modo automático a partir da inserção de informações, relacionadas aos verbetes, nas etiquetas pré-estabelecidas pelo *software* usado na edição da obra. Dependendo do termo, nem todos os campos foram preenchidos, já que nem todos são de natureza obrigatória e o preenchimento depende dos dados coletados sobre o termo pesquisado. A seguir, é demonstrada, por meio de uma unidade terminológica da pesca, descrita no glossário, a codificação utilizada no *software* Lexique Pro para cada item que compõe a microestrutura proposta para os verbetes.

**Quadro 3** - Etiquetas usadas no software Lexique Pro para registrar o termo "pescadeira".

ETIQUETA	COMPONENTE	INFORMAÇÕES INSERIDAS
\lx	Entrada	Pescadeira
\ps	Categoria gramatical	<i>sf.</i>
\dn	Definição	rede de pesca feita de nylon utilizada para capturar pescada e outras espécies de grande porte.
\va	Variante	malhão, malhadeira
\cf	Remissiva	Rede
\xv	Contexto	L2: a <<pescadera>> é uma redi di náilon larga assim larga a malha dela vem sê issu assim/ vai sê issu assim a malha dela óh ((demonstrando com as mãos)) issu aqui é uma malha né? vai sê essa média assim oh pra podê a pescada dá e ficá lá malhada. (I04PESC.ADI)
\sd	Campo semântico	Rede
\pc	Imagem	
\dt	Data	Data em que o verbete foi atualizado pela ultima vez.

**Fonte:** elaborado pela autora

Cada item que compõe a microestrutura apresenta uma determinada função na composição do verbete, assim:

**Entrada** - é o termo propriamente dito, conforme é utilizado na comunidade pesquisada. Pode ser uma unidade simples ou uma UTC (Unidade Terminológica Complexa).

**Categoria gramatical** – apresenta a “indicação morfológica mínima do termo em seu contexto de uso”, de acordo com Rodrigues (2015, p. 126). Foram consideradas as categorias descritas a seguir e as suas respectivas abreviaturas:

*sm.* - substantivo masculino

*sf.* - substantivo feminino

*stm.* - sintagma terminológico masculino

*stf.* - sintagma terminológico feminino

*v.* - verbos (sem especificação quanto à sua transitividade)

*adj.* - adjetivos

**Definição** - refere-se ao “enunciado-texto que dá conta de significados de termos ou de expressões de uma técnica, tecnologia ou ciência no escopo de uma situação comunicativa profissional, veiculando, assim, conceitos de uma área do conhecimento”, conforme Krieger e Finatto (2004, p. 93). Os enunciados definitórios constantes neste repertório foram elaborados com base no discurso dos profissionais, a partir dos contextos em que os termos foram utilizados, considerando os significados atribuídos às unidades terminológicas por aqueles que as utilizam em seu dia a dia no desenvolvimento da atividade especializada.

Foi adotada a definição por compreensão, que consiste em descrever os termos a partir das suas características distintivas, seguindo o modelo “*gênero próximo + diferenças específicas*”, apresentado por Barros (2004, p. 171), tendo em vista que o mesmo é considerado adequado à construção de definições terminológicas por possibilitar que os conceitos descritos possam ser distinguidos entre si no interior do sistema conceitual.

Na elaboração dos enunciados foi adotado o princípio da identidade categorial, segundo o qual é necessário considerar qual a classe gramatical a que o termo descrito pertence para poder proceder à redação do texto definitório, considerando-se as observações de Pontes (2009, p.163), que destaca, com relação à definição, a importância de se “levar em consideração que seu enunciado se organiza de acordo com a classe de palavra que pretende definir” e, com base neste princípio, apresenta recomendações para a descrição terminológica, dentre as quais algumas foram adotadas. Dessa forma foram definidos:

i) Os substantivos por meio de um enunciado iniciado com um substantivo de sentido geral (arquilexema/ termo genérico) seguido por características especificadoras.

ii) Os verbos através de um enunciado iniciando com um verbo no infinitivo de sentido mais geral, seguido por características especificadoras da ação.



iii) Os adjetivos por meio de um enunciado iniciado por outro adjetivo, ou por uma oração adjetiva iniciada por pronome.

**Variante** - as várias formas utilizadas para um mesmo referente são consideradas variantes. Com base nos postulados teóricos da variação em terminologia, apresentados por Faulstich (2001), abordados no item 1.2.2 (O fenômeno da variação em línguas de especialidade), foram consideradas: a) as variantes concorrentes e b) as coocorrentes. Ressaltamos que não investigamos a ocorrência de empréstimos linguísticos, pois este estudo considerou somente o léxico pertencente à língua portuguesa.

**Remissivas** - as remissivas apontam as relações entre os termos que constituem entradas no glossário. Conforme Barros (2004, p. 174), “a rede de remissões orienta o leitor sobre o percurso a seguir, para obter as informações procuradas e permite uma ampliação do conhecimento, dos pontos de vista do conteúdo e das funções do termo consultado”. No glossário que propomos as remissões ocorrem da seguinte maneira:

i) A variante mais frequente, ou seja, a mais utilizada pelos informantes, apresenta em sua microestrutura o enunciado definitório e a indicação das variantes menos frequentes através da expressão *variante*. As variantes com menor frequência de uso, por sua vez, fazem remissão à entrada-principal, termo mais frequente nos discursos, que contém a definição, através da expressão *ver entrada principal*.

ii) O hipônimo, termo que possui sentido mais específico, faz remissão ao hiperônimo, termo de sentido mais geral, que pode ser denominado também de arquitepo, de acordo com Faulstich (1995). Adotamos a expressão *ver* para indicar essa remissão.

**Contexto** - é o trecho transcrito da fala dos profissionais em que o termo é utilizado. Conforme Barros (2004), há três tipos de contextos: o definitório, que fornece informações acerca do conceito de modo preciso; o explicativo, que apresenta dados a respeito de certos aspectos referentes ao termo, mas sem defini-lo de modo claro; e o associativo, por meio do qual se consegue, apenas, depreender que o termo pertence a um determinado domínio, sem definições ou explicações sobre o mesmo. O contexto em que o termo foi empregado pelos socioprofissionais é obrigatório em todas as entradas, nele o termo é destacado entre colchetes oblíquos, grafado conforme fora falado pelos socioprofissionais.

**Fonte do contexto** - os informantes da pesquisa são a fonte de todos os contextos utilizados, já que o *corpus* é constituído unicamente pelos discursos dos mesmos. No glossário, os mesmos são identificados por meio de uma codificação.

**Campo semântico** – Neste glossário os termos estão distribuídos nos campos semânticos, a saber: rede, armadilha, linha, embarcação, pescado, fenômeno da natureza,

acidente geográfico. Pode ocorrer que um mesmo termo pertença a mais de um campo semântico.

**Imagens e vídeos** - registros feitos durante a pesquisa de campo.

A seguir, pode-se visualizar como o verbete é apresentado, após a sua edição, no glossário eletrônico.

**Figura 6** - Visualização do verbete

The screenshot shows the 'Português - Lexique Pro' application window. The title bar reads 'Português - Lexique Pro'. The interface includes a menu bar with 'Eicheiro', 'Editar', 'Ver', and 'Ajuda'. Below the menu is a toolbar with icons for 'Retroceder', 'Avançar', 'Início', 'Pronunciar', and 'Mais Informações'. A search bar is located at the top left, with a dropdown menu showing 'Português' and 'Categorias'. A list of terms is visible on the left side, with 'Pescadeira - sf.' selected. The main content area displays the entry for 'Pescadeira', including its classification as 'sf.', a definition: 'rede de pesca feita de náilon utilizada para capturar pescada e outras espécies de grande porte.', a variant 'malhão, malhadeira', and the verb 'rede'. It also features a L2 example sentence and a category label 'Rede'. A small image of a fishing net is shown below the text. A vertical alphabetical index is on the right side of the window.

**Fonte:** elaborada pela autora.

Na versão eletrônica, os consulentes podem visualizar os termos em ordem alfabética, listados ao lado esquerdo da tela, ou por campos semânticos, acessando-se a aba categorias, localizada acima da lista dos termos. Pode-se, ainda, realizar buscas por termos específicos digitando-os na aba *procurar*, abaixo da aba *categorias*, o que facilita o acesso aos verbetes.

É possível também visualizar as imagens de modo ampliado clicando-se sobre elas na tela de visualização dos verbetes. Para visualizar os vídeos basta clicar sobre o ícone disponibilizado na tela.

A interface do programa torna a consulta ágil, prática e acessível àqueles que apresentam dificuldades em visualizar repertórios impressos, constituídos, em geral, por uma configuração onde as informações textuais são dispostas com espaçamento simples entre as linhas e em fonte muito pequena.

#### 4 GLOSSÁRIO DA PESCA NA VILA DOS PESCADORES DE AJURUTEUA (BRAGANÇA-PA)

Considerando a constituição e organização do glossário, previstas no capítulo anterior, foram registrados 236 termos, dentre os quais 75 são ilustrados e dois apresentam vídeos, disponíveis para visualização na versão eletrônica.

No que se refere à categoria gramatical, a terminologia descrita constitui-se dos seguintes elementos gramaticais: substantivos, categoria a que pertence a maior parte dos termos, sintagmas terminológicos, verbos e adjetivos, conforme a tabela a seguir.

**Tabela 2** - Distribuição dos termos no repertório quanto à classe gramatical a que pertencem.

<b>Categoria Gramatical</b>	<b>Quantidade de termos</b>
Substantivo	158
Sintagma terminológico	50
Verbo	27
Adjetivo	1
<b>Total</b>	<b>236</b>

Fonte: elaborada pela autora.

A terminologia apresenta uma quantidade significativa de sintagmas terminológicos, conforme se pode depreender da leitura da tabela acima. Dentre as formações sintagmáticas registradas tem-se, por exemplo:

**Linha de mão** (substantivo + preposição + substantivo)

**Pano da rede** (substantivo + preposição + substantivo)

**Maré alta** (substantivo + adjetivo)

**Zero trinta** (numeral + numeral)

**Nas águas** (preposição + substantivo)

Esta obra foi elaborada a partir dos princípios da socioterminologia, que considera os aspectos sociais referentes ao uso das terminologias e o fenômeno da variação. Desse modo, apresenta 52 variantes terminológicas. Os termos **tainheira e cinta** são os que apresentam a maior quantidade de variantes.

Foram registradas, neste repertório, variantes concorrentes linguísticas: fonológicas, morfológicas e lexicais, e variantes coocorrentes, considerando-se a classificação proposta por Faulstich (2001), apresentada no item 1.2.2 deste trabalho.

As variantes lexicais são frequentes no repertório, elas se formalizam quando um item de uma unidade sintagmática sofre apagamento ou mudança de posição sem, contudo, alterar

o sentido. São exemplos de variantes lexicais: **muruada de camarão ~ muruada , vara de cinta ~ cinta.**

As variantes morfológicas, que apresentam alternância morfológica em sua estrutura, também foram registradas, porém com menor frequência. Esse tipo de variação ocorreu, por exemplo, com os seguintes termos: **cinta ~ cintado, malheiro ~ malha, malhadeira ~ malhão, pescaria ~ pesca.**

As variantes fonológicas, que surgem a partir dos usos que são feitos dos termos através da fala, também estão presentes no repertório. São exemplos: **moirão ~ morão.**

Há, ainda, uma quantidade considerável termos variantes coocorrentes, que se formalizam por meio da sinonímia terminológica. Tem-se, por exemplo: **atravessador ~ marreteiro, feira ~ chicote, chiqueiro ~ caixa do curral, lançante ~ nas águas, pratiqueira ~ caíca, pescadeira ~ malhadeira, tainheira ~ zero trinta.**

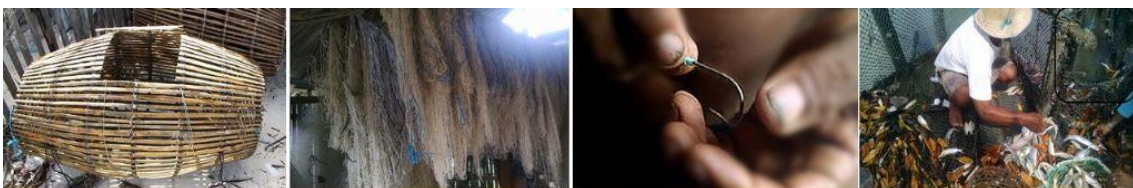
Os termos que se constituem como entradas principais apresentam em sua estrutura o texto definicional, e, quando possível, imagens e vídeos. Os termos-entrada variantes apresentam a categoria gramatical, o contexto de ocorrência e a indicação do campo semântico.

As entradas, nesta versão, estão destacadas em negrito assim como o campo semântico. O contexto, que corresponde ao trecho transcrito da fala do profissional, está em itálico e o termo, descrito na entrada, está destacado entre parênteses oblíquos; a fonte do contexto aparece codificada entre parênteses. A fonte utilizada na formatação desta versão é Times New Roman, tamanho 12.



# Glossário da Pesca Artesanal

• a • b • c • d • e • f • g • h • i • j • k • l • m • n • o • p • q • r • s • t • u • v • w • x • y • z •



## A - a

**Agulha** *sf.* instrumento, de madeira ou de plástico, utilizado para tecer telas, redes, entralhar e fazer reparos nas malhas. *L2:* tem uma <<agulha>> que a genti bota o náilu dentru da agulha... qui prega esse fiu que chama de incala que a genti faz. (I06PESC.SAB) *Categoria:* **Rede.**



**Anzol** *sm.* gancho no qual é colocada a isca para fisgar os peixes. *L2:* todú pexi dá de ispinhel todú nu <<anzol>> dá a genti bota o ispinhel já sai um... gancho qui a gente isca a isca o pexi tá cum fome vai lá se ferrá ele mesmo se ferra ((risos)). (I04PESC.ADI) *Categoria:* **Linha.**



**Apoitar** *v.* colocar pedras na rede de pesca para afundá-la mais. *L2:* ou intão vai pra dentru da cabcêra <<apoitá>> ela bota umas pedra nela... bota pedra na redi todinhu aí bota ela vai pro fundu aí ela fica lá aí quandu é naquele horário a pessoa já vai dispescá. (I11PESC.ANT) *Categoria:* **Rede.**

**Arcala** *sf.* ver entrada principal: encala. *L2:* o nomí dissu aqui é <<arcala>> que

liga a redi no intralhu dela no cabu né... é essi aqui/ essi náilu aqui. (I01PESC.LAZ) *Categoria:* **Rede.**

**Arco** *sm.* estrutura curva de madeira sobre a qual são amarradas talas de bambu para construir o munzuá. *L2:* a genti tira um <<arcu>> uma vara é uns arcu ( ) aqui não tem a genti incomenda aí a genti compra aqueli arcu faz aquela roda né aí cê compra o bambu cê alimpa o bambu todinhu e cobre ele e aí vai amarrandu. (I07PESC.DOM) *Categoria:* **Armadilha.**



**Arraia** *sf.* peixe que possui formato arredondado e ferrão na cauda. *Ver:* peixe. *L2:* <<arraia>> ela é redonda assim ela é redonda...assim que é o formatu dela ((risos)) (da arraia) tem arraia grandi tem piquena tem de todú tamanhu. (I04PESC.ADI) *Categoria:* **Rede, Armadilha, Linha, Pescado.**



**Arrastão** *sm.* pesca em que se captura camarão, a qual é realizada por, no mínimo, dois pescadores que fazem um semicírculo com a rede camaroeira puxando-a, em seguida, em direção à praia.

*Variante:* pescaria de arrasto. *Ver:* pesca. *L2:* só muda é u/ é u/ u jeitu da pescaria/ é () o jeitu que a genti pesca () a do camarão já é/ é /é <<arrastão>> é:: raspandu a o chão a genti joga ela cerca uma/ uma/ uma parti de água e puxa pra bêra que o camarão que tivé lá dentru ele vem dentru dela. (I01PESC.LAZ) **Categoria: Rede.**

**Assoalho** *sm.* piso do chiqueiro do curral, o qual é feito com madeira e coberto com rede. *L2:* aí depois que tivé aterrada aí a genti bota o <<assoalho>> aí cobre o curral... assoalho de redi só prega umas travessa aqui/ aqui bota uns pau assim bota a redi. (I02PESC.ANT) **Categoria: Armadilha.**



**Aterrar** *v.* entupir o buraco feito pela correnteza no local em que será construído o chiqueiro do curral, procedimento realizado antes de se colocar o assoalho. *L2:* aí eu tenhu que botá palha no fundu eu tenhu que afincá matu que éh:: aí a areia vem intopi todinhu esse matu aí pra podê botá a redi porque se não <<aterrá>> a::: correnteza derruba com tudu ... aí a genti vai lutá pra intupi aquele buraco... aí depois que tivé aterrada aí a genti bota o assoalho aí cobri o curral. (I02PESC.ANT) **Categoria: Armadilha.**

**Atravessador** *sm.* ver entrada principal: marreteiro. *L2:* aí elis ((os pescadores)) chegam quandu elis chegam de lá a genti já faz como pesá o pexi deli aí já passa pra mão da genti da mão do pescadô pra mão da genti que é o <<atravessadô>> aí a genti já compra pesa já faz o pagamentu pra eli. (I09MAR.RAI) **Categoria: Rede, Armadilha, Linha, Pescado.**

**Aviar** *v.* retirar o estômago do peixe antes de prepará-lo para o consumo. *L2:* <<aviá>> é tirá a barriga tirá a tripa de dentru intendeu?(I13PESC.LUC) **Categoria: Rede, Armadilha, Linha, Pescado.**

## B - b

**Bagre** *sm.* peixe de couro que possui ferrões nas costas e dos lados. *Ver:* peixe; peixe de couro; peixe de ferrão. *L2:* o <<bagri>> é maió é um pexi maiozinho também é di ferrão também é de côru. (I08PESC.MAR) **Categoria: Rede, Armadilha, Linha, Pescado.**



**Balança** *sf.* instrumento utilizado para pesar o peixe. *L2:* a genti coloca no panêro e coloca na <<balança>> a genti

pesa eli pra sabê quantus quilo dá. (I12MAR.MAN) **Categoria: Rede, Armadilha, Linha, Pescado.**



**Baliza** *sf.* estaca de madeira posicionada em um ponto para servir de referência. *L2:* olha u curral a genti tem que fazê ele a

*genti afinca um pau lá na/ lá onde a genti vai fazê o curral afinca uma <<baliza>> a genti vai olhá a água da ondi corre tem que fazê a água do curral a boca do curral certinhu na correnteza de água assim óh. (I03PESC.ANT) L2: éh:: bota na água tem que tê bota a <<baliza>> uma boia grandi uma/ uma bandera e bota a extens/ bota ela quando findá a derradeiro/ derradeiro panagem amarra na cara da canoa ou no barco que fô aí fica isperandu ela/ ela pesca livre ela vai pescandu conformi u/ u/ u corrê da maré a correnteza. (I05PESC.ALV) Categoria: **Rede, Armadilha, Linha.***

**Banco de areia** *stm.* ver entrada principal: croa. L2: tem u canal e tem a croa você não intendi o que é croa não?... é um <<bancu di areia>> melhor dizendu um bancu di areia tem o canal e o bancu di areia. (I11PESC.ANT) Categoria: **Rede, Acidente Geográfico.**

**Bandeira** *sf.* pedaço de tecido utilizado para sinalizar as pontas da rede e do espinhel quando são postos na água; é colocado em uma estaca que é enfiada em uma boia para que flutue. L2: éh a genti amarra a istaca pra sabê ondi é a ponta da redi a genti tem aquela <<bandêra>> né... a genti solta ela na ponta da redi lá e sai soltando a redi aí no final do outro lado a genti fica no barco aguentandu. (I06PESC.SAB) Categoria: **Rede, Linha.**



**Bandeirado** *sm.* peixe de couro, de cor azulada nas costas e amarelada na barriga, que possui ferrões. Ver : peixe; peixe de couro; peixe de ferrão. L2: <<banderadu>> também é di isporão como diz eu é de coru que chamam né? o banderadu eli é bem um amarelu assim cum quase meio azulado assim a costa dele a barriga meio amarelada.

(I08PESC.MAR) Categoria: **Rede, Armadilha, Linha, Pescado.**



**Barco** *sm.* embarcação utilizada para a locomoção na água que serve para transportar os pescadores, os instrumentos de pesca e os pescados capturados. L2: vai num <<barcu>> ou na/ na numa canoa aí vai botá a redi aí vai pra lá fazê aqueli serviço. (I11PESC.ANT) Categoria : **Rede, Armadilha, Linha, Embarcação.**



**Bardal** *sm.* ver entrada principal: camurim. L2: tem camurim qui é aqueli que a genti chama <<bardal>> né. (I05PESC.ALV) Categoria: **Rede, Armadilha, Linha, Pescado.**

**Basqueta** *sf.* recipiente plástico utilizado para acondicionar o pescado. L2: a genti tem/ tem aquela <<basqueta>> né aí bota ((o peixe)) e bota o gelu. (I09MAR.RAI) Categoria: **Rede, Armadilha, Linha, Pescado..**





**Bimbarra** *sf.* corda em que uma extremidade fica presa à parte mais alta do chiqueiro do curral e a outra é amarrada a um toco fincado na areia com o propósito de proporcionar maior resistência ao curral contra as correntezas. L2: a <<bimbarra>> ...pega um morão finca na areia assim com moTÔ aí bota ela lá amarra lá e nu curral aí ela fica apoiada. (I04PESC.ADI) Categoria: **Armadilha**.



**Biombo** *sm.* compartimento da embarcação que localiza-se na proa onde se guarda as redes de pesca. L2: o <<biombu>> é o aqui a proa deli se bota a ((apontando para a rede)) chamo de biombu. (I11PESC.ANT) Categoria: **Rede, Embarcação**.



**Bitola** *sf.* pedaço de madeira, ou outro material, com o qual se mede o tamanho da malha da rede no momento de tecê-la. L2: éh:: numa <<VITOLA>> numa vitola di pau... a genti tira o tamanhu da malha... assim.. aí faz aquela vitolinha nu tamanhu da malha aí vai tecendu... tem qui sê du tamanhu da malha é dessi tamanhu assim se for dois dedu é aquela dois dedu mesmu aquela talbinha assim aí vai tecendu/ vai tecendu não fica nem maior i nem menor só naqueli/ queli tipu. (I08PESC.MAR) Categoria: **Rede**.



**Boca da rede** *sf.* extremidades da rede de pesca. L2: cada um vai cum um tanto de redi aí dismancha aqui amarra na primera istaca aqui a boca di que a gente diz amarra primero preñdi a <<boca da redi>> a saída que é a boca aí sai botando aqui. (I05PESC.ALV) Categoria: **Rede**



**Boca do curral** *sf.* abertura do chiqueiro do curral, localizada entre as espias, a qual possibilita a entrada do peixe na armadilha. L2: aí/ aí o pexi entra tudu por aqui óh só quandu a maré vaza...entra por aqui óh pela <<boca du curral>>. (I03PESC.ANT) Categoria: **Armadilha**.



**Boia** *sf.* artefato de isopor utilizado para fazer com que os instrumentos de pesca não afundem completamente ao serem postos na água, permanecendo na posição apropriada. L2: *a genti bota um ferru com uma <<boia>> bem na frenti amarra essa ponta e vai soltando botando a isca aqui óh ((demonstrando o instrumento)) isso é o ispinhel. (I04PESC.ADI) L2: esta <<boia>> aqui... a utilidade dela a responsabilidade dela era pra ela flutuá a rede pra ela ficá aberta. (I01PESC.LAZ) Categoria: **Rede, Linha.***



**Boqueiro** *sm.* pescador que segura a boca da rede para posicioná-la em forma de cerco. Ver: pescador. L2: *u segredu da/ da praticuera também de botá a redi dentru do cercu... aí outro <<boquero>> tá longe passa uns espaço aqui uns cem metro pra nós cruzá. (I05PESC.ALV) Categoria: **Rede.***

**Bote** *sm.* embarcação pequena cuja popa é mais larga do que a proa. L2: *o <<boti>> ele vem é istreito e vem inlarguecendu né aqui a popa ela é larga. (I11PESC.ANT) Categoria: **Rede, Armadilha, Linha, Embarcação.***



**Bragalhão** peixe de pele lisa e branca que possui ferrões e pode pesar até vinte quilos. Ver: peixe; peixe de couro; peixe de ferrão. L2: *<<bragalhão>> um tipo dum pexi que é assim grandi é um bagri só qui eli é grandão assim chamam de bragalhão... é de isporão também. (I08PESC.MAR) L2: o <<bragalhão>> é um pexi brancu a pele deli é branca e:: crece também chumbu de quinze quilu vinti quilu. (I04PESC.ADI) Categoria: **Rede, Armadilha, Linha, Pescado.***

**Bubuia** *sf.* pesca em que a rede é posta na água, fixada de um dos lados, e é levada pela maré, sendo despescada após um determinado período estipulado pelo pescador. Ver: pesca. L2: *a tainhera a genti pesca nu/ nu/ nu /nu a é:: nu/ nu processu qui a genti chama aqui <<bubuia>>...aondi não tem que não seja imburateua ela fica/ ela fica flutuandu éh:: ela fica se movimentandu de acordu com o processu da maré. (I01PESC.LAZ) Categoria: **Rede.***

**Bulha** *sf.* barulho provocado pela batida do calão na superfície da água com o intuito de assustar os peixes para que eles se malhem na rede, posicionada em forma de cerco. L2: *...eli já sabi ondi é pesca eli já sabi vai bati a <<bulha>> ele vai... é assim eli corri e dá uma batida aqui e sai cum pau que istrala na água e vap eli corri um pocu i meti-lhi a bulha di novu. (I05PESC.ALV) Categoria: **Rede.***

**Bulheiro** *sm.* pescador encarregado de fazer a bulha. Ver: pescador. L2: *aí u <<bulhero>> quandu finda lá onde nós bóta que tá com extensão de cem metro eu mandu eli batê eli já sabi eli vai entri a bêra da água/ entri a bêra da água entri a água e a terra aí a caíca eli vai bem na pontinha da água aí eli corri de lá quandu eu mandu eli sai tá pra acabá aqui a redi eu digu vai bati a bulha. (I05PESC.ALV) Categoria: **Rede***

## C - c

**Cabeceira** *sf.* local no qual há emburateuas, onde se pesca. L2: *pesco pra outros cantos também pra <<cabicêra>> ... a cabicêra tem aqueles imburateua ( ) os pau.* (I04PESC.ADI) Categoria: **Rede, Armadilha, Linha, Acidente Geográfico.**

**Caíca** *sf.* peixe escamoso de pequeno porte. Variante: *pratiqueira.* Ver : peixe; peixe de escama. L2: *<<caíca>> é um pexi miudinho.* (I04PESC.ADI) L2: *a tainha a sardinha a <<caíca>> tudu é pexi de iscama.* (I11PESC.ANT) Categoria: **Rede, Armadilha, Linha, Pescado.**



**Caiqueira** *sf.* rede de pesca utilizada para capturar caíca e outras espécies pequenas. Ver: *rede.* L2: *a <<caiquêra>> é própria pra caíca ( ) bem miudinha a malha dela só pega caíca porque caíca é um pexi miudinho né aí ela só pega caíca mesmo que é bem miudinho o material dela.* (I04PESC.ADI) Categoria: **Rede**



**Caixa** *sf.* ver entrada principal: *chiqueiro.* L2 *aí depois afincu daqui dois de cantu... aí a <<caxa>> tá feita nu casu aí depois afincu um aqui otru aqui otru aqui otru*

*aqui otru aqui otru aqui otru aqui aí no caso tá/ tá feito u curral aí aqui vem a ispia.* (I02PESC.ANT) Categoria: **Armadilha.**

**Caixa de isopor** *stf.* recipiente de isopor utilizado para acondicionar os pescados a fim de conservá-los com gelo. Variante: *depósito de isopor.* L2: *nós usa essas <<caxa di isopô>> de centu e sessenta e cinco litru cento e sessenta pra podê botá o pexi... vai botandu gelu botandu u pexi e colocandu o gelu até inchê né.* (I09MAR.RAI) Categoria: **Rede, Armadilha, Linha.**



**Caixa do curral** *stf.* ver entrada principal: *chiqueiro.* L2: *é a <<caxa du curral>> aí tem as duas ispia aqui uma qui é pra cá e a otra é pra cá.* (I04PESC.ADI) Categoria: **Armadilha.**

**Calão** *sm.* vara de madeira utilizada para diversos fins nas atividades pesqueiras. L2: *ele pega o <<calão>> qui é assim uma vara né.* (I05PESC.ALV) Categoria: **Rede, Armadilha, Linha.**



**Calão de bulha** *stm.* vara de madeira utilizada para bater na água com o objetivo de assustar os peixes que, já cercados, se malham na rede. *Ver:* calão. *L2:* *esse daqui é um <<calão di bulha>> mas esse daqui tá mas eu tô com paciência eu planu bem aí ele fica aí o bulhero quando finda lá onde nós bota que tá com extensão de cem metro eu mandu eli batê eli já sabi.* (I05PESC.ALV) *Categoria:* **Rede.**



**Camaroeira** *sf.* rede de pesca utilizada para capturar camarão. *Variante:* vinte e cinco. *Ver:* rede. *L2:* *eu uso/ a gente usa... pra pescá aqui pela berada assim a vinti i cincú <<camaruêra>>.* (I06PESC.SAB) *Categoria:* **Rede.**

**Cambito** *sm.* pedra na qual é amarrada uma corda formando duas pontas nas quais são amarrados os guarda-mãos da rabiadeira. É enterrada na areia ficando expostas apenas as extremidades da corda. *L2:* *...isso aqui óh a gente chama <<cambitu>> pra isso aqui essas duas corda aqui é a corda do cambitu TÁ... a genti/ a genti cava a genti leva um motô*

*com jato d'água e fura aproximadamenti dois metru pru fundu i/ i essa /essa pedra fica interrada u qui fica pra fora só essa duas ponta aqui justamente é pra isperá um/ um guarda-mão de cima da rabiadera e o guarda-mão de baxo do chumbu ou seja o guarda-mão da curtiça ou da boia ou guarda-mão du chumbu guarda-mão di baxu.* (I01PESC.LAZ) *Categoria:* **Rede.**



**Camurim** *sm.* peixe escamoso que vive em emburateuas. *Variante :* bardal. *Ver:* peixe; peixe de escama. *L2:* *tem <<camurim>> é aqueli qui a genti chama bardal né... aí quandu eli tá no meio da trunquera eli vive nos imburateua na parte onde a genti pesca.* (I05PESC.ALV) *Categoria:* **Rede, Armadilha, Linha, Pescado.**



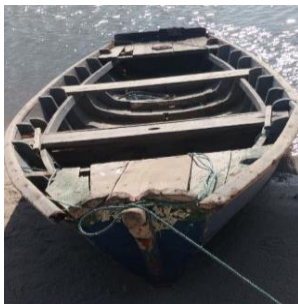
**Cana de leme** *stf.* vara de madeira utilizada para controlar o leme da embarcação. *L2:* *meti lá nu/nu buracu du lemi pra governá é a <<cana di lemi>>.* (I11PESC.ANT) *Categoria:* **Rede, Armadilha, Linha, Embarcação**



**Canal** *sm.* local onde se costuma pescar, onde há diferentes níveis de profundidade. *L2:* *o <<canal>> daqui é também é pedra e areia uma parte funda uma parte rasa.* (I11PESC.ANT) *L2:* *olha eu pescu mais aqui...pru <<canal>>.* (I04PESC.ADI) *Categoria:* **Rede, Acidente Geográfico.**

**Cangatá** *sm.* peixe de couro, de cor amarelada, de pequeno porte, o qual possui ferrões nas costas e dos lados. *Ver* : peixe; peixe de couro; peixe de ferrão. *L2*: <<cangatã>> é um pexi assim dessi tamanhu ((demonstrando com os braços)) amarelinhu eli di ferrão...tem um ferrão na costa e dus ladu só qui eli crece piqueno. (I04PESC.ADI) *Categoria*: **Rede, Armadilha, Linha, Pescado.**

**Canoa** *sf.* embarcação pequena, motorizada ou não, que possui a proa e a popa da mesma largura. *Variante* : casco. *L2*: a <<canoas>> ela já tem a proa larga a largura da/ da proa vem dá uma largura da popa porque ela é uma ca-no-a. (I11PESC.ANT) *Categoria*: **Rede, Armadilha, Linha, Embarcação.**



**Canoa a pano** *sf.* embarcação pequena que se movimenta a partir da força do vento. *Ver*: canoa. *L2*: tem as <<canoas a pano>>... é à vela. (I11PESC.ANT) *Categoria*: **Rede, Armadilha, Linha, Embarcação.**

**Capota** *sf.* cobertura do barco que serve para se abrigar e comportar o motor. *L2*: a:: <<capota>> é assim sabi o qui::... tu sabi capota di barcu? assim é porque é/ é uma capota da borda na borda não é meia laranja a capota deli *L1*: pra que serve a capota? *L2*: é pra:: às vez duma chuva a pessoa si iscondê aí o motô fica lá dibaxo. (I11PESC.ANT) *Categoria*: **Rede, Armadilha, Linha, Embarcação.**



**Caraná** *sm.* vara de madeira leve colocada nas laterais do cofo para fazê-lo flutuar na água. *L2*: <<caraná>> é aquelis pauzinhu ali du ladu pra eli não afundá. (I04PESC.ADI) *Categoria*: **Linha.**



**Carapitanga** *sm.* peixe escamoso de cor avermelhada que possui dentes grandes. *Ver*: peixe; peixe de escama.. *L2*: a genti pega um pexi chamadu <<carapitanga>>... qui é um pexi vermelhu igual a um pargu qui é da nossa região mermo... é/ é u carapitanga eli é dentudu quando eli tá grandão sai pra fora...crece grandi. (I05PESC.ALV) *Categoria*: **Rede, Armadilha, Linha, Pescado.**

**Carauaçu** *sm.* peixe escamoso, largo, de cor preta por cima e branca por baixo. *Ver*: peixe; peixe de escama. *L2*: dá um <<carauaçu>>...eli é/ eli é grandi bem por aqui assim ((demonstrando com as mãos)) assim largu pretu di iscama também...pretu por cima e por baxu eli é brancu. (I11PESC.ANT) *Categoria*: **Rede, Armadilha, Linha, Pescado.**

**Casco** *sm.* ver entrada principal: canoa.  
*L2: nu casu é a redi como agora tá mais modernizadu é u a canoa qui a genti chama u <<cascu>> e u motô no meu casu é a redi a primero a redi tendo a canoa que no caso é a imbarcação o motô e:: no meu caso dois companhero a mais.*  
 (I05PESC.ALV) Categoria: **Rede, Armadilha, Linha, Embarcação.**

**Caverna** *sf.* armação de madeira que dá a forma e a sustentação básica à embarcação.  
*L2: a/ a <<caverna>> qui é comu assim a custela da genti...é assim aondi tem assim aondi é vamos dizer a istrutura é a ispinha da canoa.* (I05PESC.ALV)  
 Categoria: **Rede, Armadilha, Linha, Embarcação.**



**Cerão** *sm.* cesto redondo feito de fibras; possui duas alças através das quais se insere o calão, é utilizado para transportar o pescado.  
*L2: <<cerão>> é um material qui elis traça aqui redondu aí tem algum qui/ qui cabi cinquenta quilu trinta quilu sessenta quilu pra baxo ...aí a genti bota a alça neli pronto aí fica tipo um balaio... é pra botá o pexi dentru aí é só chegá e botá no calão.* (I04PESC.ADI)  
 Categoria: **Rede, Armadilha, Linha.**



**Cercar** *v.* colocar a rede na água em forma circular de modo a unir as duas extremidades, delimitando uma área.  
*L2: a minha irmã qui é a companhra às vez ela sai com o volumi di redi dessi tamanhu aqui qui é cem metru ela bota pra lá i u restu aqui qui tá aqui dentru da canoa eu impurru aqui o otru companhêro que tem ali nós se dece i eli impurra lá eu impurru aqui até <<cercá>> u ispaçu qui a redi qui dá pra redi fazê u cercu.*  
 (I05PESC.ALV) Categoria: **Rede.**

**Cercu** *sm.* barreira feita com a rede de pesca em forma circular a fim de capturar os peixes que estão em determinada área.  
*L2: nós faz um <<cercu>> assim ela sai lá eu saiu botandu aqui pra ela si cruzá...aí como a genti si cruza nesse círculu... a genti incruza boca cum boca a genti puxa.* (I05PESC.ALV)  
 Categoria: **Rede.**

**Chicote** *sm.* corda localizada no centro da tarrafa que serve como apoio para lançá-la na água e para puxá-la de volta para a superfície.  
*Variante: fieira. L2: aí tu pega tu fica uma na boca aqui e otra na boca aí é otra aqui no <<chicote>> aqui nu/ nu fiu dela uma corda que ela tem aí tem um/ aí tem qui é mais nu fundu i nu fundu mergulhandu aí pega tu deu nu pau/ nu pau nu manguero lá no mangal na bêra do mangal lá aí tu vai i joga a tarrafa.*  
 (I13PESC.MAR) Categoria: **Rede.**



**Chiqueiro** *sm.* compartimento do curral no qual os peixes ficam presos.  
*Variante: caixa do curral; caixa. L2: é assim ôh/ ôh/ ôh olha aí ôh issu é um*

<<chiquero>> o pexi entra aqui fica também nessi cantinhu aqui óh. (INF07/DOM) Categoria: **Armadilha**.



**Chumbo** sm. material fixado no entalho inferior das redes de pesca para aprofundá-las na água. L2: u <<chumbu>> du intralhu di baxo eli abri ela eli profunda ela pra ela ficá armada. (I01PESC.LAZ) Categoria: **Rede**.



**Cinta** sf. madeira mais fina do que o moirão utilizada para cintar as espias do curral. Variante: vara de cinta; cintado; cintada. L2: primero finca os morão é uns pau grandi depois do morão aí vem uma <<cinta>> qui é uma vara grandona qui a gente cinta eles...prega assim atrevesadu. (I08PESC.MAR) Categoria: **Armadilha**.



**Cintada** sf. ver entrada principal: cinta. L2: aí tá fincado os mourão né aí eu tiro <<cintada>> aí eu vô cintá todinhu aqui atracá. (I02PESC.ANT) Categoria: **Armadilha**.

**Cintado** sm. ver entrada principal: cinta. L2: u curral leva u morão leva u <<cintado>> qui a/ a gente chama leva a vara di ispia... tudu issu leva. (I04PESC.ADI) Categoria: **Armadilha**.

**Cintar** v. pregar as cintas nos moirões para construir a espia do curral. L2: aí tá fincado os morão né aí eu tiro cintada aí eu vô <<cintá>> todinhu aqui atracá. (I02PESC.ANT) Categoria: **Armadilha**.

**Cofó** sm. cesto feito de bambu utilizado para transportar iscas vivas nas pescarias. L2: quando nós leva a isca a uricica vai dentru desse <<cofo>> nu reboqui da canoa esse aí vai todú tempu acompanhandu a canoa di reboque L1: É feito com quê? L2: di bambu também. (I04PESC.ADI) Categoria: **Armadilha, Linha**.



**Colher** v. ver entrada principal: despescar. L2: aí eu venhu vô tê qui <<colhê>> aqui aí eu venhu colhendú eu colhu essa tarrafa aqui u pexi qui eli fica tudo aqui dentru. (I05PESC.ALV) Categoria: **Rede, Armadilha, Linha**.

**Companheiro** sm. pescador que trabalha junto com o responsável pela pescaria. Ver: pescador. L2: primero a redi tendu a canoa qui nu casu é a imbarcação u motô i: nu meu casu dois <<companheiro>> a mais junto cumigo. (I05PESC.ALV) Categoria: **Rede, Armadilha, Linha**.

**Convés** *sm.* piso do barco. L2: *meu barcu é pequenozinho...eli tem uma capotinha eli tem aqui uma um vagão aqui na frenti aondi eu botu redi i tem lá na proa também i tem <<convés>>.* (I11PESC.ANT) Categoria: **Rede, Armadilha, Linha, Embarcação.**

**Correnteza** *sf.* movimento das águas do mar. L2: *...ela pesca livre ela vai pescando conforme u/ u/ u corrê da maré a <<correnteza>>.* (I05PESC.ALV) Categoria: **Rede, Armadilha, Fenômeno da Natureza.**

**Corrigir** *v.* arrumar a rede colocando-a em posição adequada. L2 *tá seca êh eu vô buscá dispescá ela <<corrigi>> ela vê o pexi que tem/ tem que i todo/ todo dia duas vez/ duas vezes em doze horas uma de manhã nu casu uma di dia i otra à noite.* (I01PESC.LAZ) Categoria: **Rede.**

**Cortiça** *sf.* boia colocada no entralho superior da rede de pesca para que ela não afunde totalmente ao ser posta na água, mas permaneça na posição adequada para a pesca que se realizará. Ver: boia. L2: *essa <<curtiça>> aqui é pra ela ficá boiada...é pra protegê ela pra não i/ pra não ficá geral toda pru fundu.* (I01PESC.LAZ) Categoria: **Rede.**



**Corvina** *sf.* peixe cujas escamas são pequenas, pertence à mesma família da gó. Ver: peixe; peixe de escama. L2: *a <<corvina>> é a mesma coisa da:: da mesma família da gó só tem que ela é maió é da mesma família da pescada só tem que é menó qui a pescada.* (I11PESC.ANT) L2: *a iscama da <<corvina>> é miudinha.* (I07PESC.DOM) Categoria: **Rede, Armadilha, Linha, Pescado.**



**Costa** *sm.* zona próxima à praia. L2: *pescu mais aqui na frenti na bera da praia aqui na <<costa>> que a gente chama.* (I01PESC.LAZ) Categoria: **Rede, Armadilha, Linha, Acidente Geográfico**

**Croa** *sf.* porção elevada de terra situada no mar que, geralmente, fica seca quando a maré vaza, onde se costuma realizar determinadas pescarias. Variante: banco de areia. L2: *di maré seca ela fica em cima du chão da <<croa>> sequinha mesmo.* (I01PESC.LAZ) Categoria: **Rede, Armadilha, Acidente Geográfico.**

**Cuia** *sf.* vasilha usada para tirar água do interior da canoa. L2 *é precisu::... a canoa que a gente vai dentru a rabeta a redi u remu qui às vez o motô dá um pregu no motô o motozinhos aí a gente tem qui levá u remu u panero pra botá u pexi a <<cuia>> pra secá água de dentru.* (I05PESC.ALV) Categoria: **Rede, Armadilha, Linha.**

**Curral de enfia** *stm.* armadilha construída com madeira do mangue no meio do mar, o qual possui duas espias que conduzem ao chiqueiro e pesca durante a vazante da maré. L2: *aqui vai u chiqueru du curral i as ispia aqui ôh só pesca a vazanti essi qui é o <<curral di enfia>> é u mais curral qui tem aí.* (I04PESC.ADI) Categoria: **Armadilha.**





**Cururuca** *sf.* peixe escamoso de pequeno porte, pesa em média um quilo e meio, encontrado no lajeiro. *Ver:* peixe; peixe de escama.. *L2:* <<cururuca>> é tipu uma pescada só qui ele não crece grandi o máximu que eli é um pexi qui u máximu qui dá é um quilo e meio eu achu... a cururuca ela tem é di iscama qui nem

(*assim*) a pescada...a genti mata arraia cururuca tudu a genti mata nu lajero. (I04PESC.ADI) *Categoria:* **Rede, Armadilha, Linha, Pescado.**

## D - d

**Depósito de isopor** *stm.* *ver* entrada principal: caixa de isopor. *L2:* é só nu gelu a genti usa aquela aqueli <<depósito di isopô>> quandu não a genti tem aquela basqueta né aí bota e bota u gelu. (I09MAR.RAI) *Categoria:* **Rede, Armadilha, Linha, Pescado.**

**Despescar** *v.* retirar os peixes capturados das armadilhas, redes e anzóis. *Variante:* colher. *L2:* quandu a gente vem <<dispescá>> a genti (*desengua aqui*) aí abri aí entra pra dentru i tira u pexi todinhu por aqui por fora. (I02PESC.ANT) *Categoria:* **Rede, Armadilha, Linha.**

**Desmalhar** *v.* retirar os peixes capturados das malhas da rede. *L2:* vai torná <<dismalhá>> tirá u pexi tudinhu da redi *Torna a jogá na água.* (I14PESC.MAR) *Categoria:* **Rede.**

**Dezoito** *sf.* *ver* entrada principal: sardinheira. *L2:* a redi qui pega sardina é a redi <<dezoitu>>. (I13PESC.LUC) *Categoria:* **Rede.**

**Diâmetro da malha** *stm.* medida do gomo da malha. *L2:* como eu falei ela é trinta u fiu i trinta milímetru u <<diâmetru da malha>> u quadradinhu da malha é trinta milímetrus. (I01PESC.LAZ) *Categoria:* **Rede.**

## E - e

**Embasquetar** *v.* colocar os peixes em basquetas. *L2:* a genti <<imbasqueta>> aí cobri di gelu. (I10MAR.VAL) *Categoria:* **Rede, Armadilha, Linha, Pescado.**

**Encala** *sf.* amarração feita com náilon para unir o entralho ao pano da rede. *Variante:* arcala. *L2:* só tem uma agulha qui a genti bota o náilon dentru a agulha... essa agulha aí issu aí chama de <<incala>> (...) que prega esse fio que se chama de incala que a gente faz. (INF06/SAB) *Categoria:* **Rede.**

**Emburateua** *sm.* local onde há muitos paus no fundo, onde se costuma pescar. *L2:* ondi fica u aquelis lagu de pau chama <<imburateua>> lá qui a genti pesca também. (I04PESC.ADI) *Categoria :* **Rede, Armadilha, Linha, Acidente Geográfico.**



**Enchente** *sf.* intervalo em que o nível do mar se eleva. L2: *di <<incenti>> a maré tá crescendu. (I08PESC.MAR)*  
 Categoria: **Rede, Armadilha, Linha, Fenômeno da Natureza.**

**Enchumar** *v.* pregar chumbos no entralho inferior da rede. L2: *a genti chama <<inchumbá>> é batidu com u martelu fechandu esse chumbu pra colá essi chumbu no cabinhu. (I01PESC.LAZ)*  
 Categoria: **Rede.**

**Enredar** *v.* Colocar a rede no mar para realizar a pesca. L2: *aí na parti aonde é:: a parti qui dá pra genti <<enredá>> qui é água aqui/ ás vezi água aqui quando não tem éh água aqui ((área que dá pé)) a genti si dece pega uma boca dessa aqui i dô muitas das vezes eu dô pru companhero ou/ ou nu casu a minha irmã qui é a companhêra às vezis ela sai cum volumi di redi dessi tamanhu aqui qui é cem metros ela bota pra lá e u restu aqui qui tá aqui dentru da canoa eu impurru aqui o otru companhêro que tem ali nós si dece i eli impurra lá eu impurru aqui até cercá o ispaçu qui a redi/ qui dá pra redi fazê u cercu. (I05PESC.ALV) Categoria : **Rede.***

**Entralhar** *v.* unir os entralhos ao pano da rede. L2: *pra eli <<intralhá>> aí eu tenhu qui levá a redi u panu da redi as panagem eu levu esti material... eu já tenhu qui levá essi material o náili essi aqui que essa cor/ essi fiu aqui da boia aqui qui a boia né é e daqui du chumbu aqui dessa parti aqui. (I05PESC.ALV) Categoria : **Rede.***

**Entralho** *sm.* fio ou corda nos quais são dispostas as cortiças, na parte superior da rede, e os chumbos, na parte inferior. L2: *tando pronta ela tem qui tá intralhada com essi cabinhu aqui qui chama-si <<intralhu>>. (I01PESC.LAZ)*  
 Categoria: **Rede.**



**Entraste** *sm.* instrumento utilizado nas atividades pesqueiras. L2: *o pescadô tem u <<intrasti>> dele né a redi né tem a canoa como eu to falandu. (I09MAR.RAI)*  
 Categoria: **Rede, Armadilha, Linha.**

**Escora** *sf.* ver entrada principal: estacada. L2: *tem também da <<iscora>> né... iscora a redi coloca os calão aí quando/ aí quando a maré secá porque só pesca também na vazanti né tu bota a redi ainda grande de vazanti aí quando ela seca qui para de saí água seca a redi aí tu vai tira os calão i puxa i recolhi né é diferenti du qui tu tá lanciandu é diferenti. (I13PESC.LUC) Categoria: **Rede.***

**Escorar** *v.* estender a rede sobre estacas para pescar. L2: *a istacada tu põe é pra <<iscorá>> por explicá assim tu não vai andá com a redi. (I05PESC.ALV)*  
 Categoria: **Rede.**

**Espia** *sf.* barreira feita de madeira com o propósito de interceptar os peixes forçando-os a nadar em direção ao chiqueiro do curral. L2: *aí di vazanti aí o pexi vem daqui ( ) dá aqui na <<ispia>> corri pra cá pru chiqueru. (I02PESC.ANT)*  
 Categoria: **Armadilha.**



**Espinhel** *sm.* linha onde são pendurados diversos anzóis nos quais se colocam iscas para pescar. *L2: <<ispinhel>> é uma linha grandi assim cheia de anzol a genti coloca um/ um longi do otro uma braça assim mais ou menos aí a genti coloca a isca neli i coloca naquela parti funda né aonde tem pexi. (I03PESC.MOI) Categoria: Linha.*



**Estaca** *sf.* vara de madeira utilizada para compor a estacada e também para sustentar a bandeira. *L2: eles trabalho na iscora eles tiram uma vara nu tamanhu dessa maió mais ou menus uns dois metro e meio uma <<istaca>> assim mais grossa um poco du qui essa igual dessi mesmo pau. (I05PESC.ALV) L2: a genti amarra a <<istaca>> pra sabê ondi é a ponta da redi (...) a genti ondi tem aquelas bandras né. (I06PESC.SAB) Categoria: Rede.*

**Estacada** *sf.* fileira de estacas de madeira em que se estende a rede para pescar. *Variante: escora. L2: às vezis a genti bota na <<istacada>> infia as estacas né i bota ela. (I11PESC.ANT) Categoria: Rede.*

**Estaquear** *v.* Fincar estacas para compor a estacada.. *L2: elis trabalham istacada cum mil i quinhentos metrus di redi até dois mil metru di redi ... nessi istilo/ nessi istilo como eu tô dizendo de <<estaquíá>>. (I05PESC.ALV) Categoria: Rede.*

**Estrovar** *v.* amarrar os anzóis no estrovo do espinhel. *L2: ...olha você faz issu olha pra você <<estrová>> eli você faz isso... óh óh... aí você faz ingata aqui no PREgo... daqui morri não sai mais... essi nó aqui você corta aqui óh tá istrovado. (I07PESC.DOM) Categoria: Linha.*

**Estrovo** *sm.* linha disposta verticalmente no espinhel na qual é amarrado o anzol. *L2: essi aqui é u <<istrovu>> L1: pra que serve o istrovu? L2: é pra amarrá os anzol... a genti amarra os anzol i pindura nesse aqui ((na tiradeira)) tôdinhuh óh braça em braça. (I04PESC.ADI) Categoria: Linha.*

## F - f

**Ferro** *sm.* instrumento utilizado para manter as embarcações atracadas à beira mar. *L2: a gente bota u <<ferru>> na/ na água escora a canoa e vai pescá. (I14PESC.MAR) Categoria: Rede, Armadilha, Linha, Embarcação.*



**Fieira** *sf.* ver entrada principal: chicote. L2 *uma tarrafa ela é quandu teci ela ( ) ela é redonda ela assim a genti manda chumbá i::... tem qui tê uma <<fiêra>>... a fiêra é assim quandu a genti sacodi ela na água ela si abri leva pru fundu né... aí tem qui tê uma linha dessa pra tá agarrandu na mão da genti não escapuli pra não i pru fundu a genti chama di ifêra. (I04PESC.ADI)*  
 Categoria: **Rede.**

**Filame** *sm.* corda disposta entre o entralho e a boia, serve para regular a profundidade da rede na água. L2: <<filami>> são:: é qui fica dibaxo da boia uma corda dibaxo da boia aí:: fica aqueli filami é um filami a boia fica em cima né pra agarrá a redi aí o filami vai garra nu intralhu da redi aí ficá pinduradu .(I11PESC.ANT)  
 Categoria: **Rede.**



## G - g

**Gelar** *v.* colocar os peixes em temperatura baixa para os conservar. L2: *tem qui tê isopô pra <<gelá>> frizê eu trago meu pexi eu gelu meu pexi aí eu/ eu vendu. (I02PESC.ANT)*  
 Categoria: **Rede, Armadilha, Linha, Pescado.**

*imbarcação ela é solta na água i/ i ela vai pescandu ela vai decendu conformi a maré vai levandu. L1: na gozêra entra mais o quê? L2 é gó é pexe-pedra mas mais é gó é apropriada mais pra gó. (I05PESC.ALV)*  
 Categoria: **Rede.**

**Gó** *sf.* peixe de pequeno porte escamoso, que possui cor amarelada. Ver: peixe; peixe de escama.. L2: *a <<gó>> é di iscama gó... a gó ela tem um amarelinhu assim bunitinhu como diz eu ((risos)). (I08PESC.MAR)*  
 Categoria: **Rede, Armadilha, Linha, Pescado.**



**Grilon** *sm.* fio sintético utilizado para fazer o entralho de alguns tipos de rede, espinhéis e amarrar as talas de bambu para construir o munzuá.. L2: *a tainhêra é intralhada no <<grilon>> ou seja é da cô da redi da cô da malha oh tá aqui. (I01PESC.LAZ)* L2: *o ((espinhel)) da pescada faz o istrovu de <<grilon>>. (I07PESC.DOM)*  
 Categoria: **Rede, Armadilha, Linha.**

**Gozeira** *sf.* rede de pesca utilizada para capturar gó. Ver: rede. L2: *a <<gozêra>> ela é butada/ ela é butado nu casu na*



**Guarda-mão** *sm.* extensão dos entralhos da rede. *Variante:* puxa. *L2:* essa pedra fica interrada u qui fica pra fora só essas duas ponta aqui justamente é pra isperá um/ um <<guarda-mão>> di cima da rabiadêra e u guarda-mão di baxo du chumbu ou seja u guarda-mão da curtiça ou da boia e o guarda-mão du chumbu guarda-mão de baxu. (I01PESC.LAZ) *Categoria:* **Rede.**



**Gurijuba** *sf.* peixe de couro, de cor amarelada, que possui ferrões na costa e dos lados e pode pesar até quarenta quilos. *Ver:* peixe; peixe de couro; peixe de ferrão.. *L2:* ...pexi qui é di coru é a <<gurijuba>>... gurijuba tem um ferrão na costa i dus ladu...é um pexi amareladu eli creci chumbu di trinta quilu quarenta quilu. (I04PESC.ADI) *Categoria:* **Rede, Armadilha, Linha, Pescado.**

## I - i

**Isca** *sf.* artifício utilizado para atrair os peixes a fim de fisgá-los com o anzol. *L2:* nós leva a <<isca>> a uricica... vai só tirandu do depósitu vai iscandu aqui nu/ nu anzol aqui jogandu rápidu pra não morrê ela tem qui ficá viva pra mat/ pra atraí o pexi. (I04PESC.ADI) *Categoria:* **Linha.**

**Isçar** *v.* colocar a isca no anzol. *L2:* pra pegá a sardinha pra <<iscá>> u ispinhel. (I04PESC.ADI) *Categoria:* **Linha.**

## J - j

**Jurupiranga** *sm.* peixe de couro, de cor amarelada, que possui ferrões. *Ver :* peixe; peixe de couro; peixe de ferrão.. *L2:* tem u:: <<jurupiranga>> qui é de côru também éh:: u jurupiranga é:: um pexi tipu um cangatã/ tem um cangatã já viu um can? pois é eli é tipu um cangatã... cangatã é um pexi assim dessi tamanhu ((demonstrando com os braços)) amarelinhu eli di ferrão. (I04PESC.ADI) *Categoria:* **Rede, Armadilha, Linha, Pescado.**

## L - I

**Lajeiro** *sm.* local em que há rochas no fundo, onde se pesca. *L2: ...aí tem um <<lajero>> aqui fora né nessa barrera tem um lajero a gente pesca lá cum ispinhel. (I04PESC.ADI) Categoria: Rede, Armadilha, Linha, Acidente Geográfico.*

**Lance** *sm.* colocação das redes ou das linhas na água para pescar. *Variante: redada. L2: é/ é a genti ispera aí umas três horas dentru da água quatro horas depois a genti vai puxá ás vezis dá só um <<lanci>> ás vezis dá dois/ dois lanci. (I04PESC.ADI) Categoria: Rede, Linha.*

**Lancear** *v.* colocar os instrumentos no mar para pescar. *L2: coloca pega o pexi qui tem qui pegá recolhi a redi pra dentru aí depois que vê pexi aí depois torna <<lanciá>> di novu até vim imbora é assim que é. (I13PESC.LUC) Categoria: Rede.*

**Lançante** *sm.* ver entrada principal: nas águas. *L2: nu <<lançanti>> nas água é boa da gente pegá bagri pra banda dali assim. (I04PESC.ADI) Categoria: Rede, Armadilha, Linha, Fenômeno da Natureza.*

**Leme** *sm.* peça localizada na popa do barco que serve para controlar a direção da embarcação. *L2: ali é u lemi... u <<lemi>> é pra governá sem o lemi eli fica sem governu. (I11PESC.ANT) Categoria: Rede, Armadilha, Linha, Embarcação.*



**Ligeira** *sf.* corda amarrada ao entralho utilizada para unir os filames à rede. *L2: tá aqui a <<ligêra>> aqui amarra aqui óh...aqui qué dizê qui amarra aqui aí a boia vai ficá pindurada aqui aí vai soltá u tantu di filami qui qué. (I11PESC.ANT) Categoria: Rede*



**Linha de espera** *sf.* ver entrada principal: linha (1). *L2: eu sei butá<<linha di ispera>> pra pegá pexi. (I03PESC.MOI) Categoria: Linha.*

**Linha de mão** *sf.* ver entrada principal: linha (1). *L2: a genti pesca di ispinhel di <<linha di mão>> também tudu/ tudu tem vários tipu di pesca. (I13PESC.LUC) Categoria: Linha.*

**Linha (1)** *sf.* instrumento constituído por uma linha e um ou mais anzóis amarrados em uma das pontas. *Variante: linha de mão; linha de espera. L2: pesco aqui pra cabicêra di <<linha>> também uricica. (I13PESC.LUC) Categoria: Linha.*

**Linha (2)** *sf.* fio sintético do qual são feitos alguns instrumentos, é utilizado para diversos fins nas atividades pesqueiras. *L2 é vinti i cincu a <<linha>> i vinti i cincu u diâmetru da malha. (I01PESC.LAZ) L2: u ispinhel você tem a <<linha>> você compra a centu i oitenta aí você compra a centu i vinti por ( ) ou a centu i quarenta aí você vai comprá u anzol né. (I07PESC.DOM) Categoria: Rede, Armadilha, Linha.*

## M - m

**Malha** *sf.* gomo do pano da rede, onde os peixes se malham. *Variante* : malheiro. *L2*: u quadradinho da <<malha>> é trinta milímetros...si fô grandi qui dê pra ingatá na qui caiba na malha a cabeça dela a qui não passá qui ficá pega. (I01PESC.LAZ) *Categoria*: **Rede**.



**Malhadeira** *sf.* ver entrada principal: pescadeira. *L2*: eu veju uma/ uma <<malhadeira>> mi servi eu compru. (I11PESC.ANT) *Categoria*: **Rede**.

**Malhão** *sm.* ver entrada principal: pescadeira. *L2*: tem a/ a/ a pescadêra qui a elis chamam/ qui elis chamam <<malhão>> qui ela é feita di náili. (I05PESC.ALV) *Categoria*: **Rede**.

**Malhar** *v.* capturar os peixes nas malhas das redes. *L2*: aí bota aquela redi aí faz tipo uma ispia assim comu um curral né aí o pexi chega nela vê ela aí corri vai si/ si <<malhá>> na otra qui eli não vê. (I11PESC.ANT) *Categoria*: **Rede**.

**Malheiro** *sm.* ver entrada principal: malha. *L2*: tem a vinti i cincú qui também pega tainha/ tainha média qui a genti chama qui ela é apropriada pru camarão qui a genti chama vinti i cincú/ vinti i cincú por vinti i cincú <<malhero>> é vinti i cincú. (I05PESC.ALV) *Categoria*: **Rede**.

**Malhuda** *adj.* que possui malhas grandes. *L2*: ás vezis eu pescu pescada também... qui a rede já é <<malhuda>> é a pescadêra. (I11PESC.ANT) *Categoria*: **Rede**.

**Maré** *sf.* movimento periódico de enchente e vazante das águas do mar. *L2*: cada <<maré>> qui si passa ela/ ela aumenta uma hora são ou seja/ são seis hora di:: di inchentei i seis di vazanti intão nessas seis horas a genti/ a genti tira meia hora pa cada processu da maré ela aumenta meia na/ na vazanti i meia na inchenti aí por isso qui si dá u/ u::: prazu duma maré pa otra aumenta uma hora tantu pra í comu pra vim. (I01PESC.LAZ) *Categoria*: **Rede, Armadilha, Linha, Fenômeno da Natureza**.

**Maré alta** *sf.* período em que o volume de água do mar aumenta. *Variante*: maré grande. *Ver*: maré. *L2*: a genti tem di í olhá com a <<maré alta>> pra genti podê fazê u curral tem todú essi detalhi né. (I03PESC.MOI) *Categoria*: **Rede, Armadilha, Linha, Fenômeno da Natureza**.

**Maré baixa** *sf.* ver entrada principal: maré seca. *L2*: vamus cercá essa parti aí tem a parti eli vai di <<maré baxa>> eli istaquia finca uma vara dessa/ finca uma lá otra mais lá. (I05PESC.ALV) *Categoria*: **Rede, Armadilha, Linha, Fenômeno da Natureza**.

**Maré da noite** *sf.* horário em que ocorre a maré durante o período noturno. *Ver*: maré. *L2*: quandu u cur ral tá em cima qui tá dandu pexié todú dia genti vai a noiti i vai di dia... vai na <<maré da noiti>> na maré du dia. (I08PESC.MAR) *Categoria*: **Rede, Armadilha, Fenômeno da Natureza**.

**Maré das águas** *sf.* ver entrada principal: nas águas. L2: *a genti incontra mais na <<maré das água>> assim munzuá porque a água fica iscura i u bagri dá dentru du munzuá a água limpa u bagri não entra dentru du munzuá.* (I04PESC.ADI) Categoria: **Armadilha, Fenômeno da Natureza.**

**Maré de quarto** *sf.* período de maré que ocorre durante as fases crescente e minguante da lua, em que a correnteza fica lenta. Variante: maré morta; maré pequena. Ver: maré. L2: *agora é maré piquena chama-se <<maré di quartu>>.* (I08PESC.MAR) Categoria: **Rede, Armadilha, Linha, Fenômeno da Natureza.**

**Maré do dia** *sf.* horário em que ocorre a maré durante o período diurno. Ver: maré. L2: *quandu u curral tá em cima qui ( ) tá dandu pexi é todú dia genti vai a noiti i vai di dia...vai na maré da noite na <<maré du dia>>.* (I08PESC.MAR) Categoria: **Rede, Armadilha, Fenômeno da Natureza.**

**Maré grande** *sf.* ver entrada principal: maré alta. L2: *pra podê sê firmada tá intão essi/ essa boia aqui com a <<maré grandi>> i essi chumbu aí/ aí vai ficá ela vai ficá armada aberta.* (I01PESC.LAZ) Categoria: **Rede, Armadilha, Linha, Fenômeno da Natureza.**

**Maré morta** *sf.* ver entrada principal: maré de quarto. L2: *as <<maré morta>> qui a genti diz não dá nada né aí não tem comu eli entrá nu curral porque u volumi da água é piquenu.* (I03PESC.MOI) Categoria: **Rede, Armadilha, Linha, Fenômeno da Natureza..**

**Maré pequena** *sf.* ver entrada principal: maré de quarto. L2: *agora não agora é <<maré piquena>> chama-si maré di quartu lá não tem tralhalu lá não.* (I08PESC.MAR) Categoria: **Rede, Armadilha, Linha, Fenômeno da Natureza.**

**Maré seca** *sf.* período em que o mar fica com o volume de água reduzido. Variante: maré baixa. Ver: maré. L2: *vamo supô que issu seja u chão da croa ela aqui óh ela tá armada aqui comu eu dexu lá na croa na <<maré seca>>... aí quandu di acordu comu a maré vai crescendu essas boias aqui a função delas ela éh a maré vai crescendu ela vai abrindu a redi.* (I0PESC.LAZ) Categoria: **Rede, Armadilha, Linha, Fenômeno da Natureza.**

**Maresada (1)** *sf.* intervalo de tempo que corresponde a uma fase lunar, com duração média de uma semana, pelo qual os pescadores orientam-se para a realização das pescarias. L2: *...a.: <<maresada>> é qui nós si orienta por ela... vamu dizê. semana passada eu fui três dias aí a genti vai pescá é um jeito i... às vez a maré num/num/ num tá apropriada num pra aquela/ pra pescaria i nu momentu i às vezis a genti dá uma parada...vai analisá a maresada.* (I05PESC.ALV) Categoria: **Rede, Armadilha, Linha, Fenômeno da Natureza.**

**Maresada (2)** *sf.* intervalo entre a maré alta e a maré baixa, que dura seis horas, pelo qual os pescadores orientam-se quanto ao momento oportuno para realizar determinada pesca. L2: *a <<maresada>> é::: comu si fossi comu/ comu si fossi hoji/ hoji si eu fossi pra tivessi com ela ((rabiadeira)) lá eu tinha qui saí daqui di casa três hora da manhã aí três da manhã né aí quandu fô di dia si fossi hoji era três da manhã di hoji eu vô três hora da tardi cada maré qui si passa ela/ ela aumenta uma hora são ou seja são seis hora di:: di inchenti i i seis di vazanti intão nessas seis horas a genti/ a genti tira meia hora pa cada processu da maré ela aumenta meia na/ na vazanti i meia na inchenti aí por issu qui si dá u/ u::: prazu duma maré pa otra aumenta uma hora tanto pra í comu pra vim.* (I01PESC.LAZ) Categoria: **Rede, Armadilha, Linha, Fenômeno da Natureza.**



**Maresia** *sf.* movimento das ondas do mar. *L2: a genti vai olhandu assim às vez no quebrá da ispuma da <<marisia>> da onda. (I05PESC.ALV) Categoria: Rede, Armadilha, Linha, Fenômeno da Natureza.*

**Marisqueira** *sf.* mulher que captura mariscos e espécies pequenas de peixes para o consumo familiar e para a venda. *L2: eu não vou pescá só caíca não si pintá di pescá uma caíca eu pegu si pintá pra mim pegá um siri pra mim pegá pra mim vendê eu vou si tivê Ajuru eu vou pegá pra mim vendê intão issu qué dizê qui é <<marisquêra>> né qué dizê qui é marisquêra qué dizê si eu não fô dizê assim olha eu só sô pescadora eu tô mintindu porque tudu eu façú. (I13PESC.LUC): Rede, Armadilha, Linha.*

**Marreteiro** *sm.* pessoa que compra os pescados dos pescadores para revendê-los. *Variante: atravessador. L2: tem um <<marretêro>> qui a genti vendi aí o patrão da genti a genti chega já tá certinhu esperandu é só a genti pesá i entregá pra eli. (I04PESC.ADI) Categoria: Rede, Armadilha, Linha, Pescado.*

**Mero** *sm.* peixe largo que possui a cabeça grande e o rabo fino. *Ver: peixe. L2: o <<meru>> eli é grossão cabeça grandona rabu finu. (I14PESC.MAR) Categoria: Rede, Armadilha, Linha, Pescado.*

**Moirão** *sm.* madeira grossa, retirada do mangue, utilizada na construção das espias do curral e da muruada. *Variante: morão; mourão. L2: pru curral tem um tipu di madêra qui a genti chama <<moirão>> qui são us mais grossu du curral... (I03PESC.MOI) L2: a muruada qui a genti pesca di puçá é... vamu supô si fô dez puçá tem qui sê onze <<moirão>>. (I03PESC.MOI) Categoria: Armadilha.*



**Morão** *sm.* ver entrada principal: moirão. *L2: primeiro finca us <<morão>> é uns pau grandí. (I08PESC.MAR) Categoria: Armadilha.*

**Motor com jato d'água** *stm.* ver entrada principal: motor (2). *L2: a genti cava a genti leva um <<motô com jatu d'água>> e fura aproximadamenti dois metru pru fundu i/ i essa /essa pedra fica interrada. (I01PESC.LAZ) Categoria: Rede, Armadilha.*

**Motor de bomba** *stm.* ver entrada principal: motor (2). *L2: aí eli teci aí eli ((o curral)) pega tira us pau du mangal aí vai lá cum u motô u <<motô di bomba>>di fincá finca tudinhu. (I13PESC.LUC) Categoria: Armadilha, Rede.*

**Motor (1)** *sm.* máquina utilizada para movimentar as embarcações. *L2: ás vez eu corru cum a canoa cum <<motô>> comu agora. (I05PESC.ALV) Categoria: Rede, Armadilha, Linha, Embarcação.*



**Motor (2)** *sm.* máquina utilizada para furar o chão a fim de fincar os moirões para construir a espia do curral e para enterrar o cambito para pescar com a rabiadeira. *Variante:* motor de bomba; motor com jato d'água. *L2:* *ai é baixinhu ai você vai muruá leva u <<motô>> finca tudinhu nu motô i vai pregá a vara pra fazê a ispia du curral pru pexi batê ali i entrá pra dentru.* (I07PESC.DOM) *Categoria:* **Armadilha, Rede.**

**Mourão** *sm.* ver entrada principal: moirão. *L2:* *eu afincu as ispia tudinhu us <<mourão>>... aqui oh... ai depois di/ di afincá tudinhu essis pau aqui eu cintu.* (I02PESC.ANT) *Categoria:* **Armadilha.**

**Munzuá** *sm.* armadilha de formato arredondado feita com talas de bambu para capturar bagre. *L2:* *o <<munzuá>> a::: porta deli é::: uma roda assim mais ela é intrançada assim óh ai ela fica um buraquinhu assim qui u bagri vem i entra.* (I08PESC.MAR) *Categoria:* **Armadilha.**



**Muruada** *sf.* pesca em que é disposta uma fileira de moirões, entre estes são fixadas puçás para capturar camarão durante os processos de enchente e vazante da maré. *Variante:* muruada de camarão; puçá de muruada. *Ver:* pesca. *L2:* *a <<muruada>> qui a genti pesca di puçá é:: vamus supô si fô dez puçá tem qui sê onzi moirão assim uma distância dessa assim.* (I03PESC.MOI) *Categoria:* **Armadilha.**

**Muruada de camarão** *sf.* ver entrada principal: muruada. *L2:* *aquelis pau assim né tudu limpiniu assim dicascadinhu né ai elis dizem assim ali é uma <<muruada di camarão>>.* (I03PESC.MOI) *Categoria:* **Armadilha.**

**Muruar** *v.* fincar os moirões na terra formando uma fileira. *L2:* *ai você vai <<murua>> leva u motô afinca todinhu nu motô i vai pregá a vara pra fazê a ispia du curral.* (I07PESC.DOM) *Categoria:* **Armadilha.**

## N - n

**Náilon** *sm.* material utilizado para diversos fins nas atividades pesqueiras, como: tecer redes e entralhá-las, amarrar as talas de bambu para construir o munzuá, fazer espinhéis pequenos, entre outros. *L2 é ela é toda di <<náilu>> ai eli compra u tubu lá ou si a genti quisé compra i dá pra eli u tubu di náilu eli sabi mais ou menos a barra di uma tarrafa dessa mais ou menos quantus tubu di náilu pega.* (I05PESC.ALV) *Categoria:* **Rede, Armadilha, Linha.**

**Nas águas** *sf.* período de maré em que a correnteza fica intensa, ocorre durante a lua cheia e a lua nova. *Variante:* maré das águas; lançante. *Ver:* maré. *L2:* *assim <<nas água>> a maré corri muito lá ai vai a vara tá quebrada u morão quebradu muita força a água lá é muito forti.* (I08PESC.MAR) *Categoria:* **Armadilha, Fenômeno da Natureza.**

## P - p

**Pacamão** *sm.* peixe que possui escamas pequenas e cor marrom acinzentado; é encontrado com frequência em emburateuas e lajeiros. *Ver:* peixe; peixe de escama. *L2:* <<pacamum>> é du::: eli dá nu imburateua nu meu dus pau dá nu lajeru também () eli é tipu um::... um sapo eli é tipu um sapu u pacamum ((risos)). (I04PESC.ADI) *Categoria:* **Rede, Armadilha, Linha, Pescado.**

**Panagem** *sf.* *ver* entrada principal: pano da rede. *L2:* a rabiadêra é compradu uma <<panagem>> di cem metrus... i::: feito pra fazê a rabiadêra uma panagem di cem metrus pra rabiadêra tandu pronta ela tem qui tá intralhada cum essi cabinhu aqui qui chama-si intralhu. (I01PESC.LAZ) *Categoria:* **Rede.**

**Paneiro** *sm.* cesto utilizado para acondicionar o pescado. *L2:* a genti vai numa carroça a genti tem uma carroça a carroça vai batê lá nu chiqueru du curral incosta a carroça aqui du ladu aí/ aí vai tirandu i botandu nus <<panero>>. (I02PESC.ANT) *Categoria:* **Rede, Armadilha, Linha.**

**Pano da rede** *stm.* material onde são fixados os entralhos. *Variante:* panagem. *L2:* a genti compra essa feita já só faz butá u intralhu i aquelas boinha lá a genti qui faz issu a o panu dela a genti chama panu u <<panu da redi>> a genti compra já/ a genti compra feito já. (I06PESC.SAB) *Categoria:* **Rede.**



**Patrão** *sm.* marreteiro que financia os materiais de pesca para os pescadores, que pagam com pescados. *Ver:* marreteiro. *L2:* aqui mesmu já tem um <<patrão>> comu si diz um patrão da gente mesmu... a genti passa u pexi pra eli i eli traz material dexa quandu chega cum u pexi eli disconta logu a dívida aí eli disconta logu. (I04PESC.ADI) *Categoria:* **Rede, Armadilha, Linha, Pescado..**

**Peixe** *sm.* nome genérico dado a diversas espécies de animais que vivem na água e que apresentam características próprias. *L2:* a cururuca ela tem é di iscama qui nem (assim) a pescada a corvina é di iscama <<pexi>> qui é di coru é a gurijuba bragalhão u bagri... tem u::: jurupiranga qui é di côru também. (I04PESC.ADI) *Categoria:* **Rede, Armadilha, Linha, Pescado.**



**Peixe de couro** *stm.* espécie que não tem escamas sobre a pele e possui ferrões. *Variante:* peixe liso. *Ver:* peixe. *L2:* qué dizê qui vem u <<pexe di côru>> qui já é a parti di pexi di ferrão aí tudo é de côru. (I11PESC.ANT) *Categoria:* **Rede, Armadilha, Linha, Pescado.**

**Peixe de escama** *stm.* espécie que possui o corpo coberto por escamas. *Ver:* peixe. *L2:* já us <<pexi di iscama>> é::: comu lhi dissi pescada corvina...cururuca. (I04PESC.ADI) *Categoria:* **Rede, Armadilha, Linha, Pescado.**

**Peixe de ferrão** *stm.* espécie de peixe que possui ferrões. *Ver:* peixe. *L2:* *vem u pexi di côru qui já é a parti di <<pexi di ferrão>> aí tudu é di côru.* (I11PESC.ANT) *Categoria:* **Rede, Armadilha, Linha, Pescado.**

**Peixe liso** *stm.* ver entrada principal: peixe de couro.. *L2:* *ela é um <<pexi liso>> ela não tem iscama.* (I11PESC.ANT) *Categoria:* **Rede, Armadilha, Linha, Pescado.**

**Peixe-pedra** *stm.* espécie que possui o formato achatado e tem o hábito de comer pedras. *Ver:* peixe. *L2:* *<<pexi-pedra>> eli é chatu assim...nu dia qui a sinhora comprá um pexi-pedra a sinhora vai abrí abrí o buchu du pexi-pedra qui a sinhora vai vê u qui qui tem dentru um bucadu a genti cata o arroz não tem pedrinha dentru du arroz?é igualmenti qui tem na tripa du pexi-pedra tem pedrinha comi pedrinha.* (I14PESC.MAR) *Categoria:* **Rede, Armadilha, Linha, Pescado.**

**Pesca** *sf.* atividade que objetiva a captura de pescados para a comercialização e o consumo. *Variante:* pescaria. *L2:* *eu vivo da <<pesca>> criei meus filhu tudu só cum u negóciu da pesca.* (I07PESC.DOM) *Categoria:* **Rede, Armadilha, Linha.**

**Pescada** *sf.* peixe de grande porte, escamoso, de cor amarelada. *Variante:* pescada amarela. *Ver:* peixe; peixe de escama. *L2:* *ela é grandi é amarela...ela é grandi por aqui assim...aí:: tem grandi dezoitu quilu...qui eu já vi até di dezoitu quilu maió si eu dissé eu tô mintindu mas té di dezoitu quilu já vi <<pescada>>.* (INF11/ANT) *Categoria:* **Rede, Armadilha, Linha, Pescado.**

**Pescada amarela** *sf.* ver entrada principal: pescada. *L2:* *meia amarela a gó igual <<pescada amarela>> assim a gó.* (I06PESC.SAB) *Categoria:* **Rede, Armadilha, Linha, Pescado.**

**Pescadeira** *sf.* rede de pesca feita de náilon utilizada para capturar pescada e outras espécies de grande porte. *Variante:* malhão; malhadeira. *Ver:* rede. *L2:* *a <<pescadêra>> é uma redi di náilon larga assim larga a malha dela vem sê issu assim/ vai sê issu assim a malha dela oh ((demonstrando com as mãos)) issu aqui é uma malha né? vai sê essa média assim oh pra podê a pescada dá e ficá lá malhada.* (I04PESC.ADI) *Categoria:* **Rede.**



**Pescador** *sm.* pessoa que realiza a atividade pesqueira. *L2:* *eu sô um <<PEscadó>>... aí eu tenhu uma porção di/ di/ di redi pra trabalhá.* (I11PESC.ANT) *Categoria:* **Rede, Armadilha, Linha.**

**Pescar** *v.* extrair pescados do meio em que vivem para consumir ou comercializar. *L2:* *cada material di pesca é::: uma atividad di qui tem:: é por/ é por etapa () tem os tempu di <<pescá>>.* (I01PESC.LAZ) *Categoria:* **Rede, Armadilha, Linha.**

**Pescaria** *sf.* ver entrada principal: pesca. *L2:* *eu tenhu muitas redis eu já levu u material di pesca apropriadu pra aquela <<pescaria>> daqueli tipu di pexi qui eu vô fazê.* (I01PESC.LAZ) *Categoria:* **Rede, Armadilha, Linha.**

**Pescaria apoitada** *sf.* pesca em que se coloca pedras na rede para profundá-la mais. *Ver:* pesca. *L2:* *bota pedra na redi/ bota pedra na redi qué dizê qui bota pedra nela todinhu aí bota ela vai pru fundu aí ela fica lá aí quandu naqueli horário a pessoa vai dispescá masela éproibida essa*

<<pescaria apoitada>> *qué dizê qui ela bota lá ela fica lá ela não anda pra canto nenhum fica lá. (I11PESC.ANT) Categoria: Rede.*

**Pescaria de arrasto** *sf.* ver entrada principal: arrastão.. L2: *essi tá na bera daqui aí u otru leva pra fora assim até chegá na bêra di novu aí fecha a genti na bêrada né aí vem puxandu essi daqui puxa i eu puxu aí quandu chegu na bêra lá aí eu puxu aí a <<pescaria di arrastu>>. (I03PESC.ANT) Categoria: Rede.*

**Pesqueiro** *sm.* local onde se realiza a pesca. L2: *a genti vai aí bota porque ali é um <<pesqueru>> você bota a redi. (I11PESC.ANT) Categoria: Rede, Armadilha, Linha.*

**Piramutaba** *sf.* peixe de couro que possui ferrões; é capturado no período do inverno. Ver: peixe; peixe de couro; peixe de ferrão. L2: *aí vem u pexi di côru qui já é a parti di pexi di ferrão tudu é di côro. L1: quais são os peixes de côro? L2: é a gurijuba é... é a <<piramutaba>>. (I11PESC.ANT) L2: dá <<piramutaba>> na época di invernu assim. (I04PESC.ADI) Categoria: Rede, Armadilha, Linha, Pescado..*

**Plástico** *sm.* material do qual são confeccionadas as redes de pesca. L2: *tem uns qui é di náilo e otros já é feitu di <<plástico>> éh a/ a redi...tem a vinti i cincu qui também pega tainha/ tainha média qui a genti chama qui ela é apropriada pru camarão qui a genti chama vinti e cincu vinti e cincu por vinti e cincu u malheru é vinti e cincu u plástico u fiu qui comu qui si a genti compra nas embalagem u pacoti. (I05PESC.ALV) Categoria: Rede.*

**Poita** *sf.* peso utilizado para profundar redes e espinhéis. L2: *a genti tá botandu u ispinhel vai soltandu/ vai soltandu vai governandu aqui a canoa pra canoa não variá aí vem/ vem/ vem quandu terminô boto uma <<poita>>. (I14PESC.MAR) Categoria: Rede, Linha.*

**Ponta de rede** *sf.* ver entrada principal: rabiadeira. L2: *a genti chama uma rabiadeira ou uma <<ponta di redi>>. (I01PESC.LAZ) Categoria: Rede.*

**Popa** *sf.* parte traseira da embarcação. L2: *aí qui um puxa na proa i outro vai arrumandu a redi aqui atrás... a <<popa>> ela é larga i a proa ela é fechada. (I11PESC.ANT) Categoria: Rede, Armadilha, Linha, Embarcação.*



**Poço** *sm.* local em que há maior profundidade, onde se pesca. L2: *essis fundu assim a genti chama di <<pôçu>> aí é ondi a genti pesca com essa pescadêra... é canAl só tem qui é diferente chama u:: dus pôçu né qui aí intão tá dandu catorze braça bem aí assim já caiu pra cincu qué dizê qui aqui é um pôçu. (I11PESC.ANT) Categoria: Rede, Acidente Geográfico.*

**Pratiqueira** *sf.* ver entrada principal: caíca. L2: *éh:: a caíca é a mesma <<pratiqueira>>. (I05PESC.ALV) Categoria: Rede, Armadilha, Linha, Pescado.*

**Preamar** *sf.* nível mais alto que as águas do mar atingem no processo de enchente. L2: *quandu a maré tá aí quandu a maré tá <<priamá>> qui tá vaza num vaza pra diminuí. (I08PESC.MAR) Categoria: Rede, Armadilha, Linha, Fenômeno da Natureza.*

**Proa** *sf.* parte da frente da embarcação. L2: *aí qui um puxa na <<proa>> i outro*

vai arrumandu a redi aqui atrás...  
(I11PESC.ANT) Categoria: **Rede, Armadilha, Linha, Embarcação.**



**Puxa** *sf.* ver entrada principal: guarda-mão. L2: *sim bota a redi na água/ bota a redi na água aí quandu finda a redi aí amarra a/ a <<puxa>> dela si chama di puxa né aí na proa du barcu aí fica aí a redi.* (I11PESC.ANT) Categoria: **Rede.**

**Puçá** *sf.* rede cuja malha é pequena; possui formato afunilado, sendo larga na boca e estreita na extremidade oposta. Ver: rede. L2: <<puçá>> é uma:: *redi fininha igual a tarrafa ela é bem miúdinha... aí ela é GRANDO::na u rabu dela só a boca dela que é grandi aí um pega acolá otru pega aqui aí a genti sai arrastandu assim até::...*

aí volta di novu i quandu vem u camarão tá lá nu rabu da bicha aquela trocha assim di camarão. (I08PESC.MAR) Categoria: **Rede.**



**Puçá de arrasto** *stf.* pesca realizada com a puçá para capturar camarão, consiste em prender a rede entre dois calões e arrastá-la em direção à praia, movimento realizado por, no mínimo, dois pescadores, um em cada lado. Ver: pesca. L2: *eu sei pescá di puçá di muruada <<puçá di arrastu> tudu eu sei pescá.* (I03PESC.MOI) Categoria: **Rede.**

**Puçá de muruada** *stf.* ver entrada principal: muruada. L2: *eu sei pescá di <<puçá di muruada>> puçá di arrastu tudu eu sei pescá.*(I03PESC.MOI) Categoria: **Armadilha.**

## Q - q

**Quebrada** *sf.* local em que há pouca profundidade, devido à presença de bancos de areia, e muita maresia, onde são realizadas determinadas pescarias. L2: *tem u canal i u bancu di areia si chama di<<quebrada>> aí pescá na quebrada qui é naqueli BANcu di areia só tem qui quandu a maré cresci fica quebrada... aí qué dizê qui é diferenti não é nu canal i sim quebrada.* (I11PESC.ANT) L2: *na*

<<quebrada>> é maresia/ maresia tufo de maresia que burbulha assim (I14PESC.MAR) Categoria: **Rede, Acidente Geográfico.**

## R - r

**Rabeta** *sf.* embarcação pequena, sem convés, que possui a popa comprida onde se localiza o motor. *Ver:* barco. *L2:* *tem essas <<rabeta>> qui elis pesco aqui pra dentru du riu... não tem convés aí é só o/o cascu mesmu não tem convés... tem motô rabeta porque é na popa aí cum aquele rabão pra trás. (I11PESC.ANT)*  
**Categoria:** Rede, Armadilha, Linha, Embarcação.



**Rabiadeira** *sf.* rede de pesca em que uma extremidade é fixada no fundo do mar enquanto a outra fica livre para movimentar-se de acordo com a dinâmica das marés, capturando os peixes que passam por ela. *Variante:* ponta de rede. *Ver:* rede. *L2:* *a <<rabiadera>> é::: um pedaçu di redi cum duas cordas qui amarra dum ladu i a otra ponta dela fica livri pra ficá/ ficá rabiandu di acordu cum u manejo du ventu i a maré... ela fica rol/ ela fica rabiandu é por issu qui é rabiadera fica amarradu um ladu dela o outru ela fica soltu. (I01PESC.LAZ)*  
**Categoria:** Rede.



**Rabiar** *v.* realizar movimentos conforme a correnteza da maré para capturar os pescados que estiverem nas proximidades, propósito para o qual é confeccionada a rabiadeira. *L2:* *ela ((a rabiadeira)) vai ficá armada aberta óh ela vai ficá armada aí essi guarda-mão di cima vai ficá em cima d'água i essi di baxu vai ficá em baxu d'água aí ela vai ficá rondandu aqui ela vai ficá <<rabiando>>. (I01PESC.LAZ)*  
**Categoria:** Rede.

**Rancho** *sm.* local onde se gela e se comercializa os pescados. *L2:* *nu <<ranchu>> nas barraca qui a genti gela nas barraca aondi tá u gelu qui a genti gela nas caxa us pexis. (I03PESC.MOI)*  
**Categoria:** Rede, Armadilha, Linha.

**Raquete** *sf.* instrumento utilizado para despescar currais e capturar siris. *L2:* *pra despescá u curral... a genti lanceia cum a <<raqueti>> aí bota dentru du paneru ou dentru da canoa é mais rápidu pra despescá. (I02PESC.ANT)*  
**Categoria:** Armadilha.



**Redada** *sf.* colocação da rede na água para pescar. *L2:* *eu sintu qui a maré incheu começa as onda a crecê grandi eu... já um bora dô a última <<redada>> lá i a genti sai. (I05PESC.ALV)*  
**Categoria:** Rede.

**Rede** *sf.* instrumento com o qual se pesca, composto pelo pano da rede e os entralhos

e cujas malhas variam em tamanho dependendo da espécie que se almeja capturar. L2: *pra pescá... precisa:: da <<redi>>/ da redi pra pescá... tem as redis pros tipos di pexi si você vai pescá SERRA tem qui levá uma SERRERA já tá dizendu u nomi. (I11PESC.ANT)*  
 Categoria: **Rede.**

**Remar** v. fazer a embarcação movimentar-se através do impulso dado pelos remos. L2: *é remu pra <<remá>> na canoa si fô pra cá né vai remá di canoa. (I14PESC.MAR)* Categoria: **Rede, Armadilha, Linha, Embarcação.**

**Remo** sm. instrumento de madeira utilizado para impulsionar a canoa na direção desejada. L2: *motô não tem tem u <<remu>> pra genti í remandu vai remandu pra pescá. (I14PESC.MAR)*  
 Categoria: **Rede, Armadilha, Linha, Embarcação.**



**Retalhador** sm. vendedor que compra o pescado dos marreteiros e revende para o consumidor. L2: *a genti tava passandu pru <<retalhado>> lá di dez reais hoji a genti ta passandu a seti intendeu? (I10MAR.VAL)* Categoria: **Rede, Armadilha, Linha, Pescado.**

**Retalhar** v. vender os pescados a quilo aos consumidores. L2: *a genti/ a genti eu passu diretu pru pessoal vendedores qui ai já elis vão <<retalhá>> di quilu a quilu prus consumidores. (I10MAR.VAL)*  
 Categoria: **Rede, Armadilha, Linha, Pescado.**

## S - S

**Saco** sm. Bolso da tarrafa onde os peixes são capturados. Variante: tenso. L2: *a tarrafa ela é/ ela é qui nem uma sombrinha/ qui nem uma sombrinha assim ela é só qui a genti joga ela assim ela si abri né dividi nu meu i joga i abri aí a genti vem puxandu ela assim ela vem si fechandu aí u pexi vem todinhu nu <<sacu>> dela a genti chama u sacu ela tem uns sacu assim aí o pexi entra tudu dentru dela. (I03PESC.MOI)*  
 Categoria: **Rede.**



**Saco de rede** stm. ver entrada principal: seio. L2: *eli si enrola e fica naqueli <<sacu di redi>> ou seja entri u metru i otro porque dobradu nu meu fica aqueli panu da redi lá dentru. (I01PESC.LAZ)*  
 Categoria: **Rede.**



**Safra** *sf.* produção elevada de pescados. L2: *o períodu qui dá mais pexi aqui na nossa região é nessi períodu da <<safra>> qui a genti chama. (I05PESC.ALV) Categoria: Rede, Armadilha, Linha, Pescado.*

**Sangra** *sf.* abertura do munzuá pela qual os peixes entram. L2: *essa/ essa aqui é a <<sangra>> deli.... a sangra du munzuá. (I07PESC.DOM) Categoria: Armadilha.*



**Sardina** *sf.* peixe escamoso de pequeno porte. Variante: sardinha Ver: peixe; peixe de escama. L2: *a tainha a <<sardina>> a caíca tudu é pexi di iscama... a sardina ela é piquenasinha... ela é piquena. (I11PESC.ANT) Categoria: Rede, Armadilha, Linha, Pescado.*

**Sardinha** *sf.* ver entrada principal: sardina. L2: *a sa/ a sa/ pra <<sardinha>> a genti joga tem muitus ai qui pescu até cum mil metru oitocentus metrus di redi elis jogam ela nu mar aí fica ela/ ela fica à deRlva ali oh a maré pru ladu qui a maré corri ela vai. (I01PESC.LAZ) Categoria: Rede, Armadilha, Linha, Pescado.*

**Sardinheira** *sf.* rede de pesca utilizada para capturar sardina. Variante: dezoito. Ver: rede. L2: *tem vários tipus di/ di /di <<sardinera>> qui/ qui tem/ tem muitus aí qui pegam a sardina pra comérciu né aí elis tem até qui é proibidu a du/ até a quinzi é proibida mas elis usam porque a sardina às vezes tá miúda. (INF01/LAZ) Categoria: Rede.*

**Seio** *sm.* posição em que a rede fica, no intervalo entre uma boia e outra, quando é colocada para pescar. Variante: saco de rede. L2: *nu meu dela ela fica quasi toda deitada porque ela faz u <<seiu>> duma boia pra otra ela faz u seiu ela não fica isticada...ela pesa i intão a boia segura aqui a otra segura di lá i fica naqueli fundu nu meu não tem boia. (I11PESC.ANT) Categoria: Rede.*

**Serra** *sm.* peixe que possui o corpo comprido e escamas pequenas. Ver: peixe; peixe de escama. L2: *o <<serra>> eli é grandi eli é compridu... a iscama deli é miudinha. (I11PESC.ANT) Categoria: Rede, Armadilha, Linha, Pescado.*



**Serreira** *sf.* rede de pesca utilizada para capturar serra. Ver: rede. L2: *aí si eli fôssi pescá nu canal vi::ssi sErra eli comprava uma <<serrera>> pra eli trabalhá. (I11PESC.ANT) Categoria: Rede.*

**Sete grudes** *sf.* peixe de pequeno porte, de cor amarelada, que possui sete grudes. Ver: peixe. L2: *tem as:: <<seti grudi>> a genti pega também por aí eli tem seti grudi aí eli tem u nomi di seti grudi é amarelinho eli também...tem umas grudi menor vai diminuindu a genti tira seti grudi conferi seti grudi...seti grudi também é pexi piquenu <sup>crece</sup> piquenininho. (I04PESC.ADI) Categoria: Rede, Armadilha, Linha, Pescado.*

## T - t

**Tainha** *sf.* peixe escamoso de cor branca e costas escuras. *Ver:* peixe; peixe de escama. *L2:* agora a <<tainha>> ela é branca...é branca cum a costa assim meia iscurinha. (I08PESC.MAR)  
*Categoria:* **Rede, Armadilha, Linha, Pescado.**



**Tainheira** *sf.* rede de pesca utilizada para capturar tainha. *Variante:* zero trinta; trinta por trinta; trinta. *Ver:* rede. *L2 éh:: a <<tainhera>> é:: /é /é a gen/ a genti pesca a tainha. (I01PESC.LAZ)*  
*Categoria:* **Rede.**



**Tarrafa** *sf.* rede de pesca de formato circular que possui chumbos na borda, pode ser lançada na água ou pode ser posicionada em cima de emburateuas para capturar bagres, nesse ultimo caso a malha é maior. *L2:* uma <<tarrafa>> ela é quando teci ela/ela é redonda ela assim a genti manda chumbá i::... tem que tê uma fierá. (I04PESC.ADI) *L2:* u pontu di

*pescá qui u bagri tá aqui né ... i a parti aondi eu sei qui tem pexi eu tenhu qui levá essa <<tarrafa>> aqui i cobrí essi pau aqui óh. (I05PESC.ALV) Categoria: Rede.*



**Tarrafeaar** *v.* pescar utilizando a tarrafa. *Ver:* pescar. *L2:* cum quinze anu quando eu comecei trabalhá de curral... aí di curral foi pescá di re::di foi pescá di ispinhe::l cum a minha irmã a minha irmã eu lá na canoa ela ia botandu u ispinhel negóciu di <<tarrafia>> ai/ai /ai é muito bom. (I14PESC.MAR) *Categoria:* **Rede.**

**Tecer** *v.* fazer as malhas da rede. *L2:* não gostu muito di <<tecê>> eu mandu uma vizinha tecê pra mim L1 i como é qui teci? *L2:* é:: numa VITO::LA numa vitola di pau... a genti tira u tamanhu da malha... assim aí faz aquela vitolinha nu tamanhu da malha aí vai tecendu. (I08PESC.MAR) *Categoria:* **Rede.**

**Tela** *sf.* rede feita com corda fina, utilizada para revestir as paredes e o assoalho do chiqueiro do curral. *L2:* éh:: a <<tela>> você cobri tudu issu aqui di tela issu aqui é u::... na porta deli aqui você bota assim mas for (aberto) pru pexi não saí tá intendendu? aí u pexi entra na correnteza fica lá mesmu. (I07PESC.DOM) *Categoria:* **Armadilha.**



**Tempo da safra** *stm.* período em que aumenta a produção de pescados. L2: *a gó dá mais nessis três mesis abril maiu e junhu qui é u <<tempu da safra>> dela da gó. (IPESC.LAZ) Categoria: Rede, Armadilha, Linha, Pescado.*

**Tenso** *sm.* ver entrada principal: saco. L2: *si não tivé essi <<tensu>> aqui na hora di colhê a tarrafa u pexi cai tudinhu eli cai tudinhu aqui ôh... é essi saquinhu aqui. (I05PESC.ALV) Categoria: Rede.*

**Tiradeira** *sf.* linha do espinhel na qual são dispostos os estrovos com os anzóis. L2: *a <<tiradera>> essa daqui é centu e vinti ou centu e quarenta. (I04PESC.ADI) Categoria: Linha.*

**Trinta** *sf.* ver entrada principal: tainheira. L2: *da rabiadera é a corvina da/ da/ da vinti é a sardinha ou a pratiquera e da/ da/ da zero trinta da <<trinta>> é a tainha ... a trinta ela pega essa parti o pexi menó. (I01PESC.LAZ) Categoria : Rede.*

**Trinta por trinta** *stf.* ver entrada principal: tainheira. L2: *tem a:: <<trinta por trinta>> o/ o/ a malha é u/ u milímetru é trinta e:: u fiu é trinta u plásticu também...a genti pesca tainha. (I05PESC.ALV) Categoria: Rede.*

## U - u

**Uriacica** *sf.* ver entrada principal: uricica. L2: *ái já vem u bagri qui aí tudu é bagri basta sê pexi di ferrão tudu é bagri aí vem u cangatã o Juripiranga a <<uriacica>> aí é assim. (I11PESC.ANT) Categoria: Rede, Armadilha, Linha, Pescado.*

**Uricica** *sf.* peixe de couro, de pequeno porte, que possui três ferrões. Variante: uriacica. Ver: peixe; peixe de couro; peixe de ferrão. L2: *a <<uricica>> ela é:: di ferrão é igual um bagri é um pexinhu ela é di ferrão ela é di ferãozinhu ela tem três ferrão ela é igual um bagri só*

*quí ela é pequenininha. (I07PESC.DOM) Categoria: Rede, Armadilha, Linha, Pescado.*



## V - v

**Vão de caverna** *stm.* espaço entre as madeiras que compõem a caverna da canoa. *L2:* a caverna qui é comu si a custela da genti é uns <<vão di caverna>> entri uma caverna e a otra a genti vai pegandu vai... botandu vai arrumandu só/ só naqueli vão di caverna. (I05PESC.ALV) Categoria: **Rede, Armadilha, Linha, Embarcação.**



**Vara de cinta** *stf.* ver entrada principal: cinta. *L2:* é porque olha você vai tirá o morão vai tirá a <<vara di cinta>> é uma vara grandí. (I07PESC.DOM) Categoria: **Armadilha.**

**Vara de espia** *stf.* haste fina de madeira que é pregada na cinta, entre os moirões, a fim de fechar as lacunas entre os mesmos na espia do curral. *Variante:* varinha. *L2:* chamam <<vara di espia>> uma vara mais fina qui é pra pregá. (I08PESC.MAR) Categoria: **Armadilha.**



**Varinha** *sf.* ver entrada principal: vara da espia. *L2:* u curral a genti só não prega mesmu a rede a genti enrola com uma corda né mas os pau tudu é pregadu um nu otro a cinta é pregada nu moirão a <<varinha>> é pregada na cinta. (I03PESC.MOI) Categoria: **Armadilha.**

**Vazante** *sf.* intervalo em que o nível do mar baixa. *L2:* di <<vazanti>> a maré vai/ vai baixandu. (I03PESC.MOI) Categoria: **Rede, Armadilha, Linha, Fenômeno da natureza.**

**Venda em grosso** *stf.* negociação de uma quantidade grande de pescados. *L2:* a genti vendi...conformi u compradô ((barulho)) a genti vendi eu não vendu a retalhu u quilu a quilu aqui entendeu balancinha piquena vendo pesada di trinta quilus quarenta vinti assim eu vendu...a <<venda em grossu>> qui a genti fala vendi em grossu. (I10MAR.VAL) Categoria: **Rede, Armadilha, Linha, Pescado.**

**Vinte e cinco** *stf.* ver entrada principal: camaroeira. *L1* qual foi u otro tipu qui u senhor falou? *L2* a/ a du camarão... é a <<vinti e cincú>> é vinti e cincú a linha i vinti i cinco u diâmetro da malha. (I01PESC.LAZ) Categoria: **Rede.**

## Z - z

---

**Zero trinta** *stf.* ver entrada principal: tainheira. L2: *é:: já ai/ já é di/ já é:::/: é otro tipu di material é com essa aqui com a <<zeru trinta>>... essa aqui é trinta óh trinta por trinta é trinta u/ u/ u/ a linha e trinta u diâmetru da malha. (I01PESC.LAZ) Categoria: **Rede.***

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, desenvolvida na comunidade Vila dos Pescadores de Ajuruteua, em Bragança-PA, nos propomos a investigar o léxico de especialidade da pesca, com o propósito de identificá-lo e repertoriá-lo, a fim de registrar os saberes em torno dessa área de especialidade, construídos tradicionalmente, na convivência diária entre os que a praticam na referida localidade. Assim, apresentamos, como resultado deste instigante estudo em torno desse saber, um glossário terminológico, que traduz essa experiência cultural dos pescadores e marreiros, através dos termos que eles elegem para interagir no contexto em que estão inseridos.

Considerando a abordagem socioterminológica, que aproxima a linguagem e o aspecto social, realizamos uma pesquisa *in loco*, que nos possibilitou conhecer os usos concretos dos termos na comunidade selecionada para este estudo. Assim, o ponto de vista etnográfico foi essencial para o desenvolvimento deste estudo, contribuindo para que pudéssemos compreender a realidade a partir da perspectiva dos que nela estão inseridos.

A partir do contato com a comunidade, conseguimos observar como a atividade pesqueira é realizada cotidianamente por esse grupo e de que forma ela é percebida e organizada pelo mesmo. Essa postura possibilitou-nos identificar a realização de três categorias de pesca, a saber: rede, armadilha e linha. Foi possível observar também como os saberes relativos à pesca, praticada de modo artesanal na comunidade, são aprendidos pelos pescadores jovens a partir da convivência com os que possuem mais experiência, por meio da oralidade. Nesse processo de ensinar aos mais jovens o que sabem sobre como praticar boas pescarias, os mais experientes realizam a tradução dos conhecimentos que possuem sobre a atividade. Dessa forma, os conhecimentos, acumulados através das gerações, são apreendidos e ressignificados pelos jovens que ainda se dedicam à profissão, pois a pouca valorização do trabalho do pescador, assim como a escassez de recursos pesqueiros na região, tem desmotivado muitos a dedicarem-se à atividade pesqueira.

Observarmos de perto o universo da pesca, entrevistamos os pescadores e marreiros que desenvolvem suas atividades profissionais na referida comunidade, e, a partir da linguagem utilizada no cotidiano pelos mesmos, constituímos um *corpus*, que foi tratado com o auxílio de *softwares* desenvolvidos para esse fim. O software AntConc 3.4.4 w possibilitou a seleção semiautomática dos termos, proporcionando agilidade e segurança devido às funções que disponibiliza, que possibilitaram analisar o *corpus* integralmente, auxiliando-nos tanto na seleção dos termos quanto na delimitação dos sintagmas terminológicos, o que é uma

das tarefas mais complexas para um terminólogo. O software Lexique Pro permitiu o registro dos termos e a organização macro e microestrutural do glossário, conforme as decisões que tomamos acerca da apresentação do repertório, e a inclusão de imagens que retratam os saberes pesqueiros nesta comunidade, o que possibilita ao consulente ter uma percepção mais clara acerca dos conceitos apresentados nas definições.

O glossário, resultante deste estudo, é composto por 236 termos, que expressam os saberes referentes à atividade pesqueira nessa comunidade e refletem os aspectos sociais, culturais e históricos inerentes a essa prática, e pretende ser um meio de consulta útil para o público a que se destina.

O registro da referida terminologia possibilita, assim, que esses saberes tradicionais sejam resguardados, oportunizando tanto a esta quanto às futuras gerações acessá-los, pois a cultura apresenta um dinamismo constante, ou seja, não permanece estática, mas sofre constantes mudanças, que são percebidas na língua, especialmente através do léxico. Assim, ao se registrar uma parte deste, em um determinado momento histórico, se está possibilitando que este saber não se perca.

O processo de tradução que realizamos, contribui, assim, para que esse saber possa ser acessado por outras pessoas, além daquelas que já participam dele cotidianamente, através de um instrumento de consulta a que se pode recorrer quando se desejar.

O presente estudo também pode servir como ponto de partida para novas investigações acerca do léxico da pesca. Estamos cientes de que este trabalho não se encerra neste momento, apesar de o estarmos concluindo, o que nos motiva a dar continuidade à pesquisa e investigar, por exemplo, o léxico da pesca em outras comunidades pesqueiras da microrregião bragantina, com o intuito de compor um repertório que contemple outras práticas culturais em torno desta atividade especializada, considerando a sua diversidade nos diferentes territórios da região.

## REFERÊNCIAS

- BARBOZA, Roberta Sá Leitão. **Interface Conhecimento Tradicional-Conhecimento Científico: Um Olhar Interdisciplinar da Etnobiologia na Pesca Artesanal em Ajuruteua, Bragança-Pará**. 2006. 126 f. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Biologia Ambiental, Universidade Federal do Pará, Bragança, 2006.
- BARROS, Lídia Almeida. **Curso Básico de Terminologia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Léxico e Vocabulário Fundamental**. São Paulo: Alfa, 1996.
- BRASIL, **Lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009**. Dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca, regula as atividades pesqueiras. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/lei/11959.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/11959.htm)>. Acesso em: 15 maio. 2016.
- BRASIL. MINISTÉRIO DE PESCA E AQUICULTURA (MPA). **1º Anuário Brasileiro de Pesca e Aquicultura**. 2014. Disponível em: <[formsus.datasus.gov.br/novoimgarq/16061/2489520\\_218117.pdf](formsus.datasus.gov.br/novoimgarq/16061/2489520_218117.pdf)> Acesso em 10 out. 2016.
- \_\_\_\_\_. **Boletim Estatístico de Pesca e Aquicultura**. (2011). Disponível em: [www.icmbio.gov.br/cepsul/.../estatistica/est\\_2011\\_bol\\_\\_bra.pdf](http://www.icmbio.gov.br/cepsul/.../estatistica/est_2011_bol__bra.pdf). Acesso em: 10 out. 2016.
- BURKE, Peter; HSIA, Po-chia R. (Org.) **A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna**. São Paulo: UNESP, 2009.
- CABRÉ. La Terminología, una disciplina en evolución: pasado, presente y algunos elementos de futuro. **Debate Terminológico**, n. 1, 2005. Disponível em: <[www.seer.ufrgs.br/riterm/article/download/21286/12263](http://www.seer.ufrgs.br/riterm/article/download/21286/12263)>. Acesso em: 01 set. 2016.
- CARVALHO, Lucivânia Pereira de. **Glossário Semi-sistemático da Terminologia do Pescado em Santarém**. 2006. 182f. Dissertação, Centro de Letras e Artes, Mestrado em Linguística, Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.
- DIAS, Manuel Afonso. **Breves notas sobre a história da pesca**. Pescas e Aquicultura. FCMA- Universidade do Algarve. 2006/2007. Disponível em: <[w3.ualg.pt/~madias/docencia/paq/BrevesNotasHistoriaPesca.pdf](http://w3.ualg.pt/~madias/docencia/paq/BrevesNotasHistoriaPesca.pdf)>. Acesso em: 12 mar. 2015.
- DIEGUES, Antônio Carlos. A Sócio-Antropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil. **Etnográfica**, Lisboa, v. 3, p. 361-375, 1999. Disponível em: <



DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. São Paulo: Ática, 1983.

FAULSTICH, Enilde. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 3, 1995. Disponível em: <revista.ibict.br/ciinf/article/download/566/567>. Acesso em: 05 jul. 2014.

\_\_\_\_\_. A socioterminologia na comunicação científica e técnica. **Ciência e cultura**, São Paulo, v. 58, n. 2, abr./ jun., 2006. Disponível em:<www.cienciaecultura.bvs.br>. Acesso em: 05 jul. 2014.

\_\_\_\_\_. Entre a sincronia e a diacronia: variação terminológica no código e na língua. In: SIMPÓSIO DA REDE IBEROAMERICANA DE TERMINOLOGIA (RITERM), 6., 1998a, Havana. **Anais...** Havana, 1998.

\_\_\_\_\_. Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista. **Tradterm**, São Paulo, v. 7, p. 11-40, 2001. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49140/53222>. Acesso em: 06 dez. 2014.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar de O. Andrade. **Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FIDELLIS, Carolina de Nazaré Aleixo. **A pesca de curral no município de São Caetano de Odivelas-PA**. 100 f. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Ecologia Aquática e Pesca, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013. Disponível em: <www.ufpa.br/ppgeap/images/stories/PPGEAP\_Dissertacao>. Acesso em: 20 mar. 2016.

ISAAC, Victoria Judith; ESPÍRITO-SANTO Roberto Vilhena do. Desembarques da pesca de pequena escala no município de Bragança – Pa, Brasil: esforço e produção. **Boletim do Laboratório de Hidrobiologia**, São Luís, v. 25, n. 1, p. 31-48, 2012. Semestral.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO. Maria José Bocorny. **Introdução à Terminologia: Teoria e Prática**. São Paulo: Contexto, 2004.

KADER, Cárla Callegaro Corrêa; RICHTER, Marcos Gustavo. Linguística de corpus: possibilidades e avanços. **Instrumento: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora**, v. 15, n. 1, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://instrumento.ufjf.emnuvens.com.br/revistainstrumento/article/view/2641>. Acesso em: 18 dez. 2016.

LÉVI-STRAUS, Claude. A Ciência do Concreto. In: \_\_\_\_\_. **O pensamento Selvagem**. Campinas: Papirus, 1997.

LIMA, Alcides Fernandes de; MARTINS, Arlon F. Carvalho. Utilização do programa Lexique Pro na elaboração de glossários e dicionários eletrônicos. In: RAZKY, Abdelhak et al. (Org.). **Estudos Sociodialetais do Português Brasileiro**. Campinas: Pontes Editores, 2014.

LIMA, Walter Chile Rodrigues. Saber tradicional: Suporte para o exercício da territorialidade de uma comunidade no estuário amazônico. **Revista Ensaio Geral**, Belém, v.1, n.1, 2009.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MORAES, Sérgio Cardoso de. Conhecimentos tradicionais na pesca artesanal. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 5, n. 2, p. 88-105, ago.2011. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/272857101\\_CONHECIMENTOS\\_TRADICIONAIS\\_NA\\_PESCA\\_ARTESANAL](https://www.researchgate.net/publication/272857101_CONHECIMENTOS_TRADICIONAIS_NA_PESCA_ARTESANAL)>. Acesso em: 18 dez. 2015.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A Gramática Funcional**. São Paulo: Editora Martins, 2004.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

PAZ, Octavio. **Traducción: literatura e literalidad**. Barcelona: Tusquets, 1971.

PEREIRA, Luci Cajueiro Carneiro et al. Formas de ocupação e uso na praia de Ajuruteua – Pará (Brasil). **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Paraná, n. 13, p. 19-30, jan./ jun. 2006. Editora UFPR. Disponível em: <[revistas.ufpr.br/made/article/download/4788/14422](http://revistas.ufpr.br/made/article/download/4788/14422)>. Acesso em: 10 jul. 2016.

PONTES, Antônio Luciano. **Dicionário para uso escolar: o que é, como se lê**. Fortaleza: EDUECE, 2009.

RODRIGUES, Elias Maurício da Silva. **Glossário eletrônico da terminologia da farinha de mandioca na Amazônia paraense**. 2015. Tese (Doutorado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

SANTOS, Marcos Antônio de Souza dos. A Cadeia Produtiva da Pesca Artesanal no Estado Do Pará: Estudo de Caso no Nordeste Paraense. **Amazônia: Ci. & Desenv**, Belém, v.1, n.1, p. 61-81, jul. /dez. 2005. Disponível em: <[www.avesmarinhas.com.br/Cadeia%20produtiva%20da%20pesca%20artesanal%20Pa](http://www.avesmarinhas.com.br/Cadeia%20produtiva%20da%20pesca%20artesanal%20Pa)>. Acesso em: 10 out. 2016.

VELASCO, Ideval. O léxico da pesca em Soure - Ilha do Marajó. In: RAZKY, Abdelhak (org.). **Estudos Geo-Sociolinguísticos no Estado do Pará**. Belém: Gráfica e Editora Grafia, 2003.

## **APÊNDICE**

## APÊNDICE A – DADOS DOS INFORMANTES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGENS E SABERES NA AMAZÔNIA  
PESQUISADORA- Juciany De Lima Soares  
PESQUISA - Os termos da Pesca na Vila Dos Pescadores de Ajuruteua (Bragança-Pa): Uma Abordagem Socioterminológica.  
ORIENTADORA - Profa. Dra. Carmem Lúcia Reis Rodrigues

### DADOS DOS INFORMANTES

CÓDIGO:	
1. Nome:	
2. Alcunha:	3. Sexo: M ( ) F ( )
4. Data de Nascimento:	5. Idade:
6. Estado civil: <input type="checkbox"/> solteiro(a) <input type="checkbox"/> casado(a) <input type="checkbox"/> viúvo(a) <input type="checkbox"/> outro	
7. Naturalidade:	
8. Com que idade chegou à comunidade? (caso não seja natural da localidade pesquisada)	
9. Endereço:	
10. Escolaridade:	11. Telefone:
12. A quanto tempo trabalha na pesca?	
13. Observações:	

## APÊNDICE B – ENTREVISTA - PESCADORES.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGENS E SABERES NA AMAZÔNIA  
PESQUISADORA- Juciany De Lima Soares  
PESQUISA- Os termos da Pesca na Vila Dos Pescadores de Ajuruteua (Bragança-Pa): Uma Abordagem Socioterminológica.  
ORIENTADORA- Profa. Dra. Carmem Lúcia Reis Rodrigues

### ENTREVISTA - PESCADORES

<b>DADOS PESSOAIS</b>	
Nome:	
Conhecido (a) como:	
Naturalidade:	
Há quanto tempo o (a) senhor (a) pesca?	
Com que frequência?	
Finalidade da pesca.	alimentação ( ) comercialização ( )
É a sua principal fonte de renda?	Sim ( ) Não ( )
Realiza outra atividade remunerada?	Sim ( ) Não ( )
1.	Para o (a) senhor (a) a pesca é importante? Por quê?
2.	Onde o (a) senhor (a) pesca?
3.	Nesse lugar ou nesses lugares tem diferença no pescado?
4.	O que o (a) senhor (a) pesca?
5.	O (a) senhor (a) pesca com quem? Sua família participa da pesca?
6.	Quais são os preparativos necessários para a pesca?
7.	Quais métodos de pesca o (a) senhor (a) conhece?
8.	Quais utiliza?
9.	Como o (a) senhor (a) realiza sua pesca? Que materiais são utilizados? Fale sobre como é sua pesca.
10.	Existe mais de uma maneira de se utilizar o mesmo instrumento?
11.	Quais são os peixes que o (a) senhor (a) pega? Como o (a) senhor (a) faz para pegar esses peixes? Qual o mais difícil de ser pescado?
12.	Como são esses peixes?
13.	Como são consumidos?
14.	Como (a) senhor faz para localizar os cardumes? Utiliza algum instrumento?
15.	Depois de pescar (a) senhor faz a venda do pescado? Como é essa venda?

## APÊNDICE C – ENTREVISTA - MARRETEIROS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGENS E SABERES NA AMAZÔNIA  
PESQUISADORA- Juciany De Lima Soares  
PESQUISA - Os termos da Pesca na Vila Dos Pescadores de Ajuruteua (Bragança-Pa): Uma Abordagem Socioterminológica.  
ORIENTADORA- Profa. Dra. Carmem Lúcia Reis Rodrigues

### ENTREVISTA - MARRETEIROS

DADOS DO INFORMANTE	
Nome:	
Conhecido como:	
Naturalidade:	
Há quanto tempo vende peixes?	
É a sua principal fonte de renda?	Sim ( ) Não ( )
Realiza outra atividade remunerada?	Sim ( ) Não ( ) Qual?
1. Para o (a) senhor (a) a pesca é importante? Por quê?	
2. Como o senhor adquire o pescado para vender?	
3. Onde é realizada a venda?	
4. Como são estabelecidos os preços?	
5. Qual o peixe que tem o melhor preço? Qual é o mais vendido?	
6. Como o senhor pesa o peixe?	
7. Como faz para conservar o pescado?	
8. A venda é apenas em Ajuruteua ou em Bragança?	
9. Quando o senhor vende em Bragança como é essa venda? Em que local?	
10. Como o senhor transporta o pescado?	
11. Como se denomina o profissional que compra e revende o peixe?	

**ANEXO**

## ANEXO A - NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO CORPUS

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	L2: aí tem qui () di primero a genti fincava no braçu
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	L2: é um pexi amareladu eli cresci (chumbu) di trinta quilu quarenta quilu
Truncamento (havendo homografia usa-se acento indicativo da tônica e/ ou timbre)	/	L2: chega a maresada di eu tirá intão eu disman/ dismanchu
Entoação enfática	Maiúsculas	L2: pra eli dá PEXi a genti tem di:: com a maré:: vazandu assim
Alongamento de vogal ou consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::: ou mais	L2 a ravidêra é::: um pedaçu di redi cum duas cordas
Silabação	-	
Interrogação	?	L2: emburateua já ouviu dizer emborateua?
Qualquer pausa	...	L2: eli é tipu um::... um sapu
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	L2: aí cai um bichu si não vai morre ((risos)) assim mesmo é o curral
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	_ _	
Superposição, simultaneidade de vozes	Ligando [ As linhas	L1: por que qui ela é chamada redi zeru trinta? [ L2: tainhêra?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	
Citações literais, reproduções de discurso direto ou leituras de textos, durante a gravação.	“ ”	“bateu na redi é pexi”
<p>Observações:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Iniciais maiúsculas: não se usam em início de períodos, turnos e frases.</li> <li>2. Fáticos: <i>ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, tá</i> (não por <i>está: tá?</i> você <i>está</i> brava?)</li> <li>3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.</li> <li>4. Números: por extenso.</li> <li>5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).</li> <li>6. Não se anota o cadenciamento da frase.</li> <li>7. Podem-se combinar sinais.</li> <li>8. Não se utilizam sinais de pausa típicos da língua escrita. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.</li> </ol>		

Fonte: Adaptado de (Andrade; Aquino; Fávero, 2000, p. 118-119.)